

Este número é dedicado à exploração do ser.

ISSN 2237-9762

iátrico

nº31



*EM BUSCA
DE SENTIDO*



4 EM BUSCA DE SENTIDO

Vida e razão à liberdade.

7 HORRORES SEMPRE

Repúdio ao poder sem limites.

18 DIALÉTICA DA MUDANÇA

Verdades e mentiras no tempo.

26 ENCONTRO MERCADO

Nelson Rodrigues de coração aberto.

29 DOIS PESOS SEM MEDIDA

Saudade da leveza linguística.

38 GALERIA

Bronzes e mármore ímpares.

49 SANTO DE CASA

Familiaridades do cotidiano.

50 PALAVRAS E SONHOS

A expressão pela música.

52 FLORES DE OBSESSÃO

Woody e evocações eruditas.

70 CADERNOS DE VIAGEM

Ancestrais e uma história mal contada.



A CAPA

O **IÁTRICO** sempre foi antitotalitário. Sempre professou a liberdade individual e a imaginação. Sempre foi cômico de que onde acaba o sistema legal, viceja a violência. Onde se esquece a ética, predomina a barbárie. Este número, porém, é explícito. Mostra que qualquer sistema polar, à direita ou à esquerda, descamba para a nulidade do indivíduo. Por isso, deixa sua marca indelével pelo convívio dos contrários, pela elaboração dos conflitos, pela paz entre os homens. E a análise que fazemos nos textos que se seguem tem sua síntese no conjunto de mármore e bronzes, denotando a serenidade e o equilíbrio que tanto nos fazem falta. Paz, filha da humildade. Sonho de respeito pelo outro. Belíssima e enigmática, a obra anônima da capa exalta esta reflexão.

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ - EDIÇÃO Nº 31 CRM-PR - Rua Victório Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | Email: iatrico@crmpr.org.br | Comissão de Comunicação: João Manuel Cardoso Martins, Carlos Roberto Goytacaz Rocha, Alexandre Gustavo Bley (presidente do CRM-PR), Miguel Ibraim Abboud Hanna Sobrinho, Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hélcio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira | Editor-coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Membro da Academia Paranaense de Medicina e Professor da PUC-PR) | Coeditor: Hernani Vieira (CTRS 993/06/98v - SINDIJOR 816) | Projeto Gráfico e Diagramação: Leonardo Escorsim | Impressão: Graciosa Gráfica e Editora | Tiragem: 24.000 exemplares | Fotografias e Imagens: Luiz Augusto Costa - Edição Novembro/Dezembro 2012.

Fundamentos da revista

O IÁTRICO não subestima a informação. Só deixa claro que, isolada, leva ao eruditismo, não à cultura. A cultura é um saber de segundo grau, ou seja, o saber do próprio saber. É isso que desejamos, não nos reduzirmos aos dados, valiosos em si, e, sim, à interpretação. Por isso, pelo valor intrínseco da interpretação, somos contra ideologias e sistemas restritos que tornam o indivíduo servil dos mesmos. Não queremos o simples ajustamento às ideias, que nos imobilizam, nos tornam autômatos, mas, fazemos preito ao espírito independente por conta e risco. Nisso compactuamos com o desejo humano que ambiciona voos culturais mais elevados. Onde encontrá-los? Na literatura e na poesia que nos libertam, e dão vezo à imaginação e deixam qualquer artista, da música à pintura, mais consistente quanto à criação de suas belezas.

O príncipe dessa cultura é o ensaio. O que ele faz? Analisa e faz compreender, de maneira descontraída e sem compromisso ideológico. É generalista e dá fluidez natural à razão, sem evitar a emoção. Seu único e

exemplar compromisso é o livre exame, sem subornar a personalidade do ensaísta. Dá testemunho da liberdade do indivíduo e de sua gente. Razão bastante para o **IÁTRICO** se associar aos modos libertários de ser.

E há de perguntar o leitor, como ficam nisso a ciência e a tecnologia? No lugar delas, são essência do que fazemos enquanto profissionais de saúde, nossa matéria-prima. Mas, de nada adianta termos uma boa ciência capaz de atenuar sofrimento, curar doenças e prevenir outras, se não soubermos por via da arte médica tornar o conhecimento e a técnica amigáveis do ser humano, compreensíveis às pessoas; e a linguagem é o conduto natural da nobre arte. Como exercê-la? É aí que entram os fundamentos do **IÁTRICO**. ❶

"De nada adianta termos uma boa ciência capaz de atenuar sofrimento, se não soubermos por via da arte médica tornar o conhecimento e a técnica amigáveis do ser humano."



Leopoldo de Almeida (1898-1975)

Em busca de sentido

Certa vez um aluno me perguntou: professor, qual sua missão? Incontinenti respondi: conhecer e levar aos outros um pouco desse parco conhecimento. O que poderia ter sido uma iluminação momentânea não o foi; na verdade, foi fruto de um longo período de clareamento da consciência e teve um provocador, os escritos de um dos maiores homens do século passado: Viktor Emil Frankl.

Em setembro de 1997 estava a caminho da Europa, em férias, quando no avião peguei a revista *The Economist*. O obituário, o melhor que já li pela elegância e profundidade, me entristeceu. Morrerá Viktor Frankl aos 92 anos.

Nunca esquecera passagens inteiras de *Man's Search For Meaning*, escrito em nove dias depois de sair de um campo de concentração ao final da 2ª Guerra Mundial.

Nunca esquecera os rigores, maus tratos e a destruição que passara para sobreviver aos campos de concentração. Sim, no plural.

Nunca esquecera que no primeiro, depois de dar falta de alguns companheiros, perguntou a um colega onde estavam. Esse, apontando a fumaça que saía da chaminé, disse: estão subindo! Nunca esquecera que fora grande nas três dimensões em que se pode ajuizar o homem: inteligência, coragem e amor ao próximo. Nunca esquecera sua luta pela busca de sentido numa vivência de absurda futilidade, de nonsense paroxístico e recorrente.

Que não era um homem comum, sabe-se. Afinal, com apenas 16 anos (nascera em 1905), na Viena dos grandes psicanalistas, escreveu um ensaio e o enviou a Freud. Este lhe escreveu que ficara impressionado e que o recomendara para publicação numa revista de psicanálise, o que aconteceu três anos depois.

Pois, o jovem que impressionara Freud, e que se tornou

neurologista e psiquiatra, não foi pelo estudo da ciência que encontrou o sentido, a missão do ser humano sobre a terra. Foi observando os colegas de cativeiro em face das intempéries, iniquidades e brutalidades, que notou quem mais tinha capacidade de sobreviver, de vencer a depressão, de evitar o suicídio. Como se dizia, "ir para o fio", morrer na cerca eletrificada. E ficou-lhe claro que o autodomínio e a sanidade estavam ao lado de quem tinha forte senso do dever, uma missão. Podia ser a fé, a vocação ou a esperança de reencontrar as pessoas amadas. Mas, qualquer que fosse o motivo, o mesmo estava sempre impregnado de amor. Escreveu: "A verdade é que o amor é o derradeiro e mais alto objetivo a que o homem pode aspirar. Então captei o sentido do maior segredo que a poesia humana e o pen-

samento humano têm a transmitir: a salvação do homem é por meio do amor e no amor".

Não pense o leitor que seja mera passa-

gem melíflua. O amor a que se refere Frankl não é apenas a inclinação pelo outro, ou o ponto mais alto da fé, é também autonomia, liberdade e valor de consciência. É a libertação do espírito, e não sua submissão ao materialismo, ao consumo desenfreado, à escravidão grifada. Tal submissão tolhe o rumo, não deixa antever um destino, e enche os consultórios dos psicoterapeutas. Tal submissão não aclara a história exclusiva de cada um de nós, indivíduos únicos e irrepetíveis. Não permite que ajamos de acordo com quem somos. Não permite descobrirmos qual nossa missão, descobrirmos quem somos. Descoberta que é lenta, pois mister se faz ouvirmos nossos profundos desejos, intuições, nossa paz solitária e nossa alegria social, ou seja, realizar o melhor de nós mesmos. O contrário disso sendo a alma desatendida e a somatização consequente.

*"A verdade é que o amor é o derradeiro e mais alto objetivo a que o homem pode aspirar."
(Victor Frankl)*

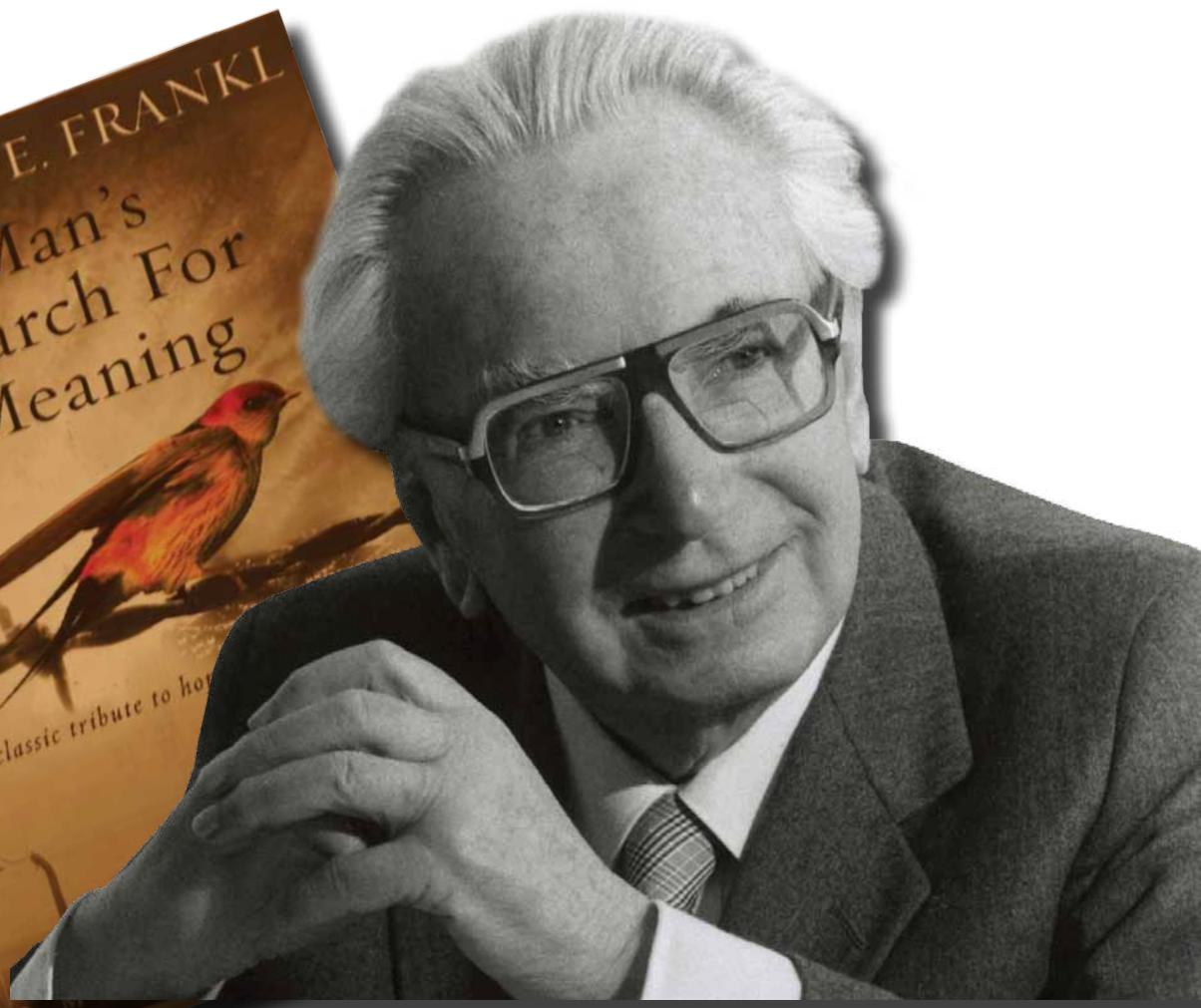
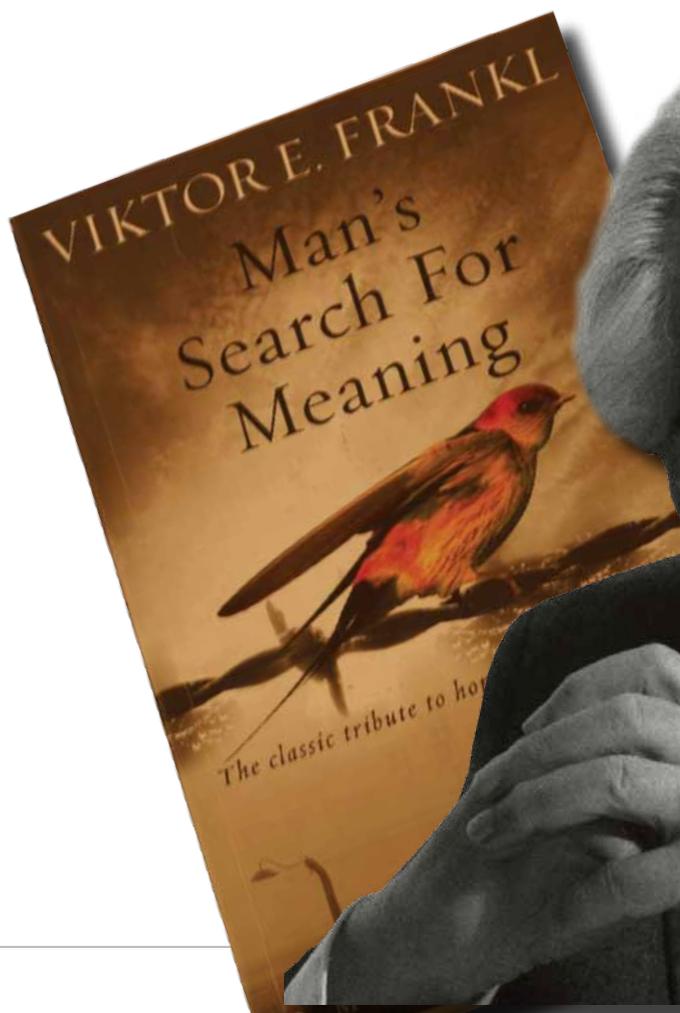
"Frankl foi um iluminador de porões existenciais e, portanto, das doenças do espírito, que chamava de 'noogênicas'".

Qual a pergunta fundamental em que se apoia Frankl para ir ao encontro do sentido da vida? Ei-la: "Que é que eu devo fazer e que não pode ser feito por ninguém, absolutamente ninguém exceto eu mesmo?" Embora de valor universal, essa resposta é sempre individual, só eu posso encontrá-la. O que serve para um, não tem serventia a outro. Talvez o traço de união seja o trabalho; o trabalho com amor e sentido. O que faz de um tempo de alto desemprego mundial uma carência individual de grande peso. E Frankl certamente ficaria desapontado quando os políticos bebendo em suas águas límpidas cinicamente deformam o slogan: "pegue sua bicicleta e procure", como se tudo se restringisse à falta de vontade individual. Condições devem ser dadas para

que um trabalho devotado seja um dos sentidos da vida.

Frankl foi um iluminador de porões existenciais e, portanto, das doenças do espírito, que chamava de "noogênicas". Noogênico quer dizer "proveniente do espírito". Com isso deu luz à logoterapia – a terceira escola vienense, depois da de Freud e Adler –, ou terapia do discurso. Mas, cuidado, sentido não pode ser inventado pela mente, como fórmula universal. Ele tem que surgir cristalino da mente; não é uma construção, é uma abertura superior que a mente tem que encontrar para se transcender. Enfim, é um advento.

Yeats afirmou que os melhores careciam de convicções, e os piores estavam cheios de intensidade passional. Pois, Frankl tinha convicções e nunca perdeu a paixão pelo humano. Aleluia! **!**



Horrores

O leitor que acabou de ler o sofrimento de

Viktor Frankl num campo de concentração e sua luta para manter a sanidade poderá pensar: ufa!, que bom que tudo isso acabou. Não, prezado leitor, não só não acabou como continuará enquanto houver regimes totalitários, seja à esquerda ou à direita, porque a primeira coisa que qualquer absolutismo faz é tirar a liberdade de expressão. Os nossos jovens que vivem num país de quase total liberdade não sabem o preço de sua privação. Sejam os extremos de direita ou esquerda, como nazismo ou comunismo, todos se equivalem nos métodos de coerção. Basta dizer que, neste momento, na Coreia do Norte existem mais de 200 mil "inimigos do povo" em campos de concentração sob regime de trabalhos forçados, torturas e execuções sumárias. E crianças nascidas nesses campos que simplesmente não conhecem o significado de liberdade.

Volto a dizer, hoje, o que Viktor Frankl enfrentou, milhares continuam enfrentando. Por isso, a recusa firme e destemida a qualquer totalitarismo deve ser profissão de fé individual. Qualquer complacência ou leniência aos extremos deve ser combatida, e os intelectuais, jornalistas, ou quaisquer setores de formação de opinião, não podem se abster de suas obrigações libertárias, sob pena de estarem mancomunados aos catecismos extremistas, já que estes têm as mesmas afinidades estruturais como bem apontou Hannah Arendt em *Origens do totalitarismo* ou Friederich Hayek em *O caminho da servidão*. Não nos iludamos, todos os totalitarismos se julgam portadores de uma superioridade moral

e longe estão de cultuar o valor da liberdade individual, sem o que não existe pluralidade de opiniões, o que é assegurado constitucionalmente por qualquer democracia que se preze. Imperfeitas, sabemos, mas as menos ruins das formas de governo. Pois permitem manter as diferenças entre os indivíduos, já que o igualitarismo é um sonho rousso-niano de uma noite de verão, porque não leva em consideração o desejo e as aspirações individuais, que permitem criar e inventar o novo, e distribuí-lo na medida do possível, já que todos não são iguais, e a preguiça deita raízes.

Por isso, direitos e deveres, sim, devem ser equitativos, com reparações aos que com doenças genéticas ou adquiridas, ou por impossibili-

dade social, não conseguem autonomia individual, não conseguem perseguir sonhos e anseios básicos por conta própria.

Um regime democrático é um regime de contenção, não de repressão. De liberdade, não de intolerância. De modo que cada um possa contribuir para um alcance social mais digno, a seu modo e dentro de suas possibilidades, preservando a liberdade e a autonomia de ser, sem ditames ideológicos de submissão. Só assim poderemos ter um horizonte sem cercas eletrificadas, a não ser aos hostis do convívio humano civilizado. Que também os há, terroristas ou doentes, já que a liberdade absoluta do homem também é uma utopia. Bonita na poesia. E nos gabinetes dos que não têm contato com a realidade. Os inocentes da ingenuidade ou os concupiscentes do alheio. **f**

"A recusa firme e destemida a qualquer totalitarismo deve ser profissão de fé individual."

Horrores sempre

A 2ª grande guerra estava praticamente terminada em 13 de fevereiro de 1945 (acabaria meses depois) e os ingleses num "raid" aéreo destruíram cirurgicamente Dresden. Quase nada restou. Já em ruínas voltaram a bombardeá-la para que não houvesse qualquer recomposição civil. Ainda por cima, os americanos completaram o serviço. Morreram dezenas de milhares civis. Tudo foi destruído, de moradias a brinquedos. Essa incineração também ocorreu em Hamburgo e Colônia. Quando as forças por terra chegaram, russos, americanos e ingleses fizeram o trabalho final que consistiu de estupros em massa, muitos coletivos, e outras barbaridades melhor não descrevê-las. E se mantiveram os

campos de concentração de Auschwitz e Theresienstadt por algum tempo, agora com novos inquilinos. O que significa isso? Que guerra é guerra, sempre uma tragédia, e os civis são sempre os que pagam o maior preço. O peso da degradação. O humano quando desprovido de contenção da lei é sempre brutal, desenvolvendo os instintos da barbárie. Sem lei e organização social – por mais superficiais que sejam –, a barbárie come solta, sem freios nem contenção. O totalitarismo é o responsável pela falta da costura ética, quaisquer sejam suas cores, daí nosso repúdio ao poder sem limites. Da direita à esquerda, com os radicais de sempre. Como consequência a população civil sofre por anos de carência, carestia e falta de instituições organizativas básicas para a decência humana. **❶**

"O totalitarismo é o responsável pela falta da costura ética, quaisquer sejam suas cores, daí nosso repúdio ao poder sem limites."



O inferno nunca sai da alma

Uma placa no museu Judaico de Cracóvia

registra um diálogo imaginário entre mãe e filha em que a menina diz: “Mamãe, quando eles nos matarem, vai doer?”. A mãe responde: “Não, queridíssima, não vai doer, vai levar só um minuto”.

Comentário abaixo do diálogo: “Pode ter levado só um minuto, mas foi o suficiente para nos manter desper- tos até o fim dos tempos”.

Profético. A dor pelo assassinato de 1,1 milhão de judeus, só no complexo Auschwitz-Birkenau, perto de Cracóvia, perdura até hoje na alma dos judeus, como deveria perdurar na alma da humanidade. Não foi um crime só contra os judeus, o que já seria intolerável, mas contra a condição hu- mana.

Não apenas porque em Auschwitz-Birkenau morreram também en- tre 140 mil e 150 mil po- loneses, 23 mil ciganos, 15 mil prisioneiros de guerra soviéticos e 25 mil pessoas de outras etnias. Mas prin- cipalmente porque uma máquina meticulosa de matar despojou da condição humana todas essas pessoas e milhões mais em outros pontos da Europa.

Quando a mãe e a menina do diálogo imaginário fo- ram levadas para a câmara de gás de Birkenau, já es- tavam mortas. Elas, como todos os judeus trazidos de toda a Europa para os 30 km² que abrigavam o comple- xo de Auschwitz, já haviam perdido suas casas, seus tra- balhos, seus objetos pessoais, suas posses, seus seres queridos, rigorosamente tudo o que possuíam.

“Quem perde tudo muitas vezes perde a si mesmo”, escreveu Primo Levi, judeu italiano, prisioneiro de Aus- chwitz, um sobrevivente que é talvez o mais completo narrador dos horrores do campo.

Levi escreveu também que quem esteve em Aus- chwitz nunca conseguirá sair e quem não esteve nunca conseguirá entrar.

É tanto verdade que se suicidou em 1987, mais de 40 anos depois de deixar o inferno. Dele diria o Prêmio No- bel da Paz (1986) Elie Wiesel, outro sobrevivente de Aus- chwitz: “Primo Levi morreu em Auschwitz 40 anos depois”.

De fato, eu confesso que, como parte de um grupo de jornalistas que o Congresso Judaico Latino-America- no trouxe para uma visita-aula aos locais emblemáticos do Holocausto na Polônia, saio com mil perguntas e quase nenhuma resposta.

Principal pergunta: por que construir uma indústria

da morte se ela não servia para derrotar os Exércitos inimigos, se não servia para ocupar territórios? (a Polônia já fora ocupada no início

da guerra, em 1939, antes portanto da entrada em ope- ração da máquina de matar).

O que assusta, entre tantos horrores, é que permanece a tentação em muitas partes do mundo, mesmo na Euro- pa, de eliminar o “outro”, o supostamente diferente, seja judeu, cigano, hutu ou tutsi (em Ruanda), muçulmano.

Nada, é claro, teve, antes como depois do Holocaus- to, a dimensão do que se fez em Auschwitz e outros campos e guetos. Mas direitos humanos, direito à vida, não podem ser medidos por quilo.

Por isso, vale a frase do filósofo espanhol Jorge de Santayana y Borrás (mais conhecido como George Santayana), gravada na entrada do “Bloco 4” de Aus- chwitz: “Quem não relembra a História está condenado a vivê-la de novo”.

Clóvis Rossi (SP), da Folha.

"Quem esteve em Auschwitz nunca conseguirá sair e quem não esteve nunca conseguirá entrar." (Primo Levi)



Carta na noite

Sozinhos em Varsóvia os destroços erram
Sobre minha única filha...
Talvez você a veja, talvez você a encontre...

- Conte a todos
Sobre qual caminho ela foi man-
dada por engano?

Tome-a a si e diga à criança:
Hoje ainda seco as ocultas lágrimas
Por causa da pequena e de-
samparada menina

Que há tempos foi queimada em Auschwitz.

Tradução: Anna Casarin (SC).
Aquarela: Deisi Casarin (SC).

Brief in die Nacht
Einsam auf Warschaus Trümmern irrt
meine einzige Tochter umher ...
Vielleicht siehst du sie, vielleicht triffst du sie
...

- Zählst du zu jenen,
auf deren Weg sie durch Zufall gesandt ist?
Nimm sie zu dir und sage dem Kind:
Heute noch trocken ich heimliche Tränen
um das kleine hilflose Mädchen,
das längst in Auschwitz verbrannt ist.

Wygodz der Lieblich der Liebe, 1948

360 Da saßen wir zusammen am Rand der Badewanne und zeigten
einander Fotos von unseren Buben. Sein Igor war gleich alt wie mein
Michael. Da brachte er mir dieses Gedicht ...

ftlingsbericht von Ella Lingans (1944/45 im KZ Dachau)



Minha sombra em Dachau

Mamãe, eu não vou voltar,
Deus me disse.

Vivenciei um inferno sem sentimentos
Sem alma

O que eu fiz, mamãe?
Você sabe? Diga-me
E durante meu sono me beije,
Leve e fugazmente,
Para que não me venha aos sentidos,
A retribuição do beijo
Como naquele tempo, em
que você sobre mim,
O seu garotinho chorava.

Tradução: Anna Casarin (SC).
Aquarela: Deisi Casarin (SC).

Mein Schatten in Dachau

*Mama, ich kehre nicht zurück,
Gott hat es mir gesagt.*

*Die Hölle ohne Gefühle der Seele,
so habe ich sie erlebt ...*

*Was habe ich getan, Mama?
Weißt du es? Sag' es mir
und küsse mich im Schlaf,
leicht und flüchtig,
dass es mir nicht in den Sinn kommt,
den Kuß zu erwidern
wie damals, als du über mich,
den Lausbuben weintest*

...

Privatbeitz

1353 Nevio Vitelli (1928-1948) wurde 1944 als 16-jähriger in das KZ Dachau deportiert. 1945 kehrte er nach Italien zurück, wo er 1948 an den Folgen der Deportation starb.

Nevio Vitelli (1928-1948) was 16 years old when he was arrested in 1944 and deported to the Dachau concentration camp. He returned to Italy in 1945 where he died from the effects of his deportation in 1948.

O sentido da Medicina

A princípio vamos deixar de lado se a Medicina

tem ou não um sentido. Afinal, se ela tiver um, este pode muito bem estar escondido numa máquina de *pet scan* ou no bolso de uma empresa do ramo da saúde – é que nunca vi esse tal sentido. E, para falar a verdade, nunca senti sua falta.

O sentido de qualquer coisa não pertence ao objeto em si – seja ele físico, seja ele uma ideia, seja até mesmo uma atividade como a profissão da medicina –, de tal forma, porque haveríamos de nos preocupar com o sentido de nosso ofício?

O que conta no mundo, mais do que o sentido, não é o sentimento que colocamos nele? Não diz mesmo o provérbio, este repositário da sabedoria de um povo, que a beleza está nos olhos de quem vê? Haveria então um motivo para nos preocuparmos se ela faz sentido para os doentes e para os médicos?

Nenhuma dessas perguntas têm uma resposta fácil. A Medicina deve fazer muitos e muitos sentidos diferentes: um para cada pessoa, um para cada necessidade e um para cada

maneira de ver e de existir. É claro que, para o doente, há o sentimento de uma melhora almejada, de um conforto buscado, ou mesmo de um alívio, por mais temporário. E, no fundo da caixa, como nos diz o mito, a esperança.

Para os médicos o significado de seu ofício parece bem mais heterogêneo. Por que nós o praticamos? Pode ser um vício, ou uma obsessão mesmo. Pode ser uma forma de curiosidade. Pode levar à sensação de exercer poder ou de exercitar um certo altruísmo. Não apenas médicos diferentes terão respostas diferentes para essa questão, como também um mesmo médico sentirá, com o passar do tempo, um sentimento distinto. Acredito, de minha parte, que apesar das modulações pelas quais os profissionais da área passam, há um sentimento básico e

profundo que sedimenta os demais: “Ele pode ser preso, mas logo se liberta; ele não esquece, não perece, nem dorme; ele não pode ser fotografado e nem medido; ele desdenha as etiquetas triviais de mentes pontuais e escreve poemas maiores do que os túmulos”.

Alguns médicos se apaixonam pelos mecanismos fisiopatológicos intrincados e por vezes obscuros de uma doença. Há quem ame o contato com o paciente e por se sentir capaz de ajudar. Mas é esse sentimento incondicional e irremediável de amor pela Medicina – e somente ele – que dá sentido para o médico àquilo que ele faz.

A Medicina é caprichosa, exige tempo e disposição, esforço e energia. Ela é uma paixão por vezes ciumenta que demanda um tempo que seria de amigos e de parentes, solicitando

uma conciliação árdua. Mas as árvores altas, que se colocam longe do alcance das mãos, são também as que têm os frutos mais doces. Nada substitui o prazer de saber que fizemos algo correto,

que realizamos um procedimento difícil ou que caçamos um diagnóstico obscuro. Esse sentimento de dever cumprido que a Medicina nos proporciona, contudo, deve estar sempre atrelado ao paciente: sempre, qualquer, todo paciente.

Um sentido nunca se completa num único sujeito; é preciso que ele parta de si e vá até o outro.

No afã de descobrirmos o diagnóstico, podemos nos esquecer do doente a que corresponde esse diagnóstico. Pode, é claro, vir a ser objeto de exames custosos e dos mais intrincados raciocínios, mas muitas vezes o que ele mais precisa é de um aperto de mão ou de um ouvido atento. Por vezes a literatura científica – permeada, é certo, por interesses econômicos e favorecida por laboratórios farmacêuticos e indústrias de alta tecnologia – nos leva a

"A Medicina deve fazer muitos e muitos sentidos diferentes: um para cada pessoa, um para cada necessidade e um para cada maneira de ver e de existir."

crer que há uma e somente uma maneira correta de exercer nossa profissão, isto é, às custas de medicamentos de última geração e de equipamentos caros e sofisticados. Mas a paixão pela Medicina pede de nós, ao contrário, que busquemos uma base em evidências, em atitudes críticas e no foco constante na saúde e no bem-estar do paciente. A paixão pela Medicina solicita de nós a empatia.

Precisamos levar em conta a situação concreta de nosso país, onde coexistem dois extremos da Medicina: por um

lado, há de quase tudo para alguns poucos; por outro, há pouco para quase todos. A paixão pela Medicina também solicita de nós o combate a essas diferenças. Nenhum de nós pode se furtar disso, já que mesmo não agir é favorecer a injustiça.

O sentido brota do amor, e o amor é o irmão da justiça.

Se a Medicina tem sentido? Deixemos a resposta ao poeta:

“Sei lá! Sei lá!

Eu só sei que é preciso paixão!”

Dra. Thelma Skare (PR).

O sentido da vida

A primeira vez em que eu escrevi sobre o sentido da vida, mostrei o que mãe natureza nos dá (quase nos impõe) sem que saibamos. Desta vez vou dizer o que podemos fazer com esta tentativa de tirania biológica.

O sentido da vida é nenhum, a menos que você considere a palavra sentido como uma direção. Ok, a direção da vida é uma só, produzir mais vida.

Fora isso, lembro-me quando meu filho, aos seis anos, me veio com esta pergunta: “Pai, qual é o sentido da vida?” Respondi: “Filho, qual é o sentido da pedra? Nenhum? Pois então, tanto a pedra como a vida são fenômenos da natureza, e eles não têm nenhuma sentido”. Eu estava lhe dando uma resposta à altura de seus seis anos, mas de tanto ouvir esta pergunta no consultório, principalmente vinda de pessoas deprimidas, que não achavam graça em nada, muito menos sentido em suas vidas, subitamente me dei conta: embora a vida, ela própria, não tenha sentido algum, somos nós, os donos dela, que lhe damos sentido e graça. Através de uma misteriosa e inconsciente força motriz: o desejo. Não confundir com vontade, que é uma das expressões conscientes dele.

Em psicanálise, o desejo é um universo que mora em nosso inconsciente. Tudo o que fazemos é movido por ele. Freud notou que, como todos os mamíferos, nós tínhamos instintos. Mas que estes instintos eram moldados de forma única pela nossa criação. Há mamíferos que passam pelo mesmo processo (quem tem um cão sabe disso). Portanto ele chamou nossos instintos mol-

dáveis de triebe, em inglês *drive*, em português *impulso* (que foi mal traduzido do francês para *pulsão*). Estes impulsos são ricamente coloridos pelas nossas experiências, de tal forma que o acarajé que eu adoro significa algo completamente diferente daquele que você come, pois nossas memórias ligadas a ele são diferentes.

Quando o desejo, esta constelação de memórias ligadas ao impulso, se manifesta (e ele pode se manifestar em coisas boas como o acarajé, e em coisas sofridas como a paixão – a propósito, *passio*, o latim de onde veio a paixão, só admite uma tradução: sofrimento) e encontra seu objeto de satisfação, a vida ganha sentido, brilho e intensidade, mas é um sentido saído de nós. Nós é que plugamos um cabo USB em alguma coisa, que a faz brilhar e ter sentido. “Não sei o que ele vê naquela sirigaita...” Claro que você não sabe, você não tem o código de memórias dele!

Eu me lembro de uma cena de filme, *O pecado mora ao lado*, em que a atriz (Marilyn Monroe) define música clássica como “aquela que não tem letra”, enquanto a vitrola toca meu amado Rachmaninoff nº 2, piano e orquestra. Estes senhores mortos, ele, Bach, Beethoven, Debussy, Ravel e tantos outros, têm dado sentido à minha vida, um sabor que se perderá em duas únicas circunstâncias: quando a indesejada das gentes chegar, ou se um dia a depressão me acometer, uma doença que apaga o sentido da vida e faz muita gente se matar.

Dr. Francisco Duadt (RJ).

O sentido faz falta?

É uma queixa frequente: o mundo e a vida fazem pouco sentido – muito menos sentido do que antigamente, completam os saudosistas. Nas famílias, às vezes, essa queixa produz uma espécie de pingue-pongue. Os pais acham que os filhos adolescentes vivem por inércia, sem rumo e projeto: "Eles não estão a fim de nada que preste, não têm uma causa, uma visão de futuro".

Os filhos, confrontados com essa preocupação dos pais, declaram que, se precisassem mesmo de um sentido para viver, certamente não é com os pais que eles o aprenderiam: "Mas qual sentido gostariam que eu escolhesse para minha vida, se a vida deles não tem nenhum?". Nesse diálogo, o sentido parece ser sempre o que falta na vida dos outros que criticamos.

Também existem indivíduos (adolescentes e adultos) que se queixam da falta de sentido em sua própria vida: "Viver para quê? Todo o mundo vai morrer de qualquer jeito; que sentido tem?".

Geralmente, ao procurar responder a essas constatações desconsoladas, amigos, parentes e terapeutas agem como os pais que mencionei antes: querem injetar uma causa, uma visão de futuro na vida de quem lhes parece ter perdido o rumo "necessário" para viver.

Agora, eu não estou convencido de que, para viver, seja necessário que a vida tenha um sentido. Quando alguém se queixa de que sua vida é sem sentido, não tento interessá-lo em grandes razões para viver. Prefiro perguntar (para ele e para mim mesmo) de onde surge tamanha necessidade de um sentido. É curioso que, para alguns, a existência precise de uma justificação, de uma razão, de uma causa, de uma visão de futuro.

Em regra, essa necessidade de justificar a vida se im-

põe quando a própria vida não se basta mais. Ou seja, é quando os gestos cotidianos perdem sua graça que surge a obrigação de fundamentar a vida por outra coisa do que ela mesma.

Nota clínica: a depressão não é o mal de quem teria perdido (ou nunca achado) uma grande razão para viver. Depressão é ter perdido (ou nunca encontrado) o encanto do cotidiano. Por consequência, tentar "curar" a depressão de um adolescente propondo-lhe militância política ou fé religiosa é nocivo: se a gente conseguir capturá-lo num grande projeto, esse mesmo projeto o afastará ainda mais da trivialidade do dia a dia, cujo encanto ele perdeu.

Resumindo, quando alguém se queixa de que a vida não tem sentido, o problema não é ajudá-lo a encontrar o tal sentido da vida, mas ajudá-lo a descobrir que a vida se justifica por si só, que ela pode ser seu próprio sentido.

A cultura moderna poderia ser dividida em dois grandes blocos (que não coincidem com as tradicionais divisões de esquerda vs. direita etc.): os que pensam que o sentido da vida não está na própria experiência de viver (mas na espera de um além, num projeto histórico etc.), e os que pensam que a experiência de viver, por mais transitória que seja, é todo o sentido do qual precisamos (nota: a psicanálise, inesperadamente, está nesse segundo grupo, por constatar que a gente sofre mais frequente e gravemente pelo excesso do que pela falta de um sentido).

Alguém dirá que, com o declínio das utopias políticas e algum avanço (talvez) do pensamento laico, o sentido da vida está em baixa. Em suma, eu estaria chutando um cachorro morto.

"A gente procura um sentido para a vida somente quando o cotidiano perde sua graça e seu encanto."

Não concordo: talvez a própria crise das utopias e de algumas religiões instituídas esteja reavivando uma espiritualidade que tenta sacralizar o mundo, prometendo, no mínimo, sentidos ocultos.

O esoterismo *new age* nos garante que a vida tem um sentido misterioso, que a gente nem precisa saber qual é. Melhor assim, não é? Acabo de ler um breve (e delicioso) ensaio do filósofo italiano Giorgio Agamben, *La Ragazza Indicibile (A moça indizível)*, Electa, 2010). Agamben (retomando um ensaio de Jung e Kerényi, de 1941, sobre Koré, a moça sagrada – Perséfone na

mitologia clássica) mostra que os mistérios de Eleusis (que são os grandes ascendentes do esoterismo ocidental) de fato não revelavam nenhum grande sentido escondido das coisas e da vida – a não ser talvez o sentido de uma risada diante do pouco sentido do mundo.

Ele conclui com a ideia de que podemos e talvez devamos "viver a vida como uma iniciação. Mas uma iniciação ao quê? Não a uma doutrina, mas à própria vida e à sua ausência de mistério".

Contardo Calligaris (SP), da Folha.

Em busca de sentido?

Trissomia no cromossomo 21. Condenado.

Aquele o diagnóstico do médico. Este, o meu. Se eu acreditasse nos círculos de Dante, imaginaria que Paolo e Franchesca somos eu e meu marido. Não giraríamos nas profundezas do inferno. Viveríamos voando, como no livro, mas nos ares do nosso menino. Não, não líamos sobre o amor que seduziu Lance-lotte quando ardemos em pecado. A vida mundana é bem mais elegante. Foi uma balada e pronto. Ele, o marido dela. Eu, a amiga dela. Nós, de carrascos a condenados. De pecadores a vítimas. De amantes a desesperados.

"Seu filho tem síndrome de Down". Disse o doutor ao prescrever um paracetamol para uma possível dor de cabeça. Eu estava grávida. O marido dela virou meu. O filho meu virou nosso. O filho nosso virou coisa. Ninguém está preparado para um filho. Eu estava preparada para a ideia de um primeiro filho. Às vezes as coisas coincidem com a ideia que fazemos dela; às vezes não, como bem pontuou Tezza. Era agora o meu filho eterno.

O mais incrível é que nada parou à minha volta. O

biombo estrategicamente colocado entre mim e o mundo só interrompeu os sons. A voz do médico não saía, apesar de eu jurar vê-lo mexendo os lábios. Os prantos do (agora meu) marido ecoavam num silêncio ensurdecedor. Então esta era a profecia. Eu me sucumbia ao amor carnal e o tal do sentimento incondicional não seria digno de mim.

Ele era especial. Retardado mental. Face típica. Desenvolvimento lento. Como isso caracteriza alguém como especial. Meu filho era desigual. Teria eu que lutar pelos meus direitos. Deverei eu entender tudo sobre equidade. Cotas fariam parte da minha realidade. Nem vestibular. Nem festa de 15 anos. Nem casamento em coluna social.

Foi aquele o primeiro dia do resto da minha vida. Meu filho condenado a viver anestesiado. Eu à mercê do acaso. Ou seria justiça divina? A síndrome agora era minha. O desafio não era explicar ao mundo, mas conseguir transformar meu destino em filho.

Trissomia no cromossomo 21. Condenada. Aquele era meu filho. Esta, a minha realidade.

Candice Almeida (PR).

A liberdade e tirania, passando por Mill, Berlin, Gray, Obama e Maomé

A língua inglesa, talvez pela sua antiguidade, tem algumas palavras com sentido muito especial. Uma destas é a emoção provocada por algum evento ou conjunto de eventos que são *baffling*. O verbo *baffle* é originado do provençal ou do francês antigo, e o significado que cabe aqui é a sensação de perplexidade que atingiu Hillary Clinton quando o embaixador americano foi morto em Benghazi em setembro de 2012. Em seguida ficou perplexa grande parte do mundo com a reação dos islâmicos ao tal filme do vulgo Sam Bacille sobre o Profeta. Até líderes islâmicos demoraram alguns dias até resolver se orientavam seus pupilos, por exemplo o Hezbollah, a atacar ou protestar calmamente.

Em um artigo exatamente sobre este assunto publicado na BBC alguns dias antes, em 24 de agosto, John Gray, um filósofo de ideias, conta que Isaiah Berlin, que pode ser descrito como um filósofo e historiador de ideias, já sentiu esta perplexidade quando testemunhou, ainda menino, um policial do

czar ser levado preso pelos revolucionários que estavam depondo a monarquia russa em fevereiro de 1917. O policial estava apavorado, apesar desta revolução inicial ser ainda alegre como a primavera árabe foi em 2011. No fim do ano de 1917 viriam as agruras do golpe bolchevista. O efeito da cena da prisão do policial aterrorizado seria perene: Isaiah Berlin desenvolveu uma aversão total e definitiva à violência, apesar de logo em seguida ter se mudado para Oxford, e de ter vivido em paz o resto de seus dias. John Gray relata que próximo ao fim de sua vida ele ainda contava esta mesma história com frequência.

Como Berlin antes de ser mudado para sempre aos 7 anos de idade em São Petersburgo, muitos filósofos dos séculos XX e XXI criaram uma associação de ideias, de que a liberdade vem com democracia, de maneira que quando um ditador é derrubado segue-se um governo mais democrático, e um grau maior de liberdade permeia a sociedade. Esta é a ideia que fez tantos governos ocidentais tentarem exportar seus próprios modelos políticos para Iraque, Afeganistão, Líbia. Como soviéticos,



Accident de chasse,
D.H. Chiparus (1886-1947)

católicos e tantos outros já fizeram no passado.

John Stuart Mill, lá na época vitoriana, já sabia que a liberdade pessoal começaria a encolher quando os governos comesçassem a expressar o desejo da maioria, ao invés da minoria aristocrática, como era o caso da Grã-Bretanha no século XIX. O afilhado de Mill, Bertrand Russell, morrendo aos 98 anos no País de Gales em 1970, também sabia disso. Chocou muita gente ao observar que a Grã-Bretanha do pós-guerra era muito mais democrática do que o país vitoriano de sua infância, mas as liberdades pessoais eram muito menores. No artigo publicado no site da BBC em agosto de 2012, John Gray conclui que para Mill, para Russell e para ele mesmo, democracia é uma coisa e liberdade é outra. Uma visão muito fora de moda, porém essencialmente correta. A leitora ou o leitor concordam com esta corrente de pensamento?

Gray pondera que os mais velhos pensavam que liberdade era uma falta de restrição sobre como a pessoa pode agir. Uma ausência de obstáculos para viver como escolher. Nesta visão, a liberdade é a segurança da pessoa poder exercer sua diversidade de objetivos e valores. Se, por um lado, é importante exercer o voto e participar de decisões coletivas, ficar sem liberdades pessoais é péssimo. Uma maneira de garantir a liberdade individual são as cartas de direitos humanos, por exemplo, da mulher, do adolescente, de quotas universitárias, tantas outras; mas os organismos políticos sempre procuram uma maneira de navegar em torno destas leis. Se pensarmos que liberdade é vivermos como quisermos, não só tiranos ficam no nosso caminho. Governos fracos, instituições falidas, conflito étnico, crime organizado, sectarianismo militante, tudo aparece para incomodar a liberdade pessoal. No México atual e na Colômbia dos anos 80, eram os cartéis

de drogas. Nos Balcãs dos anos 90 as milícias étnicas ligadas ao crime organizado. Nestes casos, foi um estado de quase anarquia que ameaçou a liberdade pessoal muito mais que a tirania. Em outros casos, é o fundamentalismo. No Iraque hoje em dia não existe muito mais liberdade pessoal do que quando Saddam perseguia curdos e grupos étnicos do delta do Tigre e Eufrates. Mulheres, gays e minorias religiosas como cristãos e mandeãos, seguidores de uma ramo do Gnosticismo praticado ali por 2000 anos, se dão pior hoje em dia que no tempo de Saddam. O governo iraquiano atual é uma forma de democracia, mas fraturada e quase anárquica, como o que talvez venha a seguir na Síria.

John Gray continua seu artigo dizendo que os ocidentais gostam de achar que estes problemas islâmicos são uma fase, que logo as coisas se acertarão. Porém, esta ideia é um erro: ignora a traumática história europeia. Mais de 150 anos após o início do colapso das monarquias, o continente ainda não atingiu um grau de estabilidade. A extrema direita cresce, e democracias tóxicas nacionalistas e xenofóbicas podem emergir em várias das pequenas repúblicas europeias. Ou em partes de grandes repúblicas, como na Espanha, Itália e Alemanha.

Isaiah Berlin veio da Rússia dos czares, e não precisava filósofos liberais para lhe ensinar que tiranias monárquicas poderiam ser consideradas contos de fadas perto do que lhes sucedeu, o bolchevismo. Em comum, todos pensamos que a liberdade é frágil, e pode ser minada por vários lados. Talvez um pouco diferente do pensamento liberal, de que a liberdade é parte da condição natural humana, e que só tiranos a estragam, a realidade indica que quando um tirano é derrubado, não se sabe o que vem depois; pode ser pior. Parece, inclusive, que quase sempre é pior. O estado natural

"A realidade indica que quando um tirano é derrubado, não se sabe o que vem depois; pode ser pior. Parece, inclusive, que quase sempre é pior."

A esperança passa a ser que esta capacidade da liberdade ocidental de produzir figuras assim produtivas para o bem geral impeça a prevalência da insanidade.

humano parece ser mais próximo do caos do selvagem do que da civilização do humanista.

A novidade neste fim de 2012 é que a liberdade de imprensa e consequente liberdade intelectual ocidentais parecem estar desenvolvendo uma nova maneira de entrar no jogo da violência islâmica: resolveram apostar no *baffling*, na perplexidade. ONGs estão colocando pôsteres dizendo que radicais islâmicos são malucos, em estações de ônibus e metrô em San Francisco e Nova York, ao lado de avisos das prefeituras dizendo que são contra os pôsteres, mas que a justiça liberou. O governo Obama, por sua vez, está colocando propagandas na televisão paquistanesa, presumivelmente para serem vistas pelos seus inimigos da Al Qaeda que moram no Waziristão, especificando que o governo americano é contra o tal filme do Sam Bacille. Barack e Hillary falam direto com o público paquistanês. Isto deve ser muito *baffling*; um negro e uma loira sexagenária, dois tipos de seres que eles desprezam profundamente. Revistas humorísticas francesas e alemãs estão fazendo cada vez mais charges com o Profeta e a reação islâmica, enquanto seus governos fecham representações diplomáticas. Líderes muçulmanos começam a pedir calma nos protestos. Perceberam que vão ser tachados de malucos e fechados em um imenso curral se todas as representações ocidentais se retirarem. O Ocidente tenta dar um nó na cabeça dos árabes fundamentalistas. Iranianos e sauditas estão inteligentemente quietos. Obama martela que existe tolerância religiosa nos EUA, mas não por violência.

Após o trágico Bush, Barack parece estar em uma linha de tiro de flecha de John Kennedy a Bill Clinton aos nossos dias, o Usain Bolt da política mundial. Até os ternos de dois botões, que venho teimando em usar a vida toda, ele colocou em moda novamente. Fica difícil, tanto para a direita americana quanto para a europeia,

ou para os fundamentalistas de qualquer naipe, enfrentar um negro de cabelos brancos chefiando a maior potência do mundo, sem falar em sua ascendência africana legítima e sua belíssima família de três mulheres. A esperança passa a ser que esta capacidade da liberdade ocidental de produzir figuras assim produtivas para o bem geral impeça a prevalência da insanidade.

No fim da década de 1990, em um passeio de automóvel pelo sudoeste da Escócia, logo ao norte de Glasgow, fui acompanhado por uma jovem epileptóloga eslovena. Ela passou o dia tentando convencer, a mim, um croata, que a guerra da Bósnia e Sérvia e de todos eles lá na Iugoslávia de meu avô, era o início da 3ª Guerra Mundial, que seria travada entre os islâmicos e os ocidentais. Desde então já ouvi a mesma coisa muitas vezes nestas conversas com pessoas que se julgam *experts* de relações internacionais. Não existe dúvida que nestes 15 anos esta tentativa de guerra está em andamento, e agora mesmo esquentou um pouco mais. Diferentes conceitos de liberdade estão em conflito; e vemos conflitos parecidos em nossos microcosmos, nossos prédios, clubes, grupos profissionais. É bom nos alertarmos, pois em torno de nós ocorrem coisas muito semelhantes. Entre vizinhos, médicos, planos de saúde. É difícil exercer a lucidez. E custa tentar, mas não há alternativa. A liberdade é frágil.

O melhor é fazer como Obama e Hillary: bater na tecla da lucidez, e se negar a aceitar que possa existir uma guerra entre malucos por uma ideia alucinatória e armas reais. Aí deve estar a liberdade, a escolha do que fazer consigo mesmo, a recusa à tirania da ideia alucinatória deste ou aquele grupo.

Dr. Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt (PR).

Dialética da mudança

Certamente porque não é fácil compreender certas questões, as pessoas tendem a aceitar algumas afirmações como verdades indiscutíveis e até mesmo a irritar-se quando alguém insiste em discuti-las. É natural que isso aconteça, quando mais não seja porque as certezas nos dão segurança e tranquilidade. Pô-las em questão equivale a tirar o chão de sob nossos pés.

Não necessito dizer que, para mim, não há verdades indiscutíveis, embora acredite em determinados valores e princípios que me parecem consistentes. De fato, é muito difícil, senão impossível, viver sem nenhuma certeza, sem valor algum.

No passado distante, quando os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas, poucos eram os que os questionavam, mesmo porque, dependendo da ocasião, pagavam com a vida seu inconformismo.

Com o desenvolvimento do pensamento objetivo e da ciência, aquelas certezas inquestionáveis passaram a segundo pla-

no, dando lugar a um novo modo de lidar com as certezas e os valores.

Questioná-los, reavaliá-los, negá-los, propor mudanças às vezes radicais tornou-se frequente e inevitável, dando-se início a uma nova época da sociedade humana. Introduziu-se o conceito não só de evolução como o de revolução.

Naturalmente, essas mudanças não se deram do dia para a noite, nem tampouco se impuseram à maioria da sociedade. O que ocorreu de fato foi um processo difícil e conflituado em que, pouco a pouco, a visão inovadora veio ganhando terreno e, mais do que isso, conquistando posições estratégicas, o que tornou possível influir na formação de novas gerações, menos resistentes a visões questionadoras.

A certa altura desse processo, os defensores das mudanças acreditavam-se senhores de



Leda e o Cisne, A. Carrier (1824-1887)

“As certezas nos dão tranquilidade; pô-las em questão equivale a tirar o chão de sob nossos pés.”

novas verdades, mais consistentes porque eram fundadas no conhecimento objetivo das leis que governam o mundo material e social.

Mas esse conhecimento era ainda precário e limitado. Basta dizer que, até começos do século 20, ignorava-se a existência de micro-organismos – como vírus e bactérias –, o que inviabilizava tratar doenças como a tuberculose.

Costumo dizer que o poeta Augusto dos Anjos foi assassinado pelo tratamento médico de uma pneumonia: submeteram-no a sangrias e lavagens intestinais, debilitando-o mais, ou seja, anularam-lhe as defesas naturais e o desidrataram.

A descoberta dos vírus e bactérias como causas de muitas e graves enfermidades possibilitou a produção dos antibióticos, o que representou um enorme avanço na cura desse tipo de doenças.

Igualmente significativas foram as mudanças nos terrenos econômico e político, resultantes da crítica ao capitalismo e da luta dos trabalhadores em defesa de seus direitos. O comunismo se impôs como uma alternativa à democracia burguesa e influi até hoje na visão ideológica de parte considerável da sociedade contemporânea.

Todos esses fatos – que são apenas uns poucos exemplos do que tem ocorrido – tornam indiscutível a tese de que a mudança é inerente à

realidade tanto material quanto espiritual, e que, portanto, o conceito de imutabilidade é destituído de fundamento.

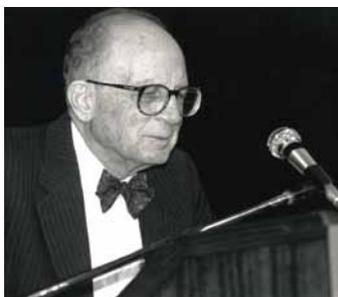
Ocorre, porém, que essa certeza pode induzir a outros erros: o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos, em contraposição a outros considerados inovadores, está indiscutivelmente errado.

Em outras palavras, bastaria apresentar-se como inovador para estar certo. Será isso verdade? Os fatos demonstram que tanto pode ser como não.

Mas também pode estar errado quem defende os valores consagrados e aceitos. Só que, em muitos casos, não há alternativa senão defendê-los. E sabem por quê? Pela simples razão de que toda sociedade é, por definição, conservadora, uma vez que, sem princípios e valores estabelecidos, seria impossível o convívio social. Uma comunidade cujos princípios e normas mudassem a cada dia seria caótica e, por isso mesmo, inviável.

Por outro lado, como a vida muda e a mudança é inerente à existência, impedir a mudança é impossível. Daí resulta que a sociedade termina por aceitar as mudanças, mas apenas aquelas que de algum modo atendem a suas necessidades e a fazem avançar.

Ferreira Gullar (RJ), Folha.



PALAVRAS DE HISTORIADOR

“O maior obstáculo a novas descobertas não é a ignorância; é a ilusão do saber”.

Daniel Boorstin (historiador norte-americano)

Nota do Editor: Mesmo sabendo tanto, ainda sabemos pouco!

Guerras, assombros e a chama da liberdade

Primeiro decênio da tomada do poder pelos

militares quando, ainda meio adolescente, deixei a cidadezinha do interior do Paraná para buscar formação superior na capital. Na bagagem, conhecimento muito tímido sobre resistências e lutas sob a bandeira das liberdades. Ouvira falar de “tendência comunista” de alguns professores da cidade, estigmatizados pela ida ao congresso da UNE em Ibiúna. Mas, na real, a predominância era de educadores patrulhados pelo medo, batendo continência à pregação “moral e cívica” e aos novos heróis, fazendo eco ao “ame ou deixe-o”. Amava os Beatles e Rolling Stones. E também Elvis, Creedence, Led Zeppelin, Alice Cooper, Bee Gees, o Lennon já solo e outros mais, sem me importar muito além do ritmo musical, pois meu inglês pouco decifrava. Enfim, um alienado circunstancial.

Em solo curitibano, o acordar para outro mundo, sob o tilintar de jargões libertários e ideológicos. O grito de intelectuais e da massa estudantil era mais perceptível. E influenciador. Naquela idade, contestar fluía com naturalidade, mesmo com o fantasma da repressão. Assim, foi possível compreender movimentos como tropicália e porque eram amaldiçoados artistas como Vandrê, Chico, Gil e Caetano. As letras de suas músicas agora faziam mais sentido. Na primeira pensão, na Rua do Rosário, no centro, a constatação de que não era fácil a vida dos contestadores de regime. Caramba, até ali éramos monitorados, embora sendo uns “estudentezinhos mequetrefes” e formando um contingente de meia centena apenas.

INSPIRAÇÃO

Fascinado desde criança por jornalismo, o que me levou a uma rápida experiência aos 14 anos num jornal de minha região, tive uma série de fatores a me impulsionar a este caminho, que iam além dos efeitos da rebeldia etática. Publicações tidas como proibidas corriam de mão em mão, efervecendo o clima conspiratório. Nada a ver com Marx, Engels... Gostava do *Pasquim*, de *O Cruzeiro*, *Tribuna de Imprensa*. Mas foi depois de ler *Tamar*, de Félix de Souza Araújo, que me interessei em conhecer mais sobre suas obras e história desse cronista, poeta e político, decretando a carreira a seguir. Estreava o Campus da então Católica e eu numa cadeira da comunicação. Ali, sim, começava a experimentar de fato os efeitos de um regime subjugador.

No primeiro churrasco da Humanas, eu, um dos mais novinhos do grupo, fui logo aconselhado a ser prudente nos comentários e atitudes, pois havia uma ameaça sempre presente à nossa integridade. Tinha minhas convicções e, apesar de esboçar teatro e até cinema, chamado por um colega de turma para figuração no filme *Aleluia Grechen*, acabei foi parando num jornal de grande circulação. Mesmo estando nos primeiros meses de graduando. Diploma era coisa rara, ainda. Como de regra, os “bagrinhos” – gíria para iniciantes – caíam logo no setor policial. Não fui exceção. Cacildas, aí sim era jogo duro. Pressão de todo lado. A censura prévia era fato. Como eram as ações intimidadoras do

"A educação se apresenta como o grande antídoto de proteção à sociedade. E a comunicação serve como condutor de facilitação."

*"Esta terra de bravos não
será terra de escravos, nem
reinado de opressão".
(Félix de Souza Araújo)*

regime governante que, com seu CCC (Comando de Caça aos Comunistas), não queimava ônibus ou fazia execuções públicas como na concepção moderna de CV, PCC, TC ou outras siglas criminosas, mas promovia a repressão intelectual queimando bancas de jornais e bibliotecas, explodindo centros culturais e estudantis e confrontando pessoas avessas ao regime, sobretudo estudantes. Para dar molho, uma estrutura policial convencional viciada pelos desmandos do poder e impunidade, com forte pitada de criminalidade em ascensão. Cobertura jornalística no Dops era sempre sinônimo de "notícia mandada". E olha que volta e meia era algum colega de profissão. Às vezes, bandido mesmo, pois roubo a banco era enquadrado como violação à lei de segurança nacional.

Rolava 1977, ano da formatura, atos institucionais vigentes e "mais canhões e menos manteiga" assombrando o povo. Intelectuais e jornalistas sendo presos, como o Walmor e o Manfredini. Também estudantes, como a Juracilda, colega que jamais voltou à nossa turma após presa com um grupo de contrários ao arbítrio militar. Alencar Furtado, deputado por minha região e que influenciou gerações do norte e noroeste paranaenses na defesa dos direitos cidadãos, era cassado pelo AI-5. Com ele mais um monte de parlamentares combativos. Mais um duro golpe na liberdade democrática, mas pólvora no arcabouço do poder. Num protesto íntimo, registrei em meu diário uma célebre frase de Félix de Souza Araújo: "Esta terra de bravos não será terra de escravos, nem reinado de opressão".

O que veio depois é intensamente repetido, mesmo que em diferentes versões, onde heróis e vilões se confundem e se revezam, conforme julgamentos sob diferentes óticas, nem sempre amparadas pela coerên-

cia. Capítulos da história reabilitam e condenam, como também permitem a reflexão dos erros como instrumento de definição de curso em busca das tão sonhadas liberdade, justiça social e consolidação da paz. O antes e o pós regime de exceção no Brasil fizeram momentos de dor e agonia, mas também ratificaram ensinamentos sobre os que lutam por ideais coletivos e os que manipulam massas sob obsessão do poder e de ganância. pretextos não faltam. Social, político, étnico, religioso, cultural...

A educação se apresenta como o grande antídoto de proteção à sociedade. E a comunicação serve como condutor de facilitação. Daí a responsabilidade daqueles que a manuseiam, pois é sempre iminente o risco de manipulação ou banalização ao descrédito. A globalização da informação, que trouxe as redes sociais para derrubar tabus, regimes ditatoriais e humilhações humanas, também tem o poder de seduzir, de arregimentar alienados e aculturados, tal qual o efeito das drogas. Afligidas por guerras e desequilíbrios sociais e econômicos sociedades continuam sendo alvo fácil da mídia escravizadora e exploradas sob conotação política ou religiosa.

FLAGRANTES HISTÓRICOS

Nossas guerras, como Inconfidência, Constitucionalista, Farroupilha, Canudos, Mascates e Contestado, certamente teriam resultados menos trágicos se transferidas sob a luz dos dias atuais, em que a informação é instantânea, e repercussão imediata. Um dos ícones da fotografia mundial, da "menina do napalm" acaba de completar 40 anos, mas continua sendo exemplo de como uma imagem ou um registro jornalístico pode mudar o curso da história. Teria contribuído para apressar o fim da Guerra do Vietnã. Fotógrafo vietnamita a serviço

"Na preservação da chama de liberdade que nunca deve se apagar, continuaremos a ter mártires em profusão, em sua maioria anônimos."

da *Associated Press*, Nick Ut não apenas fez o registro; ajudou a salvar Kim Phuc, então com nove anos e, hoje, conferencista mundial em pregação pela paz. Em 1984, Steve McCurry registrou a "menina afegã de olhos verdes" num campo de refugiados no Paquistão. O olhar intrigante também virou ícone em mobilizações pelo fim das guerras. Em 2002, Steve conseguiu reencontrar a menina Peshavar (Paquistão). Foi então que o mundo soube como se chamava: Sharbat Gula. O olhar idêntico, mas os traços fisionômicos não deixavam dúvida do sofrimento e angústia.

O jovem solitário e desarmado que conseguiu parar uma fileira de tanques na Praça da Paz Celestial, na China, em 1989, é outro herói anônimo que, levado ao mundo pela lente de fotógrafos, deu novos contornos à mobilização deflagrada em seu país. Por aqui, Edson Jansen (amigo morto em meados de 2012) ganhou o Esso de fotografia em 1968, em pleno período ditatorial. A foto premiada foi a da invasão do Politécnico em Curitiba pela PM, em repressão à mobilização estudantil. Em primeiro plano aparece um estudante enfrentando a cavalaria com um estilingue e bolinhas de gude. O quixote ali era o líder estudantil José Ferreira Lopes, o Dr. Zequinha como ficou conhecido depois de se formar em Medicina.

MÉDICO PREMIADO

Antes de Jansen, outro paranaense tinha ganho o Esso, mas de jornalismo. Também médico, Parcyval Charquetti foi quem venceu a edição inaugural do prêmio, em 1956, com uma série jornalística sobre a busca ao ouro no interior do Estado (*Garimpo, Terra de Canaã*), algo como a nossa "serra pelada", com seus excessos. Charquetti também escreveria sobre algumas outras de nossas "guerras" locais: Massacre de Cândi-

do Rondon (1956) e Revolta dos Posseiros (Sudoeste, 1957), de motivação fundiária, e a do Pente, ocorrida em 1959, em Curitiba, retratada em livros e filmes com origem étnica ou social.

Na preservação da chama de liberdade que nunca deve se apagar, continuaremos a ter mártires em profusão, em sua maioria anônimos. Como aqueles que enfrentam no dia a dia a sua fome orgânica e de saber. De médicos que driblam todo tipo de dificuldade para cumprir sua missão de cuidar e confortar. De jornalistas que combatem a arrogância dos poderosos. Enfim, de todos que abraçam causas sociais, humanitárias e ambientais, apostando num futuro. Nem todos estarão identificados com título de "herói nacional" e inscritos no Livro de Aço do Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves. Mas, ali, já estão bem representados com personagens ilustres como Anita Garibaldi, Ana Néri, Chico Mendes e Ildefonso Pereira Correia, o Barão do Serro Azul.

Quem sabe juntam-se a eles a Irmã Dorothy e a Dra. Zilda Arns Neumann, dentre outros heróis, lutadores ímpares e que deram causa e sentido às suas vidas. Quem sabe ainda Félix Araújo, em nome de centenas de jornalistas mortos nas últimas décadas – e não só no período ditatorial –, o que coloca o Brasil como um dos países mais violentos para profissionais da imprensa, comparável a regiões em guerra civil. Esse paraibano, pracinha voluntário da Força Expedicionária Brasileira na Itália e correspondente de guerra, foi assassinado em 1953, aos 30 anos de idade, logo após escrever "Acuso", manifesto contra o governo e a corrupção em seu estado. Era um visionário e também desejoso de uma humanidade mais justa e culta.

Hernani Vieira (PR).

OS OLHOS DA GUERRA

De flagrantes da degradação humana, da dor e de humilhações, o contraste de heroísmos e de luta por ideais. Cliques viraram ícones da fotografia por dar novos rumos à história e alentar a busca pela paz. Instantâneos silenciosos, impactantes, que merecem leitura reflexiva.

Na sequência de imagens históricas:

Praça da Paz Celestial, em Pequim (China), palco de massacre de civis. Homem solitário para comboio de tanques de guerra.

Menina do Napalm, imagem que contribuiu para o fim da Guerra do Vietnã. Quarenta anos depois, sobrevivente continua pregando o fim das guerras.

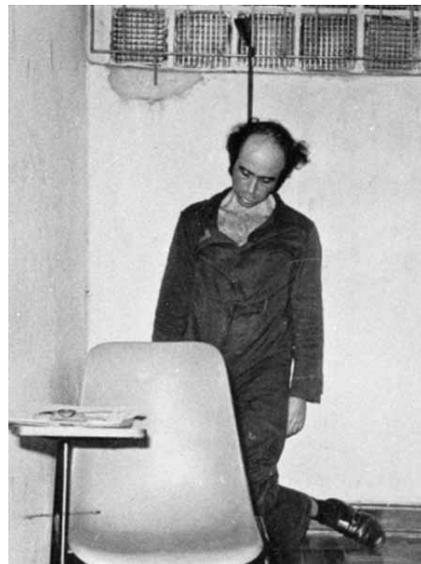
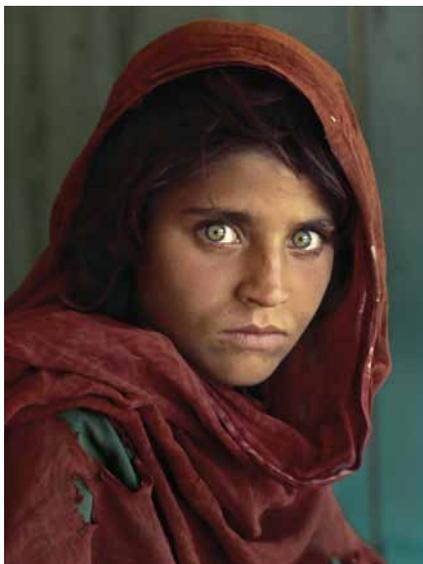
Humilhações impostas a presos de *Guerra no Iraque*. Repreensão do mundo todo pelas redes sociais.

Foto da *Invasão da PM ao Politécnico*. Estudante enfrenta cavalaria.

Menina afegã de olhos verdes. Olhar intrigante, retrato da angústia e dor.

Vladimir Herzog, exibido em foto oficial enforcado nas dependências do DOI-CODI, em São Paulo, em 1975. Jornalista foi reabilitado e teve laudo de necropsia retificado, agora como vítima de execução após torturas.

Imagem de *11 de setembro de 2001*, na destruição das torres gêmeas, em Nova York. Flagrante mostra a aproximação do segundo avião na consecução do atentado. Um dos registros fotográficos mais marcantes deste século.



Anotações necessárias

REFLEXÕES À GUIA DE PROVOCAÇÕES

A capacidade de síntese é a função mais nobre

da mente. Qualquer emanção cerebral subjaz a essa função. Que embora tenha componente genético é, sobretudo, uma habilidade cognitiva treinada. Para desenvolvê-la há que haver conhecimento, inteligência linguística e muito esforço na capacidade de terçar ideias, opiniões, conceitos, sempre com lógica implacável. Há mentes que, por mais que se esforcem seus detentores, estão mais para bobinas ou novelos, enroladas em si mesmas.

Para desafiar o leitor nessa nobre arte do discurso curto e pleno de significado, fazemos abaixo anotações sobre o pensamento conservador, raro em nosso meio, tendo em vista que a ditadura inclinou boa parte da intelectualidade para a esquerda, para o dito pensamento progressista. Há sempre a necessidade de avaliarmos todos os ângulos de uma questão. Por isso, conclamamos o leitor a refletir sobre o direito e o

avesso dessas anotações, e, se possível, encontrar outros atalhos que melhor definam suas convicções, baseadas no hábito dos costumes e na introjeção de novos conceitos, de modo a equilibrar a razão – que não explica tudo – com os afetos, que tudo permeiam. Reflexão é a solução.

- ❶ Não se deixe levar por imagens que movem ou comovem, prefira as que esclarecem.
- ❷ Qualquer catecismo ideológico é sempre precário e tendencioso.
- ❸ O sentimentalismo é uma falsificação do sentimento que, exibido em público, normalmente denuncia um canalha.
- ❹ Toda mentalidade radical, por recusar a complexidade, é sempre pueril.
- ❺ “Conservadorismo” e “progressivismo” são sempre complementares.

"Como endeusar a razão se é um instrumento limitado? Como dar vezo apenas às emoções se nos tornam incontroláveis?"

❶ Seria você capaz de forjar um ideal de honra e dever, temperado por uma vida de renúncias, sem levar em conta a poesia das utopias?

❷ Segundo Gustave Thibon, “o grande homem de direita é sempre profundo e estreito, e o grande homem de esquerda é sempre profundo e desordenado.”

❸ Segundo o filósofo inglês Michael Oakeshott governar é um sistema de “direitos, deveres e formas de reparação”.

❹ Tudo que é revolucionário é desastroso e incoerente. Reformular é a maneira certa, porque baseada no estudo, distinguindo o que merece ser preservado do que merece ser alterado. É a chamada abordagem aos pedaços.

❺ E Edmund Burke escreveu: “A raiva e o frenesi destroem mais em meia hora do que a prudência, a deliberação e

a previdência conseguem construir em cem anos”.

❶ Desconfie de grandes sistemas de pensamento e prefira

formulações baseadas no que a empiria humana nos legou ao longo da história.

❷ Racionalismo exagerado é passional. Tão desordeiro quanto as emoções não dominadas.

❸ Use o hábito e a razão como aliados. E coloque uma pitada de emoção.

❹ A padronização política e econômica nunca funcionou.

❺ Qualquer totalitarismo é o caminho da servidão.

❶ O ser humano não é perfeito, se muito, percorre a trilha da perfectibilidade. Ao longo dos séculos.

❷ Como endeusar a razão se é um instrumento limitado? Como dar vezo apenas às emoções se nos tornam incontroláveis?

❸ Escreveu Isaiah Berlin: “Total liberdade para os lobos significa a morte dos cordeiros”. Portanto, pensar politi-

"Vivemos uma época frouxa de valores onde os limites são evitados, onde as virtudes não mostram sua força."

camente é pensar num universo de escolhas, e de sacrifícios, e de compromissos.

❶ Sem levar em conta alguns valores primários, dito absolutos, é gerar uma sociedade enferma e indecente.

❷ O ser humano é mais regido pelo temperamento do que pelas ideias.

❸ Não nos enganemos: a razão está sempre submetida aos afetos, à paixão. Esse enunciado é de David Hume, filósofo inglês.

❹ Espaços mais apropriados à reflexão dos médicos: hospital e necrotério.

❺ Vivemos uma época frouxa de valores onde os limites são evitados, onde as virtudes não mostram sua força. Os virtuosos se encolhem e não mostram seu caráter, a prática de suas virtudes. Estas, como instrumentos musicais, quanto mais praticadas, mais virtuosas.

❻ A organização democrática é a menos ruim porque procura institucionalizar as tensões da vida em grupo, distribuindo poderes menos concentrados. Os chamados pesos e contrapesos.

❼ O pior da democracia é que deu aos idiotas a consciência de seu poder numérico. E aos banais se acharem, tendo opiniões rastaqueras com ares cultos. É o homem massa de Ortega y Gasset.

❽ Nunca devemos cair na tentação dos polos extremos do relativismo e do absolutismo.

❾ Politicamente é importante diferenciar a "política da fé" da "política do ceticismo". A primeira, busca a perfectibilidade humana, inexistente; a segunda, entende que governar não é ser paternalista, e sim governar uma "ordem superficial", permitindo aos homens perseguir seus fins por sua conta e risco.

❿ Somos imperfeitos, jamais conseguiremos adquirir toda a informação disponível. Isso deveria nos trazer certa humildade intelectual.

⓫ A dúvida e o hábito fazem a crítica do pensamento. O ceticismo é a prudência do juízo.

❶ O que é o hábito? É um comportamento repetido que deu certo num cenário dominado pelo acaso e pelo risco.

❷ A minoria, em qualquer área, sempre carrega a maioria. Repare nas famílias: o mais ponderado e justo é o que tem maior ônus.

❸ Médico tem que ser cético. Deve carregar seu ceticismo como uma bússola, para duvidar da razão, dos sentidos e dos projetos racionais como um todo. Só assim é livre e não sectário da própria ciência.

❹ A ética do estoicismo visa colocar sob controle a desordem das paixões. É uma luta que enobrece a vida.

❺ Para santo Agostinho, a raiz do pecado está no orgulho.

❻ E por falar em santos, o que é a Bíblia? Um livro que descreve a condição humana e suas agonias.

❼ Como na pesquisa, a vivência humana também é uma dança cega de tentativa e erro.

❽ Todos os políticos deveriam pensar na próxima geração, e não na próxima eleição.

❾ Sabe aquele que fala o que vem à cabeça mesmo não sabendo nada? É o novo bárbaro.

❿ A família, a religião, os sindicatos, os interesses múltiplos e contraditórios garantem mais a liberdade do que as boas intenções do político e/ ou do partido e/ ou de um sistema de ideias.

⓫ O ser humano tende a não saber o que quer e se entedia com tudo o que tem.

⓬ As ditas ciências duras ainda podem entregar remédios e robots, as ciências humanas nada mais têm para entregar. Com as exceções de sempre.

⓭ Produzir riqueza tem a ver com originalidade, inteligência, capacidade de disciplina. Nada disso tem a ver com "igualdade".

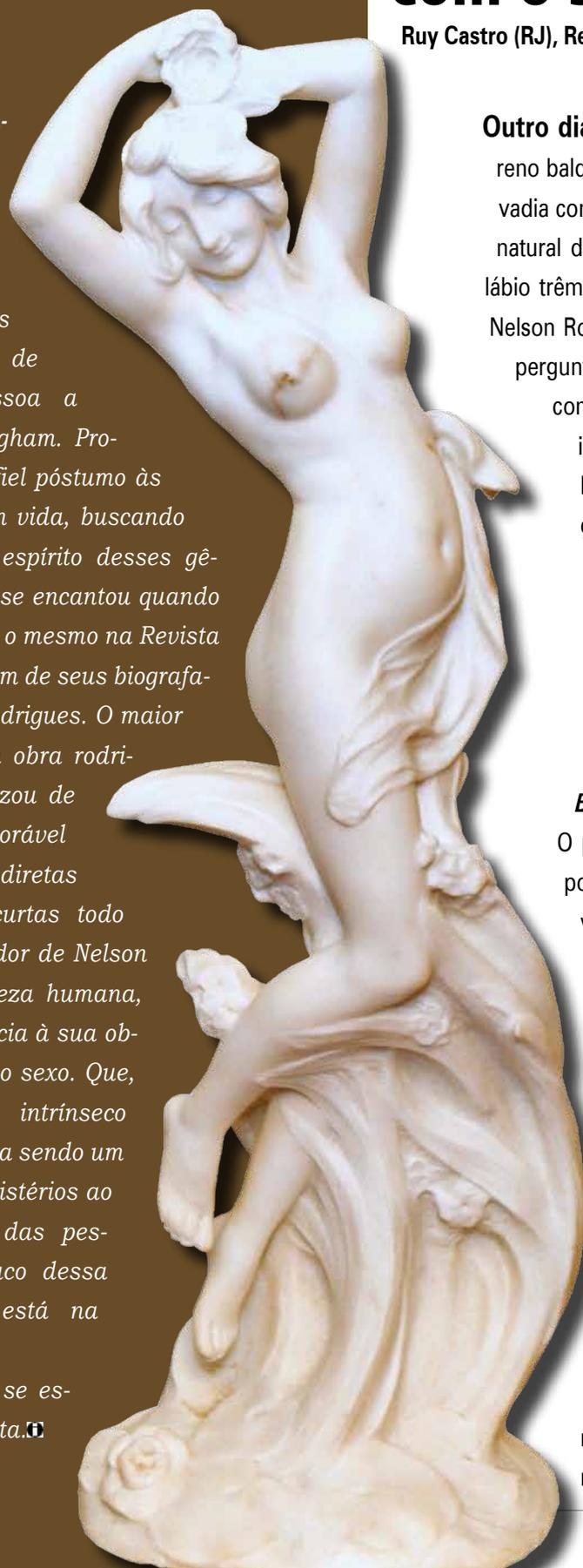
⓮ O psiquiatra inglês Theodore Dalrymple diz que o ressentimento é um dos sentimentos mais fortes e duradouros da experiência humana.

N.E.: Adaptado de Coutinho/Pondé/Rosenfield.

ENTREVISTAS PSICOGRAFADAS

O editor do **IÁ-TRICO** psicografou, à exceção de uma, todas as entrevistas publicadas, de Fernando Pessoa a Somerset Maugham. Procurou ser um fiel póstumo às suas ideias em vida, buscando um pouco do espírito desses gênios. Por isso, se encantou quando Ruy Castro fez o mesmo na Revista Florense com um de seus biografados, Nelson Rodrigues. O maior conhecedor da obra rodriguesiana sintetizou de maneira memorável com perguntas diretas e respostas curtas todo gênio devastador de Nelson sobre a natureza humana, dando relevância à sua obsessão maior, o sexo. Que, aliás, embora intrínseco ao ser, continua sendo um dos maiores mistérios ao entendimento das pessoas. Um pouco dessa perplexidade está na entrevista.

Leia e não se escandalize, reflita. 



Encontro marcado com o sobrenatural

Ruy Castro (RJ), Revista Florense (34).

Outro dia, fui de madrugada a um terreno baldio aqui no Rio. Enquanto uma cabra vadia comia a paisagem, baixou-me o Sobrenatural de Almeida e, com o olho rútilo e o lábio trêmulo, psicografei esta entrevista com Nelson Rodrigues. Ele não fugiu de nenhuma pergunta. E o que eu mais gostei foi de ver como todas as suas respostas soavam igualzinho às frases que eu já tinha lido nos seus contos, romances, peças, memórias e crônicas.

Ruy – É verdade mesmo que toda mulher gosta de apanhar?

Nelson – Todas, não – só as normais. O homem é que não gosta de bater.

Bater resolve?

O pior na bofetada é o som. Se fosse possível uma bofetada muda, não haveria ofensa nem abjeção, nada.

Por que você era obcecado pela fidelidade conjugal?

Porque em todo casal há sempre um infiel. É preciso trair para não ser traído.

Mas isso é batata?

Não existe família sem adúltera.

Existe o amigo fiel?

O amigo nunca é fiel. Só o inimigo não trai nunca. O inimigo vai cuspir na cova da gente.

O que é importante no casamento?

O sexo é o de menos. O que vale é a humildade capaz de beijar os pés e o chão.

Como você definiria o ato sexual?

O ato sexual é uma mijada.

Mesmo no casamento?

O amor entre marido e mulher é uma grossa bandalheira. É abjeto que um homem deseje a mãe dos seus próprios filhos.

Entre o desquite e a traição, o que é preferível?

A traição, mil vezes a traição.

Mas por que não acabar com um casamento que não tem nada a ver?

Porque o casamento já é indissolúvel de véspera.

O que é preciso para salvar um casamento?

O cinismo. [Risos] É preciso muito cinismo para que um casal chegue às bodas de prata.

Quem pensa mais em sexo, o homem ou a mulher?

A mulher é mais pornográfica que o homem.

Como assim?

Toda mulher que se ruboriza facilmente é sensual.

Mas isso é uma loucura!

A prostituta só enlouquece excepcionalmente. A mulher honesta, sim, é que, devorada pelos próprios escrúpulos, está sempre no limite, na implacável fronteira.

Então o negócio é a fidelidade feroz?

Não. Deus me livre da virtude ressentida, da fiel sem amor.

Você acha mesmo?

Acho. Certas mulheres precisam trair para não apodrecer.

Quer dizer que não há saída?

Se todos conhecessem a intimidade sexual uns dos outros, ninguém cumprimentaria ninguém.

As mulheres reagem de acordo com a classe social a que pertencem?

Não. Qualquer mulher é suburbana. A grã-fina mais besta é chorona como uma moradora do Encantado ou de Del Castilho.

Existe a mulher fria?

Ou a mulher é fria ou morde. Sem dentada não há amor possível.

Há muitas diferenças entre o Brasil de hoje e o de vinte anos atrás?

O desenvolvimento trouxe um medonho estímulo erótico. Nunca o brasileiro foi tão obsceno. Vivemos uma fase ginecológica.

Por falar nisso, em todas as suas histórias havia um ginecologista. Por que essa fixação?

Todo ginecologista devia ser casto. O ginecologista devia andar de batina, sandálias e coroinha na cabeça. Como um São Francisco de Assis, de luva de borracha e um passarinho em cada ombro.

Qual é a idade ideal da mulher?

Todas as mulheres deviam ter quatorze anos.

E a do homem?

As paixões mais sérias do homem são dos seis aos dez anos.

Então essa é a idade ideal???

Não, porque, antes dos trinta anos, o homem não sabe nem como se diz bom dia a uma mulher. E, depois dos cinquenta, o sujeito só tem paixões de ópera, de Vicente Celestino, de primeira página de *O Dia* e de *A Luta Democrática*.

Por que você era contra o biquíni?

Porque o biquíni é uma nudez pior que a nudez.

E o decote? Não era uma coisa meio fora de moda preocupar-se com isso?

Um vago decote pode comprometer ao infinito. Só o ser amado tem o direito de olhar um simples decote.

Mangas cavadas também?

A exposição de axilas, fora do local e do momento próprios, é uma degradação.

Bem, pelo visto, isso deixou de ser um problema, não? Está todo mundo nu por aí.

[Suspirando] – A nudez feminina perdeu todo o suspense e todo o mistério. Vivemos a mais despida das épocas.

O sexo impõe alguma objeção física?

Aos magros, sim. Os magros só deviam amar vestidos, e nunca no claro. Além disso, todo canalha é magro. Já os gordos são de uma mansidão bovina.

E para as mulheres?

A única nudez realmente comprometedoras é a da mulher sem quadris.

Existe o amor eterno?

Todo amor é eterno. Se não é eterno, não era amor.

E isso tem valor para os dois?

Sim. O amor não deixa sobreviventes.

Então, o amor é uma impossibilidade?

Absolutamente. É o amor que impede o homem de trotar pela avenida Presidente Vargas, montado por um Dragão da Independência. Um Dragão de penacho.

O dinheiro compra o amor?

O dinheiro compra tudo. Até amor verdadeiro.

E o pecado?

O pecado é anterior à memória. E já existia quarenta mil anos antes do Paraíso.

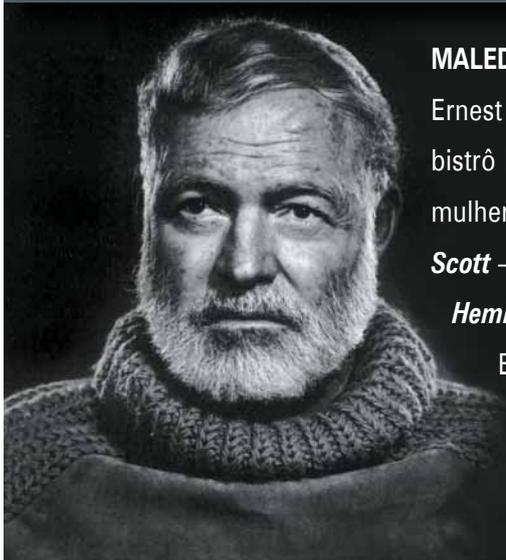
E o ódio, existe?

A pior forma de ódio é o ex-amor. Ninguém perdoa aquele ou aquela que deixou de ser amado.

Para finalizar: como você explica a sua famosa frase "Toda unanimidade é burra"?

Porque quem pensa com a unanimidade não precisa pensar.

DIÁLOGOS (IM)PERTINENTES



MALEDICÊNCIA

Ernest Hemingway e Scott Fitzgerald trocavam intimidades no velho bistrô Michaud's e o último se queixava ao amigo de que Zelda, sua mulher, vivia dizendo que o músculo de sua alegria era pequeno.

Scott – "Você acha que eu tenho o pau pequeno?"

Hemingway – "Não sei, só vendo".

E os dois foram ao banheiro para conferir. Hemingway saiu-se com este primor de ambiguidade.

– "Olha, meu caro, fique sabendo que seu pau é do tamanho do seu talento".

Dois pesos sem medidas

Pense alguém capaz de ser sempre contra a vulgaridade e ao mesmo tempo interessado em pensar as coisas. Pense alguém que fez do ceticismo uma indignação permanente capaz de levar à criatividade. Pense um filósofo sem sê-lo, e num terapeuta sem formação. Pense alguém capaz de reduzir a pompa, a empáfia e a pretensão humanas. Pense alguém que sempre teve nos poderes públicos e nos poderosos de todas as estirpes seu alvo predileto e sempre achou nobre desconstruí-los. Enfim, pense alguém que, iconoclasta, sempre usou como armas a criatividade, a clareza e a leveza linguística. Um? Não, penso em dois. Ivan e Millôr, que nos deixaram este ano empobrecendo nossas letras. Ivan usava o texto e a palavra, Millôr, bem, Millôr usava quase tudo, homem de muitas linguagens, polímata e poliglota.

Millôr comecei a lê-lo como Vão Gôgo

na revista *O Cruzeiro*. Ivan n' *O Pasquim* na década de sessenta. Junto com Paulo Francis foram a trinca que deram substância ao hebdomadário, tendo os humoristas como pano de fundo. Criticavam a soberba e a fragilidade humanas sempre com bom humor. Foram terapeutas de muita gente ao minorar seu desespero com o riso.

Seus textos, embora se declarassem sem estilo, recendiam estilo. Desde o primeiro parágrafo sabíamos de quem se tratava. Basta uma frase, um haicai, um desenho ou um prefácio, e lá estava a marca inconfundível do Millôr desnudando o ser vaidoso, soberbo, de preferência figura pública reles e que se achava, e que emoldurava em tacinice e provisoriedade sua trajetória pequena e sem rumo.

Bastava aquela prosa sem ornamentos mas com verve, assemelhada ao linguajar da Ipanema de então, com

o viço de quem sabe e finge não saber, para detectarmos o Ivan vintage. De memória prodigiosa, conhecia todos os meandros da música popular brasileira e americana.

Hoje sinto imensa falta dos dois. Millôr fica para o próximo **IÁTRICO**. Termino com Ivan, o cultor de miudezas que fazem a vida valer a pena. Uma história para dar relevo ao nosso observador social. Certa vez estava no Fredy's no Rio, e o grande Billy Eckstine cantava Blue Moon. Abrahão Medina, o empresário, e Sonia Dutra, em uma mesa próxima ao palco não paravam de falar. Eckstine parou de cantar e delicadamente pediu que silenciassem. Isso dá bem a medida de nossa descompostura, de nosso excesso de informalidade. Ivan, que a tudo observava, ficou puto com

a falta de civilidade.

Sabia ser litúrgico, ainda mais com um ídolo como Eckstine.

A propósito, noutra ocasião, na BBC em Londres, onde traba-

lhava, imitou tão bem Billy que o deixou boquiaberto.

Esse era Ivan, um homem mais velho que seu tempo no frescor de uma jovialidade perene que carregava um passado de bom gosto e apuro que nunca soçobrou. Nem mesmo com sua decadência física. Acometido de grave DPOC, graças aos três maços de cigarros diários, nunca se eximiu da responsabilidade do vício. Pelo contrário, sempre fez graça da própria decadência respiratória sem transferir para indústria do tabaco sua culpa, e sem deixar de alertar para o mal que o mesmo fazia. Morreu aos 77 anos, em 8 de junho passado, e é como se um irmão mais velho tivesse tombado, herdeiro de sua pena implacável e de sua liberdade de espírito. Para que tenham um gostinho dessa lacuna intelectual, publico a seguir um texto de sua lavra, com a ironia e a destreza de um esgrimista das palavras. Uma grande pena. Em duplo sentido. 📌

"Esse era Ivan, um homem mais velho que seu tempo no frescor de uma jovialidade perene que carregava um passado de bom gosto e apuro que nunca soçobrou."

O trema

"O DIACRÍTICO VAI BEM E OBRIGADO, EM NOVA YORK; PROPONHO UM BRINDE A ELE."

Assim como eu tenho uma arca carregada de revistas antigas e gibis, eu guardo numa pasta, dessas que já foi chamada de "executivo", sinais diacríticos em desuso.

Diacríticos como acentos, cedilha, til e, principalmente, envolto em celofane, o trema. Circunflexo? Eu nem te ligo. O circunflexo é o mais pobre dos diacríticos e aqueles que dele fazem uso demonstram caráter fraco e pobreza de espírito.

O til é de uma vulgaridade ímpar. A cedilha lembra um C se aliviando, de forma vulgar, maculando o papel límpido, na frente de letras nobres, como o Y e o Z.

Os acentos, grave e agudo, foram feitos, expandindo o *bon mot* icônico do grande Ferreira Gullar, para humilhar a todos. Que deveriam fazer, isso sim, é (è) botar um X no lugar da assinatura e deixar a redação para aqueles com algum conhecimento de causa, feito os 40 "imortais" da Academia Brasileira de Letras, quando estes não estiverem ocupados com seus corretores discutindo investimentos nas casas editoras de Brasil, Portugal e suas ex-colônias.

Mas ah! o trema. Esse eu protejo como se uma figurinha difícil da coleção. Nunca pensei em trocá-lo por qualquer outra, por mais valiosa que fosse, e só umas duas vezes por ano tiro-o de sua inexpugnável proteção e mostro às visitas com sensibilidade para entender o que está em jogo com o sofisticadíssimo diacrítico.

Os britânicos chamam-no de *umlaut*, dada a sua origem alemã (do século 19), e que pode ser rachada em duas porções: "um", por volta, em torno, e "laut", som. Na Alemanha, assim como na Holanda, na Catalunha e na França (que eles degustam tanto quanto queijo) o meu querido trema continua cumprindo missões gráfi-

cas equivalentes a operações perigosas como um passeio ao sol tórrido do Afeganistão ou do Iraque.

Nós, num passado não muito remoto, distribuímos tremas com rigor e generosidade criteriosa. Isso quando o objetivo da língua portuguesa era ajudar o cidadão a entender e pronunciar corretamente o que diante de seus olhos se passava.

Alguém no auditório ainda se lembra de como éramos antes da reforma ortográfica de 1943? Como um *maillot* de uma só peça e o lança-perfume, o trema caía como confete sobre palavras com U, nas formas "qui", "que", "gue" e "gui" a fim de indicar que eram átonas e deveriam ser pronunciadas, como "quinqüênio" (para não dizerem como muita gente boa dizia "cuiquênio" e "saudar", para citar apenas dois exemplos. E aqueles com olho de lince hão de ter notado

que no meu "quinqüênio" faltou o delicioso trema. Burlas da cibernética.

Não consegui achar em meu teclado digital o carismático sinal diacrítico.

Inépcia minha, por certo.

Fato é que, com o "acordo" (risos) de 1990, só as palavras de origem estrangeira têm (bai-bai circunflexo) o direito às duas gotas que, laços fora, declaram sua independência e mantêm (tudo bem, acento agudo?) seus olhos claros e bonitos como o colírio Moura Brasil. Feito Muller nenhum outro exemplo.

Minha alegria é reencontrar toda semana o trema, esse meus quindins, na revista *The New Yorker*, assinatura que um bonérrimo amigo me deu de Natal, e lá encontrá-lo em seu discreto esplendor nas palavras onde tem cabimento e cumpre função gramatical.

Registre-se que o trema, ou o *umlaut* como também o chamam os americanos, é tido e havido como arcaico por todas as publicações e estabelecimentos de ensino.

"Não consegui achar em meu teclado digital o carismático sinal diacrítico. Inépcia minha, por certo."

Obama já o condenou para a prisão de Guantánamo e, no entanto, como vem fazendo a melhor revista do mundo desde seu lançamento em 1925, o *umlaut* está mais que *alive and well*, ajudando a quem não sabe, ou sabe mas é preciosista de estirpe, que o sinal diacrítico em questão serve para estipular sem deixar margem de dúvida, a pronúncia correta de uma palavra. *Cooperate*, para ficar num

exemplo, leva ou carrega *umlaut* no segundo O, deixando claro que são 4 sílabas e não 3, ou, passando para um tópico em moda, *reelect*, no segundo E, 3 sílabas de novo.

Proponho um brinde ao trema. Agora é tentar salvar do "acordo" o hífen, embora, sabemos, isso seja, ao menos no Brasil, tarefa impossível.

Ivan Lessa (1935-2012), do Estadão e BBC.

Não precisam de você

Já posso me aposentar. Nessa semana, completei 65 anos. Por isso, procuraram-me para falar de minhas carreiras e de minha vida. Gosto de falar de futebol. Não sou mais protagonista. Sou comentarista, palpiteiro oficial.

Fiz coisas certas e erradas. Só os mediócras passam pela vida sem cometer erros, sem criar fantasmas e sem ter a consciência de que poderiam ter feito melhor e, às vezes, diferente.

Nunca quis parecer mais humilde do que a humildade, mais sábio do que a sabedoria nem mais generoso do que a generosidade. Tento apenas ser um bom cidadão. É minha obrigação.

Nada mais do que isso.

Tive várias profissões. Fui atleta profissional, médico clínico, professor de medicina, comentarista de televisão e de rádio e, agora, sou colunista, além de filósofo de botequim. Quase me tornei psicanalista. Completei o curso teórico, mas desisti. Não me sentia capaz de desvendar os segredos e mistérios da alma, já que não entendia nem entendo a minha.

Hoje, incomoda-me menos a finitude da vida. Compreendo e aceito mais a fragilidade e a insignificância humanas. "As coisas não precisam de você", diz a bela música *Virgem*, escrita por Antônio Cícero e Marina Lima, cantada pela Marina.

Fico contente e orgulhoso de ser reconhecido pelo jo-

gador que fui. Isso é uma coisa. Outra é viver do passado. Não gosto de usufruir, no presente, de conquistas do passado nem que apreciem ou não meus textos influenciados por outras épocas. Como se vê, tenho algumas manias.

No passado, havia, como hoje, muitos craques, grandes times e também jogadores e equipes mediócras. É importante conhecer bem o futebol do passado para entender o do presente.

A moda é dizer que o Barcelona joga da mesma forma que as grandes seleções e equipes brasileiras do passado. Não é bem assim. Há semelhanças e diferenças. As

semelhanças são as trocas de passes, as triangulações, a bola de pé em pé e o jogo bonito. A seleção de 1970, como o Barcelona, tinha no

meio-campo um único volante (Clodoaldo) e dois craques armadores (Gerson e Rivellino), que marcavam, organizavam e chegavam ao ataque. No Barcelona, Busquets é o volante, e os armadores são Xavi e Iniesta.

As diferenças, além do preparo físico e da maior velocidade dos jogadores atuais, são, principalmente, a marcação por pressão e os poucos espaços que o Barcelona deixa entre seus setores. O Barcelona marca mais. Joga e não deixa jogar. É um time do presente.

**Dr. Eduardo Gonçalves de Andrade (MG),
o Tostão, da Folha.**

O que a arte ensina de melhor

Édouard Manet, *Almoço na Relva*, 1863.



"A história de Manet mostra que o verdadeiro artista renuncia ao reconhecimento imediato para fazer valer um ponto de vista novo."

Por que a arte existe desde sempre e continuará a existir? O que ela ensina de fundamental? A resposta a essa questão pode ser encontrada na história de Édouard Manet, o inventor da modernidade pictural e um dos mais célebres participantes do *Salon des Refusés*, a mostra destinada a abrigar as obras recusadas pelo renomado *Salon de Paris*.

A primeira das recusas foi em 1859, quando ele se apresentou com *O Bebedor de Absinto*. Foi a primeira de uma série. *Almoço na Relva* (1863) e *Olympia* (1865), que figuraram entre as suas telas mais conhecidas, só foram exibidas no salão dos recusados.

Para fazer *Almoço na Relva*, ele se inspirou em um quadro de Ticiano, que havia representado duas musas banhando-se perto de dois homens de casaca. Manet pôs três dos quatro personagens sentados na grama, dois homens vestidos e, entre eles, uma mulher inteiramente nua olhando o espectador, exibindo-se e convidando-o a olhá-la. Mais que isso, revelando o voyeurismo que o espectador deseja encobrir. A tela foi objeto de zombaria, injúria e cóle-

ra. Tendo sido qualificada de obscena, foi retirada da exposição. Manet nunca se tomou por um mestre, mas reuniu em torno de si pintores totalmente independentes e diversos uns dos outros – os futuros impressionistas. Também recebeu vários escritores no seu ateliê, como Baudelaire, Zola e Mallarmé, que o apoiaram com textos memoráveis.

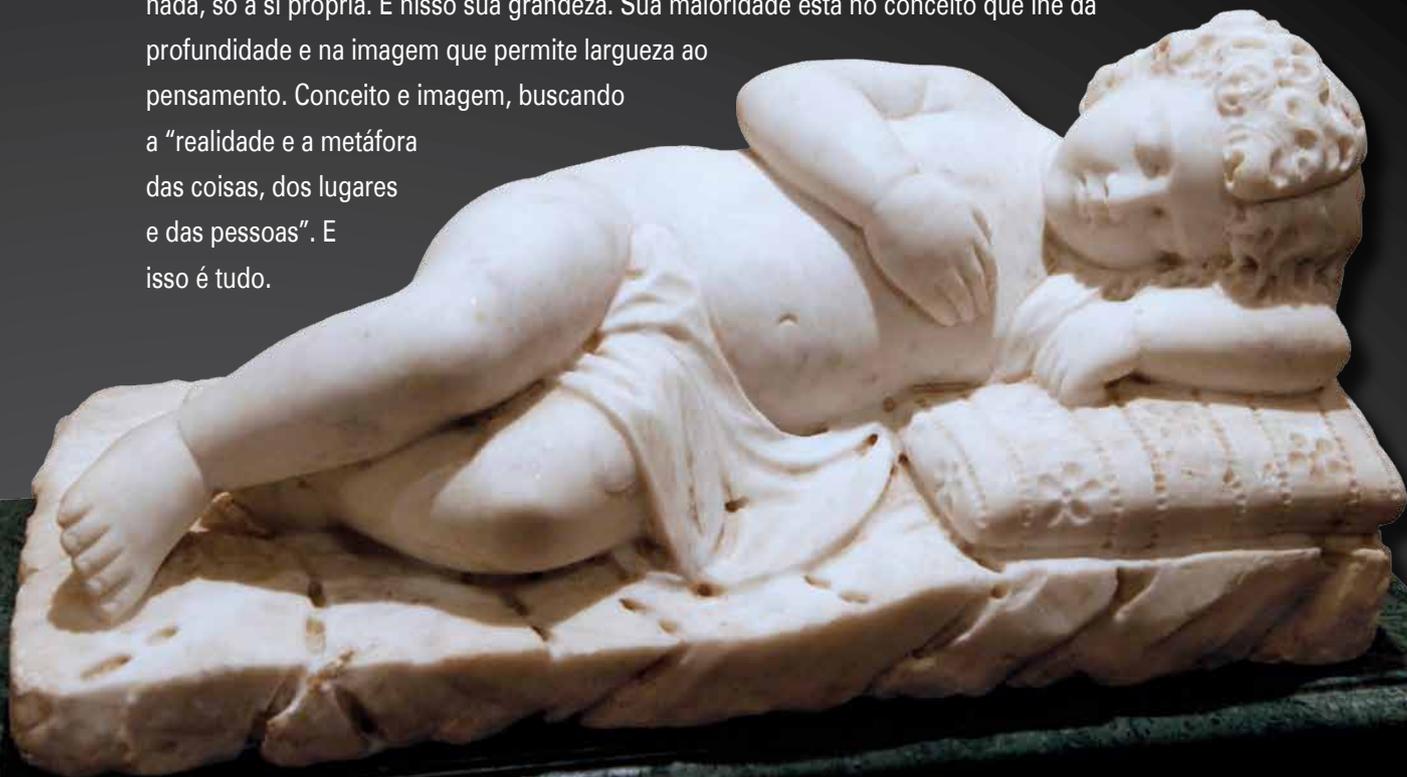
Em 1870, o impressionismo já tinha se firmado e Manet continuava à margem dos circuitos oficiais. Sua *Olympia* só entrou no Museu de Luxemburgo graças à intervenção de Monet, que defendeu a obra do amigo depois de sua morte.

A história de Manet mostra que o verdadeiro artista renuncia ao reconhecimento imediato para fazer valer um ponto de vista novo. Não quer fazer o que os predecessores já fizeram, insiste na originalidade. O que a arte ensina de melhor é isso: resistir aos imperativos do sucesso e valorizar a própria singularidade. Em outras palavras, ensina a coragem de diferir e a ter a paciência necessária para se impor, o que não é pouco.

Betty Milan, em *Veja*.

Poesias

Poesia é um doce engano. Desses que mesmo enganados não podemos subtrair. Nos enfeitiça, encanta, quando seu veio faz brotar a parceria de música e significado. Claro que não serve para nada, só a si própria. E nisso sua grandeza. Sua maioridade está no conceito que lhe dá profundidade e na imagem que permite largueza ao pensamento. Conceito e imagem, buscando a "realidade e a metáfora das coisas, dos lugares e das pessoas". E isso é tudo.



Anônimo.

SEGURO DE VIDA

*É certo fazer seguro?
ao certo não sei, eu juro,
às vezes me parece insano,
apostar tanto num plano,
no qual, afinal, nada ganho.*

*Numa taxa dispendiosa,
renunciar a tanta coisa gostosa,
por um prêmio que não desejo,
que se vier, eu não vejo.*

*Poderia o dinheiro poupar,
mais tarde talvez viajar,
algun bem, com certeza, comprar.*

Dr. Amaro Schaedler (PR)

*Mas aí me vem a incerteza,
do futuro, e a tristeza,
e se eu faltar de repente,
quem cuidará de minha gente,
quem o fará no meu lugar?*

*Quando enfim, eu tiver partido,
o que fiz fará sentido,
naquele momento de dor.
Mesmo estando já eu finado,
os meus, sentirão o afago,
do meu último gesto de amor.*

Prosper D'Epiray.



ECCE HOMO - Paulo Henriques Britto, em Formas do Nada.

*Não ser quem não se é é coisa trabalhosa.
Exige a disciplina austera e rigorosa*

*de quem, achando pouco simplesmente ser,
requer o luxo adicional de parecer*

*As essências enganam, e o eu é tão escasso
que há que ocupar com alguma coisa tanto espaço,
e nada como a negação da negação
pra efetuar tão delicada operação.*

*E pronto: está completo. O homem mais o andróide,
imune a suave mari magno e Schadenfreude.*

*ser e não ser na mais perfeita sintonia.
Use e abuse. A coisa vem com garantia.*

POEMINHA: ÚLTIMA VONTADE

Millôr Fernandes.

*Enterrem meu corpo em qualquer lugar.
Que não seja, porém, um cemitério.
De preferência, mata;
Na Gávea, na Tijuca, em Jacarepaguá.
Na tumba, em letras fundas,
Que o tempo não destrua,
Meu nome gravado claramente.
De modo que, um dia,
Um casal desgarrado
Em busca de sossego
Ou de saciedade solitária,
Me descubra entre folhas,
Detritos vegetais,
Cheiros de bichos mortos (como eu).
E como uma longa árvore desgalhada
Levantou um pouco a laje do meu túmulo
Com a raiz poderosa*

*Haja vaga impressão
De que não estou na morada.
Não sairei, prometo.
Estarei fenecendo normalmente
Em meu canteiro final.
E o casal repetirá meu nome
Sem saber quem eu fui,
E se irá embora
Preso à angústia infinita
Do ser e do não ser.
Ficarei entre ratos, lagartos,
Sol e chuvas ocasionais,
Estes sim, imortais
Até que um dia, de mim caia a semente
De onde há de brotar a flor
Que eu peço que se chame
Papáverum Millôr.*

METADE

Que a força do medo que eu tenho,
não me impeça de ver o que anseio.

Que a morte de tudo que acredito
não me tape os ouvidos e a boca.

Porque metade de mim é o que eu grito,
mas a outra metade é silêncio...

Que a música que ouço ao longe,
seja linda, ainda que triste...

Que a mulher que eu amo
seja para sempre amada
mesmo que distante.

Por que a metade de mim é partida
mas a outra metade é saudade.

Que as palavras que eu falo
não sejam ouvidas como prece
e nem repetidas com fervor,
apenas respeitadas,
como a única coisa que resta
a um homem inundado de sentimentos.

Por que metade de mim é o que eu ouço,
mas a outra metade é o que calo.

Que essa minha vontade de ir embora
se transforme na calma e na paz
que eu mereço.

E que essa tensão
que me corrói por dentro
seja um dia recompensada.

Por que metade de mim
é a lembrança do que fui,
e a outra metade eu não sei.

Que não seja preciso
mais do que uma simples alegria

Oswaldo Montenegro*.

para me fazer aquietar o espírito.

E que o teu silêncio
me fale cada vez mais.

Porque metade de mim
é abrigo, mas a outra metade é cansaço.

Que a arte nos aponte uma resposta,
mesmo que ela não saiba.

E que ninguém a tente complicar
porque é preciso simplicidade
para fazê-la florescer.

Porque metade de mim é plateia
e a outra metade é canção.

E que a minha loucura seja perdoada.

Porque metade de mim é amor,
e a outra...
também.

*Nota Do Editor:
Letra de Oswaldo
Montenegro, basea-
da no poema Traduzir-se de Ferreira
Gullar, sobre a
dualidade humana.



Maria Ester Bueno, Castiane.

A arte de não prescrever

O sociólogo estadunidense Peter Conrad define a palavra medicalização como o processo pelo qual condições não-médicas passam a ser definidas e tratadas como problemas médicos, geralmente sob a alcunha de doenças ou transtornos. São exemplos clássicos de medicalização a calvície masculina, a disfunção sexual em pacientes sem doença aterosclerótica ou neurológica e a timidez, hoje presente nos livros-texto de Psiquiatria com a fascinante designação de transtorno de ansiedade social. Embora a linha que separa o normal do patológico sempre tenha sido tênue, ao longo das últimas décadas parece que a mesma foi definitivamente perdida.

Existem dois manuais utilizados universalmente para a classificação do paciente como doente: o CID (Classificação Internacional de Doenças), genérico em suas especificações, e o DSM (*Diagnosis and Statistical Manual of Mental Disorders*), este restrito ao diagnóstico das doenças consideradas mentais. Uma rápida olhada nestas duas publicações certamente permite nos enquadrar em cinco a sete transtornos distintos. E a diferença entre ser um indivíduo saudável e se tornar um paciente entregue ao domínio do sistema de saúde reside muitas vezes no fato de decidirmos consultar ou não o médico.

Tomemos como exemplo a polêmica fibromialgia, condição caracterizada por dor crônica difusa, isto é, sentida em todo o corpo. Estima-se que a mesma acomete de 3 a 5% da população geral,

número bastante semelhante à prevalência de dor generalizada observada nas comunidades Amish norte-americanas, as quais pouco contato têm com a mídia escrita ou televisiva, e cujos integrantes levam sua vida normalmente, apesar do quadro de dor. A diferença é que a fibromialgia entre os Amish é zero. Trata-se de um exemplo de doença que necessita da presença do médico para passar a existir. E, como médicos ligados a um paradigma, recorreremos a consensos que abordam a doença, onde os *experts* no assunto corroboram o uso de medicamentos, cuja indicação é oficial e presente em bula. A medicalização flui inconscientemente e com a sensação do dever cumprido.

"A quarta causa de mortalidade hoje nos Estados Unidos são erros médicos e os efeitos colaterais decorrentes de medicamentos."

Contribuem também para a medicalização a tolerância cada vez menor dos indivíduos com condições meramente desconfortáveis, a diminuição da religiosidade, a fé crescente e nem

sempre bem fundamentada no progresso da ciência médica e o desejo por soluções tecnológicas para problemas sociais e culturais complexos. Como resultado, temos um aumento progressivo de indivíduos outorgados como pacientes, submetidos a tratamentos e intervenções de eficácia não raramente duvidosa, quando não, perigosos. Vale ressaltar que a quarta causa de mortalidade hoje nos Estados Unidos são erros médicos e os efeitos colaterais decorrentes de medicamentos.

E, uma vez que o exercício da Medicina tem assumido cada vez mais o seu aspecto comercial, o resultado da consulta médica deve ser tangível. A receita

"Remédios são integrantes básicos do paradigma médico em que vivemos.

Questionar a sua eficácia e necessidade seria como um artesão brigar com as suas ferramentas."

médica tornou-se um item quase que obrigatório no relacionamento médico-paciente. Remédios são integrantes básicos do paradigma médico em que vivemos. Questionar a sua eficácia e necessidade seria como um artesão brigar com as suas ferramentas.

Como profissional de saúde e professores, devemos resgatar um dos valores médicos esquecidos, que é o hábito de não prescrever. Philippe Pinel, eminente médico francês que atuou durante a revolução maior do seu país, colocava que "prescrever é uma arte de menor importância. A tarefa mais difícil e admirável é saber quando não prescrever ou quando suspender os medicamentos". Para tal, devemos contar com a compreensão e reeducação dos pacientes, tarefa árdua em um mundo de informações médicas pseudocientíficas e mercantilistas.

Por fim, urge que reaprendamos a diferenciar problemas decorrentes de condições sociais, econômicas e culturais, de doenças médicas. Questionamentos virão, anomalias serão descobertas, observadas, compreendidas e assimiladas e a ciência da saúde amadurecerá, dando lugar a um novo e mais acurado paradigma.

E, certamente, a medicalização como conhecemos hoje não estará entre os valores fundamentais deste novo modelo. Infelizmente, por enquanto, aqueles que abraçam esta ideologia continuarão a parecer artífices descontentes com os seus próprios instrumentos de trabalho.

Dr. Marcelo Derbli Schafranski (PR).



D. Quichote, Machault (1800-1866).

A GALERIA

Esculturas em bronze e mármore que compõem esta galeria e

também ilustram outras páginas da edição fazem parte de acervo particular e que dificilmente estarão, juntas, expostas em local para visitação pública. Assim, a contemplação de obras de valor artístico-cultural incalculável é um brinde aos leitores do **IÁTRICO**. Um passeio no tempo para, na genialidade e destreza de artistas nascidos no século XIX, em sua maioria, fazer a leitura da alma, do sentimento humano, da relação com o ambiente... São exemplares raríssimos, quando não únicos, de escultores como D. Sodini, Prospe d'Épinay, Felix Maurice Charpentier, Elio de Giusto, Albert Ernest Carrier-Belleuse, Joseph M.A. Pollet, Demetre Haralamb Chiparus, Machault, Pierre Hébert, João Batista Ferri, Casfiane, Leopoldo de Almeida e também o "nosso" João Turin, morretense que é considerado o precursor da escultura paranaense. Há também obras de autoria anônima, mas que deslumbram pelos detalhes ricos que permitem extrair lógica e contradição nas expressões fisionômicas. É assim a imagem da escultura que ilustra nossa capa. Contraste de angústia e esperança. De prisão e liberdade, extremos desafiadores de sentimentos e destinos que alimentam o tema desta edição. 🗨

AGRADECIMENTO

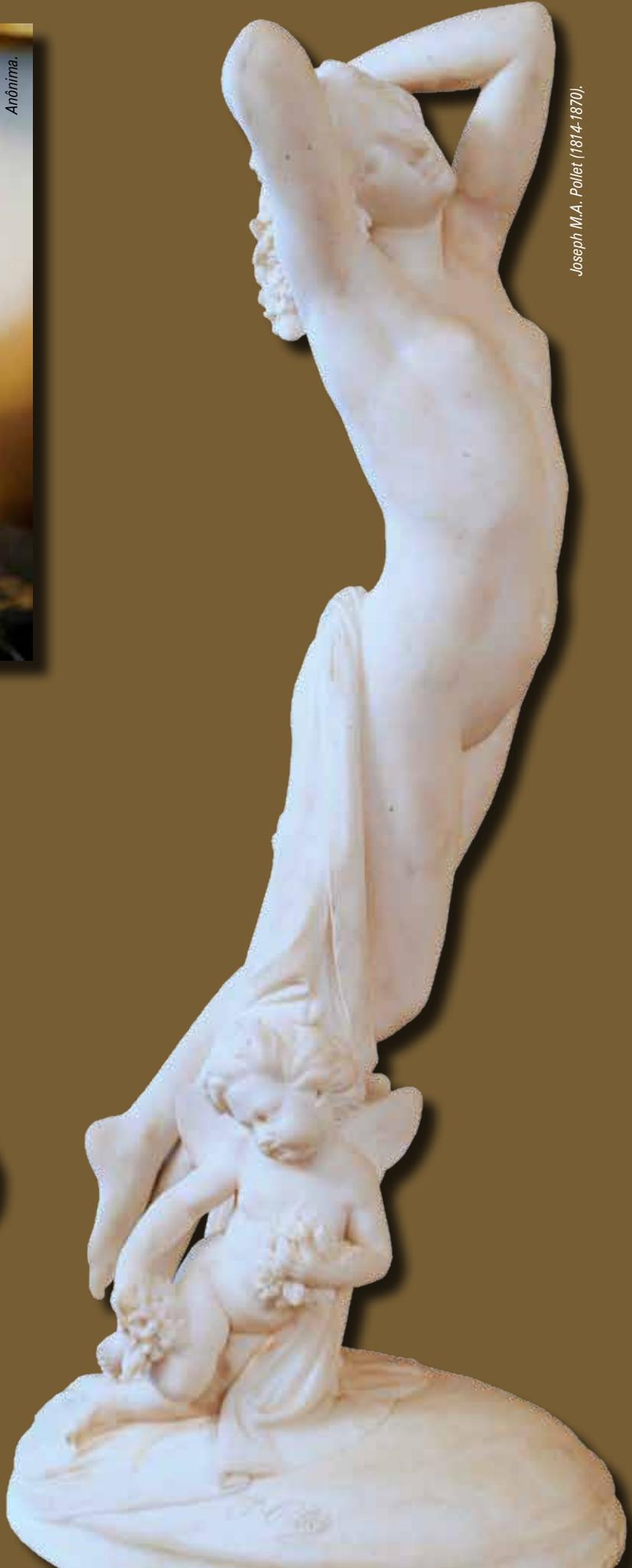
As ilustrações deste **IÁTRICO** foram possíveis graças à colaboração do amigo Arno Campos, que nos deu acesso à sua coleção particular. À sua generosidade e franquia o agradecimento de todos que, a cada número da revista, procuram fazê-la original. Coube ao fotógrafo Luiz Augusto Costa a gratificante missão de reproduzir as imagens.



"L'Unione fa la forza", D. Sodini (1856-1934).



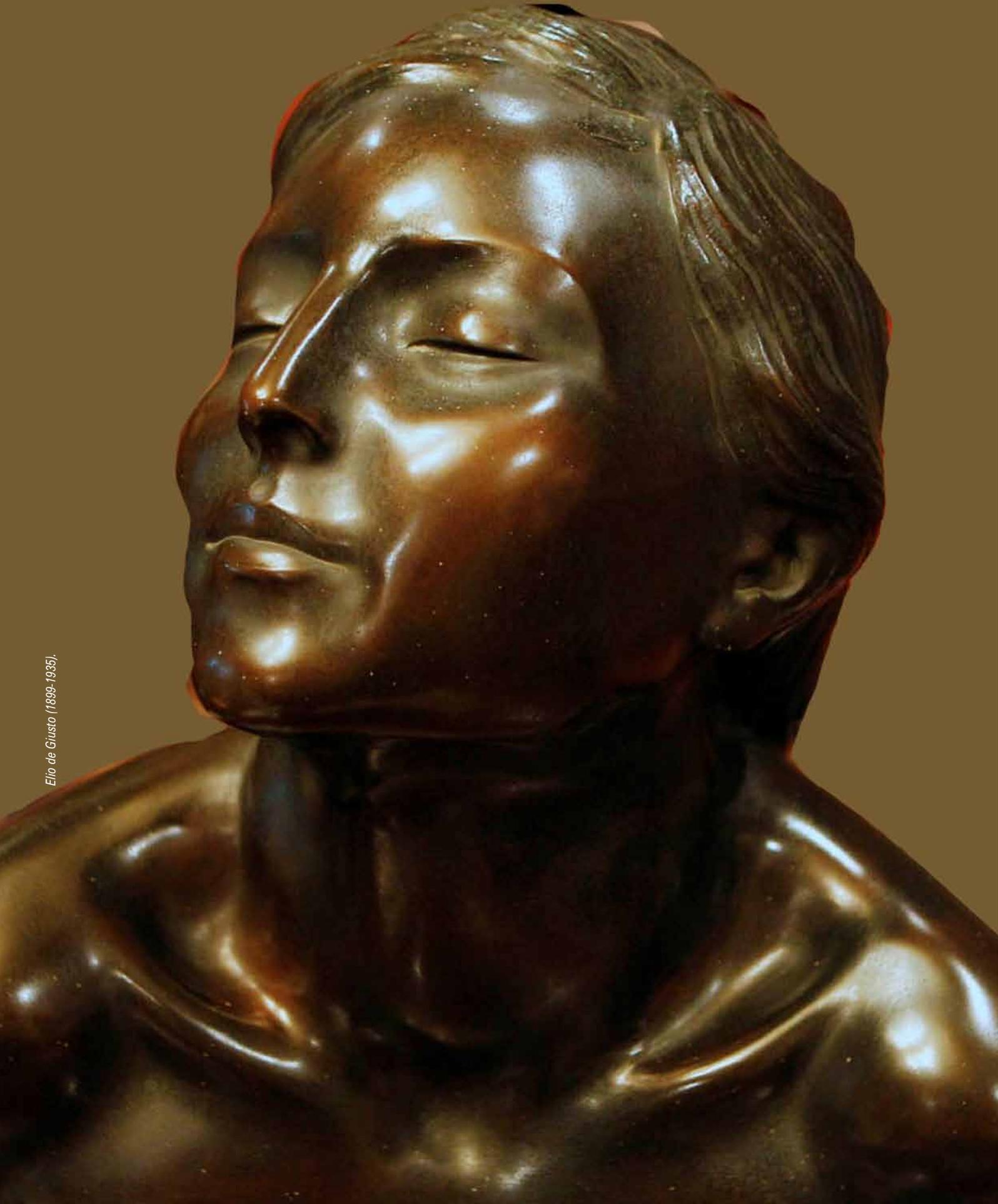
Anónima.



Joseph M.A. Pollet (1814-1870).



Felix Maurice Charpentier (1858-1924).



Elio de Giusto (1899-1935).



Les Captives, Pierre Hébert (1804-1869).

A Medicina, a pesquisa e a Medicina Translacional

A MEDICINA

A Medicina é arte e ciência. Contudo, duas perguntas se fazem necessárias: a primeira - A arte leva à ciência ou a ciência leva à arte?; a segunda - Mas, nestes tempos contemporâneos, estamos perdendo a arte ou a ciência? Considero que há indissociabilidade entre ambas. Em 2001, Marc Leval conclui em seu trabalho *From art to science: a fairly tale? The future of academic surgery*, que líderes profissionais e não tecnocratas assumam a liderança médica.

A PESQUISA

Uma pesquisa deve apresentar o seu sexteto mágico: (1) a ideia brilhante e a pergunta de pesquisa; (2) a hipótese; (3) o objetivo da pesquisa; (4) a variável primária; (5) a conclusão; e (6) o título do trabalho da pesquisa. Após, escrever o trabalho. Escrever bem. O escritor deve "cortar todo o resto e ficar no essencial" (Ernest Hemingway). E, "ao publicar, vemos a importância de nossa pesquisa" (Kurt Wüthrich, vencedor do Prêmio Nobel de Química de 2002).

Dois pontos são importantes na vida acadêmica: o primeiro que produzir é essencial, mas "produzir por produzir" é inaceitável. Em segundo, a inércia na pesquisa deve ser radicalmente combatida.

E A MEDICINA TRANSLACIONAL

A passagem da ciência básica para a prática clínica é chamada de MEDICINA TRANSLACIONAL. Apenas citando um exemplo, muito do conhecimento que Peter Safar baseou na elaboração da moderna reanimação

cardíaca (*Air Breathing Circulation* - ABC) em 1961. Já havia o conhecimento experimental de todas as fases do ABC desde o ano de 1900. Mas, demorou 61 anos para a sua efetivação porque em 1900 havia pouca comunicação entre os fisiologistas e os clínicos.

Carlos Drummond de Andrade em seu poema *No meio do caminho* do livro *Alguma poesia* (1930):

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas.*

2

*Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Numa área de penumbra da medicina translacional, podemos citar dois casos de desvios éticos. Dr. Hwang Woo Suk (Coreia do Sul) na área de pesquisa de células-tronco em que após a "clonagem de vários embriões" eliminava a necessidade de utilização de novos embriões. O segundo caso é acerca do periódico de acesso aberto *The Open Information Science Journal* no qual o editor aceitou publicar um artigo científico sem sentido, gerado

*"A verdade dos fatos deveria
ser buscada na observação e
na experimentação."
GALILEU*

por computador por dois “pesquisadores” do *Center for Research in Applied Phrenology* (CRAP). Sim, há pedras no meio do caminho da produção científica.

...E O FUTURO...

*“You can tell wheter a man is clever by his answers.
You can tell wheter a man is wise by his questions.”*

NAGUIB MAHFOUZ

O pensamento, no futuro, tornar-se-á muito importante para as instituições acadêmicas, mas, também muito mais difícil. Em excelente artigo, S.Hagl relata que a cardiologia acadêmica encontra-se em declínio na Europa como resultado do enfraquecimento da inovação clínica. Destaca: *“We are facing the loss of a generation of young scientists, who should have been our research leaders in the future. With loss of talent, that benefit patients has declined, and this decline is causing widespread alarm.”*

Nas universidades brasileiras, através da CAPES, o ensino superior passou a priorizar a formação de pesquisadores (humboldtiano) e não de professores (tradição erudita). Bom para nós, porque as pesquisas podem conectar-se com os nossos problemas a resolver...

Dr. Hélio Giffhorn (PR).

FONTES CONSULTADAS

- Hossne WS. O cirurgião acadêmico. *Acta Cirurg Brasil* 2003;18(5):372-84.
- Leval MR. Form art to science: a fairy tale? *The future of academic surgery. Ann Thorac Surg* 2001;72:9-12.
- Zerhouni EA. *Translacional and Clinical Science – Time for a New Vision. N Engl J Med* 2005;353:15:1621-23.
- Taw RL. Dr.Friedrich Maass: 100th Anniversary of “New “ CPR. *Clin Cardiol* 1991;14:1000-02.
- Pitta GBB, Roque FV, Pitta MR. O sexteto mágico da pesquisa clínica. *Rev Bras Cir Cardiovasc* 2009;24(2):113-5.
- Pesquisa Fapesp / Marques F. *Escreva bem ou pereça. Cursos e serviços ajudam pesquisadores a redigir um bom trabalho científico. Rev Bras Cir Cardiovasc* 2011;26(2):304-8.
- Estadão.com.br. Entrevista (16 de agosto de 2011): Kurt Wüthrich.
- Marques RG. *Cirurgia-Arte e Ciência. Rev Col Bras Cir* 2008;35(4):214-5.
- Andrade CDA. *No meio do caminho. Em: Alguma poesia (1930). 1a.Ed. Ed.Pindorama .*
- Folha de São Paulo.Ciência. *Periódico científico aceita publicar trabalho forjado. 13 de junho de 2009.*
- Hagl S. *Cardiothoracic surgery: time for reappraisal ! Eur J Cardiothorac Surg* 2008;33:759-66.
- Machado ANN e Bianchetti L. *(Des)Fetichização do Produtivismo Acadêmico: Desafios Para o Trabalhador-Pesquisador. ERA* 2011;51(3): 244-54.

SELEÇÃO DE CABECEIRA - PARTE II

18. O QUE É A EVOLUÇÃO
Ernest Mayr;
Ed. Rocca.

19. CHRONIC ILLNESS AND UNCERTAINTY
Dom Goldenberg;
Library of Congress, 1996.

20. O MÉDICO, SEU PACIENTE E A DOENÇA
Michael Balint;
Ed. Atheneu.

21. AS MEDICINAS ALTERNATIVAS: MITO, EMBUSTE OU CIÊNCIA?
Jayme Landmann;
Ed. Guanabara.

22. ISTO É BIOLOGIA
Ernest Mayr;
Cia das Letras.

23. FILOSOFIA DA CIÊNCIA
Rubem Alves; Ed. Loyola.

24. A EXPROPRIAÇÃO DA SAÚDE
Ivan Illich;
Ed. Nova Fronteira.

25. FREUD
Peter Gay;
Ed. Cia das Letras.

26. MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES
C. G. Jung;
Ed. Nova Fronteira.

27. INTELIGÊNCIA: UM CONCEITO REFORMADO
Howard Gardner;
Ed. Objetiva.

28. POR QUE ADOECEMOS
Raudolph Ness e George C. Williams; Ed. Campus.

29. O ANIMAL MORAL
Robert Wright;
Ed. Campus.

30. COLAPSO
Yared Diamond;
Ed. Objetiva.

31. A MEDICINA DA PESSOA
Danilo Perestrello;
Ed. Atheneu.

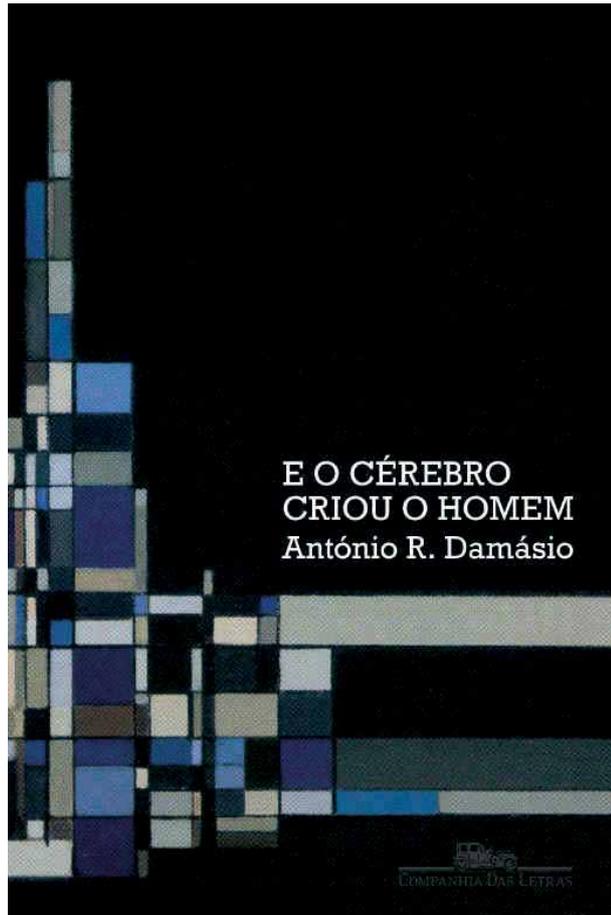


E o cérebro criou o homem. Um resumo e comentário

Uma tarefa árdua do caríssimo editor do látrico, Dr. João Manuel Cardoso Martins, outra vez mostrou ser uma indicação precisa. Um livro excelente. Muito bem escrito, pleno de informação em vários níveis de conhecimento, e de noções, conceitos, ideias, realidades e interpretações surpreendentes, sem ser chocantes. Texto, conteúdo e faíscas mentais em profusão e qualidade. Um ponto marcante é o autor conseguir ser evolucionista mantendo uma sensação de surpresa com a maravilha da natureza, como se o toque criativo fosse contínuo. Após este livro, minha analogia da evolução da consciência é com o big-bang do universo, no sentido de ser contínuo; nunca para.

Em resumo, Damásio se estende em bastante detalhe a colocar como se dá a consciência, o grande mistério da neurociência, da biologia, da fronteira entre ciência e filosofia. Passa de seres de uma só célula, que tem alguma percepção do que se passa em seu entorno e mesmo dentro de si, aos mais complexos primatas, os humanos, cuja consciência é administrada pelo tronco cerebral, pelo tálamo, e pelo córtex. Consegue ir do início ao fim sem perder o fio da meada, sem se perder em si mesmo, em suas próprias obras, neste ou naquele aspecto que pudessem ser de sua preferência ou de sua especialidade. Não se concentra demais em anatomia, fisiologia, psicologia, bioquímica, genética, neuroimagem. Consegue manter o foco no objetivo científico, analisa o que precisa e vai aos poucos estabelecendo o que são e onde podem estar localizados a mente, o "eu", os sentimentos, o proto-eu, o eu autobiográfico e, finalmente, a consciência. Através de todo o livro Damásio dedica bastante energia ao desenvolvimento da relação entre linguagem e consciência, e assim, completa um volume fascinante.

"Damásio dedica bastante energia ao desenvolvimento da relação entre linguagem e consciência, e assim, completa um volume fascinante."



Peço desculpas se estiver usando palavras diferentes da tradução para o português, pois preferi ler o original em inglês (*Self comes to mind. Constructing the conscious brain*. Vintage, London, 2012, 367 pp). Especialmente nes-

te campo, é perigoso utilizar um certo jargão verbal, e uma das virtudes de Damásio é ser científico, evitando esta ou aquela vertente. Pre-

firo pagar o preço de inventar alguma palavra que possa parecer fora do esquema usual, como "proto-eu", para tentar ser fiel a esta postura do autor, que admirei muito. Ele parece conseguir ficar em uma linha equidistante de

"Muitos livros que misturam ciência com filosofia se perdem no fim, quando o autor se vê obrigado a fazer previsões para o futuro. Este não é o caso."

materialismo e religiosidade, por exemplo. Talvez este livro pudesse ser adotado por escolas que muitas vezes vão contra o evolucionismo darwiniano. Colocar consciência em seres de uma só célula, em répteis, e humanos, com tanta base, naturalidade e extensão, é um feito e tanto.

Uma impressão que permanece emana do texto sem estar nas palavras, é que algo une, existe algo que todos estes seres têm, a consciência de si mesmos e de seu entorno. Damásio revela um profundo respeito por todos os seres vivos, do início ao fim de sua obra. E começa citando Fernando Pessoa. Termina citando Deus muito *en passant*, junto com arquitetos! Agradece sua esposa e colaboradora Hanna, mas, talvez por razões mercadológicas, como é típico dos americanos, restringe seu raciocínio científico ao pensamento ocidental anglo-saxão moderno. Estrela do primeiro time, seu livro merece comentários de periódicos fashion que gravitam na órbita Los Angeles-Nova York, e de estrelas internacionais e superdotados como Yo-Yo Ma. No texto, a edição deixou pouco desse excesso de estrelismo de António Damásio, como ele se chama para o mercado americano, mas existem alguns parágrafos inteiros com palavras complicadas, longas, rebuscadas. Porém, não é demais, basta para deixar entrever a personalidade do autor. Uma consulta ao seu perfil no site da *University of Southern California* mostra que Damásio lastreou sua carreira com 17 publicações científicas nos últimos 6 anos, em revistas como *Nature* e *Science*.

Dos pontos de vista anatômico, bioquímico e fisiológico, ou seja, como a maior parte de todos nós estudamos na escola, Damásio não deixa muita dúvida de que a consciência é principalmente um atributo do tronco cerebral. É a forma de consciência que tem Daniel, um simpático lagarto que habita o jardim de minha casa. Conforme a evolução foi criando o córtex, tornou-se necessário o tálamo

para conectar as várias cidades de neurônios que foram se formando. Conectá-las entre si, com as inúmeras estações do tronco cerebral, e com os órgãos de contato com o exterior, como visão, audição e sensações em geral. O tálamo é uma extensão para cima do tronco cerebral, rodeado destes núcleos que fazem estas conexões com o córtex. Do ponto de vista funcional, Damásio consegue deixar bem claro como estes sistemas operam quando estamos em piloto automático, quando tronco cerebral, tálamo e algumas regiões do córtex são gerenciadas pelo chamado córtex medial posterior, no sistema conhecido como *default mode network*.

Porém, uma ideia é recorrente após terminar este livro e revirá-lo várias vezes. Porque não existe nenhuma citação da "*Textura del sistema nervioso del hombre y de los vertebrados*", de Santiago Ramon y Cajal, publicado entre 1899 e 1904 pela N. Moya, de Madrid?

Logo de início Damásio estabelece que a base da consciência dos primatas é o neurônio, porém quem estabeleceu este fato foi Santiago. Utilizando o microscópio e as colorações de Camillo Golgi, Santiago mudou a história com sua *Textura*, que alguns comparam aos grandes livros da ciência ocidental, como o *Diálogo de Galileo*, o *Principia* de Newton, e a *Origem das Espécies* de Darwin. Ramon y Cajal demorou mais de 10 anos desenhando e escrevendo a *Textura*, e o mais provável é que seus contemporâneos já soubessem pelo menos em parte o que ele fazia, pois rapidamente se seguiram muitas descobertas, principalmente no eixo Oxford-Cambridge, com Sherrington e Adrian. Vindo de fora do eixo anglo-saxão, a *Textura* coroou os séculos de civilização moura, judia e cristã da península ibérica, centrados exatamente onde Santiago Ramon y Cajal viveu e trabalhou (Zaragoza, em Aragón). Foi ele quem quebrou

o paradigma até então vigente, que dizia que o cérebro era uma geleia de coisas amorfas que nem bem células eram, e é considerado por muitos o pai da Neurociência, além de ser 100% responsável pela Teoria do Neurônio. Camillo Golgi, com quem dividiu o Nobel de Medicina e Fisiologia de 1906, por exemplo, não acreditava no neurônio. Golgi acreditava que tudo era um grande retículo, sem divisões, sem neurônios, dendritos, axônios ou sinapses, muito embora a sua coloração permitisse entrever justamente o que Santiago viu. Olhou pelo microscópio, viu, desenhou e interpretou.

Este não é o espaço nem o momento de ressaltar a importância da *Textura*. Damásio gasta um pouco de tempo com Freud e Jung, em citações que me parecem mais feitas para agradar a plateia do que essencialmente corretas. De outras maneiras o livro e as ideias de António Damásio fazem muito sentido. O grande herói da Psicologia da virada do século XIX para o XX é William James; seus textos são revisados em muito detalhe vis-a-vis os maiores avanços neurocientíficos recentes. Não parece bairrismo; é uma constante, William James está na moda. Sua Psicologia talvez tenha sido uma das mais "científicas" deste época explosiva do desenvolvimento do humanismo.

Muitos livros que misturam ciência com filosofia se perdem no fim, quando o autor se vê obrigado a fazer previsões para o futuro. O tempo de edição e publicação é suficiente para demonstrar que muitas eram incorretas. Este não é o caso. António Damásio se dedica a extrapolar muito pouco adiante do que já fica estabelecido durante o livro. Primeiro ele faz uma revisão anatômica e funcional do sistema nervoso central e periférico, assim mesmo, no fim do livro, uma opção interessante. E dedica um pouco de espaço a quais *networks* desenvolvem e porque o sistema nervoso cuidaria de arte, ética, entre outras de nossas capacidades humanas e sociais. A resposta é traçada pela evolução, darwiniana. Seguem-se suas anotações, referências e um bom índice remissivo. Excelente livro, algumas boas ilustrações mesmo no livro de capa mole, recomendado sem restrições, com 4 estrelas.

Dr. Paulo Rogério Mudrovitsch de Bittencourt (PR).

Uma mente inquieta

UM ROMANCE DE FORMAÇÃO

A autora deste livro nasceu num ambiente que, além de estimular seu desenvolvimento afetivo e intelectual, valorizava a segurança trazida pelas normas e pela tradição: uma família *Wasp* ("*White Anglo-Saxon Protestant*"), com um pai cientista e oficial da aeronáutica, uma mãe solidamente afetuosa e irmãos encantadores.

Quando adolescente, Kay Redfield Jamison percebeu que alternava períodos de entusiasmo e de melancolia. Embora intensas, essas alterações de humor não impediram que ela prosseguisse os estudos, até doutorar-se em psicologia. Porém, meses depois de ingressar como professora no departamento de psiquiatria da Universidade da Califórnia, ela teve o primeiro surto psicótico de mania.

A partir de então, acompanhamos a protagonista de *Uma Mente Inquieta* por vários círculos de seu inferno: casamento desfeito, delírios, endividamentos por compras enormes e desnecessárias (um sintoma da mania), uma depressão que a derrubou por um ano e meio, tentativa de suicídio, morte de um grande amor, recaídas por recusar o medicamento, luta constante para manter a ocupação, a sanidade, a vida. Mas também tomamos conhecimento de fatores que a ajudaram: o reconhecimento da necessidade de tomar lítio, um psiquiatra de primeira linha, amigos e familiares excepcionais, o companheiro finalmente encontrado. O uso do termo "protagonista", para designar a autora, remete à natureza "literária" de seu livro. *Uma Mente Inquieta* possui isto em comum com certas obras de ficção: trata do nascimento, paixão e vitória de um herói ou heroína. Ao nos fazer seguir a evolução interior da personagem, ele tem algo de "romance de formação". Mas, diferentemente deste, seria sobretudo um romance de superação. Nele não falta – melhor, ele requer – humor, distanciamento relativo, "artístico", ante a própria condição (sintoma da saúde). Há que destacar, também, a precisão e o vigor de sua prosa, que em geral se conservam nessa tradução.

Comparado a outros relatos de sofrimento psíquico, o



"Kay usou sua doença, o conhecimento que adquiriu apesar dela e graças a ela, para aperfeiçoar tratamentos e contribuir para mudar a atitude da sociedade ante a doença."

de Kay Jamison se distingue por ela ter se tornado uma especialista na doença de que é vítima. Além da autora, juntamente com F. Goodwin, de um importante manual (intitulado *"Manic-Depressive Illness"*), ela dirigiu e fundou uma clínica de transtornos afetivos e, entre outras atividades, organizou concertos de obras de compositores que sofreram do mesmo mal (como Schumann, Berlioz e Wolf). Em suma, usou sua doença, o conhecimento que adquiriu apesar dela e graças a ela, para aperfeiçoar tratamentos e contribuir para mudar a atitude da sociedade ante a doença. Entre as coisas que ajudaram Kay Jamison a sobreviver, a principal foi sem dúvida o medicamento. Mas ela demorou a reconhecer isto, por ter a reação comum de negar que o que tinha era uma enfermidade, era "loucura". Pois, diz ela, "as oscilações de humor são uma parte tão essencial da substância da vida, da nossa noção de identidade, que mesmo extremos psicóticos no humor e no comportamento podem de algum modo ser vistos como reações temporárias, até mesmo compreensíveis, ao que a vida nos apresenta".

No entanto, foi enorme o benefício da psicoterapia. O lítio tornou-a tratável, a psicoterapia (com seu psiquiatra) tratou-a. Em seu relato não há jargão psicanalítico, e o nome de Freud não é citado. Mas ela rejeita as distinções entre uma psiquiatria "biológica", que dá ênfase a causas e tratamentos médicos dos distúrbios mentais, e psicologias "dinâmicas", que se detêm na estrutura da personalidade, em conflitos e motivações inconscientes. Os bons leitores de Freud sabem que ele também rejeitou a concepção simplista que serve de base para essa divisão, que ele jamais abandonou – não tendo condições nem disposição para explorá-la – a ideia de uma fundamentação bioquímica dos afetos. Esta não é, como se sabe, a postura de grande parte dos psicoterapeutas. Na expressão "doença mental", atentam quase exclusivamente para o objetivo. Ignorando o substantivo, eles reproduzem a miopia inicial de Kay Jamison. No plano das instituições, a con-

trapartida disso está em que as seguradoras de saúde não cobrem gastos na área "psi" (nos EUA, cobrem-nas em parte).

Uma *Mente Inquieta* não aborda questões de epidemiologia e política de saúde. É a história de um indivíduo, de uma mulher que, por ter a sorte de pertencer à elite, ter amigos e parentes preciosos e ser talentosa, escapou de morrer ou de vegetar num asilo ou num quarto. Estima-se que 5 milhões de americanos sofram de alguma grave doença mental. No Brasil, segundo informa o prefácio a esta edição (assinado por um psiquiatra do Hospital das Clínicas de São Paulo), há 1 milhão e meio de pessoas afetadas pelo que hoje se denomina "transtorno bipolar de humor" – tradicionalmente chamado "psicose maníaco-depressiva" ou "PMD" (Kay Jamison questiona a denominação atual, preferindo "doença maníaco-depressiva").

Atualmente é clara a determinação genética dessa enfermidade. No caso de nossa autora, ela constatou que foi herança paterna. No ritmo em que avança a biologia molecular, a identificação dos genes responsáveis pela doença é uma questão de tempo. Disso resultarão tratamentos mais precisos. Ao mesmo tempo, delicados problemas éticos surgirão. Por exemplo, pergunta Kay Jamison, será que as gestantes preferirão abortar fetos com esses genes? E, se for possível liquidá-los definitivamente, deverá isto ser feito, tornando o mundo mais ameno?

A resposta é negativa, claro. Poderia ser a mesma que ela ouviu do diretor do hospital Johns Hopkins, ao indagar se a sua condição era um obstáculo para clinicar. Após dar uma risada, ele disse que, se fossem dispensar todos os professores maníaco-depressivos, o corpo docente da escola de medicina seria, "além de muito menor, muito mais entediante".

Ao longo de seu livro, Kay cita vários poetas, gente que, como ela, soube apreciar uma "vida rica de humores". Há uma frase de Guimarães Rosa que ela certamente subscreveria: "Você sabe", disse ele a um amigo, "a normalidade é, afinal, a animalidade".

Paulo César Lima de Souza (SP), da Folha.

Diário de bordo

❶ Receitei muito elixir paregórico, 20 gotas, claro, três vezes ao dia. Que médico eu fui!

❷ Segundo Ivan Lessa, na Renascença, menos de três ocupações e você era queimado vivo por ignorância ou vagabundagem. Exemplo: o popular Nostradamus, nada como o latim, foi apotecário, médico e alquimista. Apotecário é obscuro, como tudo que ele previu, não adianta procurar no dicionário. É algo como especialista em líquens ou hipotecas. A propósito, obscuro fica entre o claro e o escuro, manjou!

❸ Se você quer saber algo sobre o pensamento de esquerda e não tem embasamento, tempo ou paciência para ler Marx, Engels, Trotski, e *tutti quanti*, leia num único livro de ensaios, *Rumo à Estação Finlândia*, de Edmund Wilson, Cia. Das Letras, de maneira clara e não afetada tudo o que conta a respeito. Da mesma forma, se quiser uma argumentação sólida e lógica do conservadorismo, leia as obras do francês Raymond Aron e do inglês E. Burke. E se, pelo mesmo motivo, não tiver alcance à sua obra, leia pelo menos *Por Que Virei À Direita* de Coutinho/ Pondé/ Rosenfield, Ed. Três Estrelas. Escolhas conscientes só se fazem com conhecimento de causa, e muita observação e reflexão do cotidiano vivenciado.

❹ Física quântica estuda o mundo subatômico, não emanções esotéricas.

❺ Poesia? É um Solimões e um Negro sem se notar a divisão. Realidade e imaginação conjuntas. Literatura? A linguagem com significado.

❻ Vamos ser francos, o Google não cria, apenas copia.

❼ Não confunda lembrança com memória. Não lembramos tudo que está na memória, e nem todas as lembranças são exatas. Na verdade, recriamos a memória. Por isso, temos uma tendência, um viés, de melhorar tudo o que foi vivido.

❶ Como tenho um apreço danado pela liberdade e autonomia, admiro a ode de John Stuart Mill quando afirmou: “Sobre si mesmo, seu corpo e sua mente, o indivíduo é soberano”.

❷ Homenagem ao Millôr: “O perigo de uma meia verdade é você dizer exatamente a metade que é mentira”.

❸ Nosso príncipe da crônica, Rubem Braga, humildemente dizia que escrevia de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido. Vá ser abençoado assim no ponto e vírgula, sua maior especialidade.

❹ A ciência tem método para chegar a suas conclusões; o senso comum, não. Taí, o ponto e vírgula do Rubem. Os gramáticos chamam isso de “coesão textual”. Outras palavras: a alta costura do texto é o que flui sem necessidade de voltar na leitura. Poucos conseguem, e são chamados de estilistas. O estilista da língua não é mirabolante.

❺ Já reparou que a virtude quase sempre é discreta e silenciosa?

❻ Uma vida não-inventada não é vida. Para isso tivermos a invenção da arte, da ciência, da religião e da filosofia. Ao alcance de todos com suas devidas gradações. Pena que a maioria não vive, vegeta.

❼ Ontologia é um palavrão nascido para não se saber. No entanto, diz o que você é. Estuda a sua essência.

❹ Adoro quando Frank Sinatra canta *I get a Kick out of you...* É tesão mesmo.

❹ Sabe quem são os operatórios? São os que racionalizam tudo.

❹ Meu maior problema: gosto de coisas demais.

❹ Para quem é sectário, estreito, valem as palavras daquele famoso e falso detetive chinês, Charlie Chan: “O espírito é como um paraquedas. Só funciona se estiver aberto”.

❹ Há possibilidade de controlar a loucura, não de endi-

reitar uma personalidade torta.

❶ Melhor do que a submissão por temor aos poderosos é a submissão à autoridade consentida, a que congrega, motiva e não submete.

❷ A pior submissão que existe, quando irreversível, é a sujeição à dor. Essa dá medo!

❸ É interessante o antagonismo do entendimento. Se Freud dizia que conhecer o outro só importa para nos aproximarmos ou nos afastarmos, Pessoa dizia que ainda bem. Porque a ignorância sobre os outros nos permite que os toleremos. E se agíssemos como pensamos, ah, coitados dos outros.

❹ Triade de possibilidade para vencer na vida: disciplina, organização, responsabilidade.

❺ O paciente tem medo da doença e cabe ao médico injetar-lhe fé, isto é, gerar a crença de que venha a ficar curado.

❻ Pesquisa é ir de fracasso em fracasso até o eventual sucesso.

❼ Sempre que fiquei doente, poucas vezes, perdia o que mais amo, ler. Mas tinha um ganho adicional, refletir.

❽ Há tempo que digo que o médico precisa ser conservador por fora e inquieto por dentro. Conservador porque a prática exige. Inquieto para poder expandir seu horizonte científico. Esse binômio precisa ser temperado com pitadas de observação, disciplina, ousadia e coragem.

❾ "Eis o poeta cego./ Abandonou-o seu ego./ Abandonou-o seu ser./ Sem ser nem ver ele verseja./ Bem antes do amanhecer/ Em seus versos talvez se veja/ Diverso de tudo o que seja/ Tudo que almeja ser." Antonio Cícero.

Santo de Casa

– Não aguento mais, você só me receita Tylenol! Se essa frase lhe soa familiar, caro colega, não está só. É verbalizada por nove entre dez esposas de médicos. Como se o cara depois de escutar queixas o dia inteiro tivesse que, ao regressar ao sagrado recesso do lar, continuar fazendo serão num consultório domiciliar. Como se tivesse que saber toda medicina e ainda lhe fosse exigida a infinita paciência de um santo. Quando não tem algum familiar telefonando e dizendo que a sugestão medicamentosa não funcionou, se não há um remédio melhor do que aquele. Ou o genro que voltou de um checape e reclama que você não lhe requisitou o ácido úrico que está alto, e como é que fica esse período que ficou sem tratamento? E você, sopesando a resposta, com o saco nas costas, é que não aguenta mais. Quer depô-lo a um canto, respirar fundo, e aliviar o peso de um dia de cão. Vai à geladeira ver se sobrou algum petisco. Está vazia. Apenas margarina e umas fatias de queijo. Fica pensando que só trabalha para os outros, que ninguém reconhece seu esforço, e matutando se se safa com um sanduíche – se é que tem pão – e uma gelada. Senta-se, põe a mão no queixo e, por instantes, fica torcendo para que ninguém telefone, enquanto pensa no que fazer. Resta-lhe o jornal televisivo, mas viu que o sofá estava ocupado. Vai ver a correspondência e chegaram mais contas para pagar. Quem sabe navegar um pouco? Senta-se de novo, sob o peso dos erros e das escolhas, abre a caixa postal, e o computador trava. Nem em casa os vírus lhe abandonam. O que fazer? Não é um pormenor. Comunicar-se com um amigo para trocar figurinhas? Mas o mesmo pode estar sofrendo da mesma vacuidade existencial. Resolve zapear pela televisão a cabo, já que ler, neste momento, não é uma boa. Questão de redução cognitiva devido ao adiantado da hora. Detém-se num faroeste. Está acabando. Surpresa! O mocinho, com o qual se identificou e começou a torcer, morre no fim. Pô, você sabe que a vida tem que ser inventada e que o inventário vivido acaba em morte. Mas logo agora? No filme tudo é silêncio, e os sobreviventes começam a se movimentar lentamente, como mortos-vivos. Como meio vivo você está. Passam os créditos. Qualquer semelhança não é mera coincidência.

Dr. Emanuel Sá (PR).

WORDS AND DREAMS

1. AIN'T NO SUNSHINE
(Bill Withers)
Joe Cocker.



2. MAD WORLD
(Roland Orzabal)
Susan Boyle.

3. IF
(David Gates)
Frank Sinatra.

4. ALMAZ
(R. Crawford)
Randy Crawford.

5. SIXTEEN TONS
(Travis)
Tom Jones.



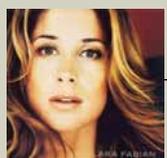
6. THE SOUND OF SILENCE
(P. Simon)
Simon e Garfunkel.

7. ALL MY LIFE
(K. Bonoff)
A. Neville e L. Ronstadt.

8. I LOVED YOU
(P. Curtis)
Daniel Boaventura.

9. IMMORTALITY
(B. Gibb; R. Gibb; M. Gibb)
Celine Dion.

10. AFTER LOVIN'
(Bernstein; Ziegler)
Arthur Prysock.



11. LOVE BY GRACE
(D. Loggins; W. Tester)
Lara Fabian.

12. PEOPLE GET READY
(C. Mayfield)
Rod Stewart.

13. I WHO HAVE NOTHING
(Mogol; Lieber; Stoller; Donida)
Shirley Bassey.

14. MACK THE KNIFE
(K. Weill; B. Brecht; M. Blitzstein)
Bobby Darin.



15. DUST IN THE WIND
(K. Liugreen)
Paula Fernandes.

16. WELCOME TO MY WORLD
(Winkler; Hathcock)
Elvis Presley.

17. YOU DON'T HAVE TO SAY YOU LOVE ME
(Donaggio; Pallavicini; Wicham; Bell)
Dusty Springfield.

18. LET IT BE ME
(Becaud; Kurtz; Leroyer)
Neil Diamond.



19. TEMPTATION
(T. Waits)
Diana Krall.

20. KILLING ME SOFTLY WITH HER SONG
(N. Gimbel; C. Fox)
Perry Como.

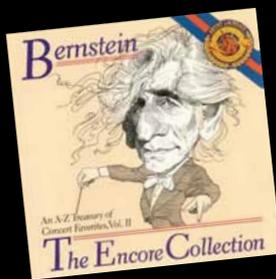
Palavras e Sonhos

A trilha sonora de uma vida não é só embalada por palavras e sonhos. Frustrações contam muito. E para cada revés é necessário preencher a vacuidade existencial com uma nova possibilidade. E não adianta mentir para si próprio. Qualquer sonho vazio, ou seja, sem intenção nem vontade, não entra na conta do horizonte vislumbrado. Não tem alcance, é uma melodia dissonante sem pauta nem palavras. É amargura que só a disposição de dar a volta por cima, de ter uma inclinação cimeira, guardará a realização prometida. Sem a cegueira da vitimização nem a penumbra da imobilidade, sem o verbo jogado ao vento nem o esforço inconsequente. A trilha de nossa vida necessita do encaixe de melodia e letra, onde entra o sonho e a epifania e, às vezes, o abandono. Sendo o pior de todos, a ausência de si.

Esta edição do **IÁTRICO**, com a seleção *Words and Dreams*, perfaz um círculo de grandes composições, arranjos e solistas, preenchendo um todo imaginário de embalo e direção, seguindo nosso tempo e rumo.

NOTA: Prezado Lucas, a escolha das músicas não assinadas para trilhas do **IÁTRICO** sempre se justificam, isto é, não são aleatórias. Tome como exemplo a trilha desta edição. Começa com *Ain't No Sunshine* de Bill Withers. Faça uma busca rápida à Wikipedia e verificará o número espantoso de gravações, e também o volume de grandes solistas que a ousaram. Mas não tenho dúvida de que a melhor gravação foi a de Joe Cocker. Não é só torná-la verossímil, o *"I Know, I Know..."* do refrão é suave como deve sê-lo via "backing vocals", um verdadeiro achado; e o solo do sax dá uma dureza única à suavidade melancólica da letra. Arranjo e voz se encaixam perfeitamente à beleza da melodia. E vira um clássico. Não basta uma coisa nem outra, é o conjunto que conta, e nos espanta. Isso é arte. Boa música para você. **i**

O IÁTRICO RECOMENDA



A trilogia "The Encore Collection" com a soma do que o maestro Leonard Bernstein considerava o tesouro da música clássica de A a Z e regendo a Orquestra Filarmônica de New York. Simplesmente imperdível, principalmente para os não iniciados.

Vacinas: autossuficiência e inovação

A gripe aviária surgida no Vietnã relevou a vulnerabilidade dos países não produtores de vacinas. A solução foi matar todas as aves que alimentavam os vietnamitas. No Brasil, um dos principais produtores de frangos e ovos, além da falta de carne, isso destruiria uma importante fonte de empregos e divisas.

Foi o Instituto Butantan que teve a iniciativa de produzir 20 mil doses para eventual uso. Além disso, investimos numa fábrica destinada a produzir 20 milhões de vacinas de influenza para maiores de 60 anos, casos em que a gripe abre a porta para pneumonia.

Autossuficiência não é montar uma "indústria" comprando a granel ou importando tecnologia, algo que torna o país dependente.

O Butantan, com investimento do BNDES, garantirá já em 2013 e em 2014 uma vacina tetravalente de dengue, com custo de cerca de R\$ 1. Fará também uma vacina pentavalente de rotavírus, que protege contra todas as cepas existentes no país. Desenvolvemos uma nova vacina contra coqueluche, mais segura e eficaz, com o mesmo custo da clássica.

Não ficaremos refém de um cartel que vendeu aos países não produtores a vacina da gripe AH1 por dez vezes mais do que as outras cepas!

Desenvolvemos um adjuvante, subproduto da vacina de coqueluche, que permite usar quatro a sete vezes menos vacina de influenza. Depois de formular mais de 200 milhões de doses tríplice da vacina de influenza, eficaz e segura, usado em todo o país, produzimos em 2012 cerca de 15 milhões, que a Anvisa por razões técnicas não liberou!

O adjuvante demonstrou ser eficaz para a vacina canina para leishmaniose. Está em ensaios a vacina de he-

patite B, para quem aguarda transplante de fígado e rim. Desenvolver, para o Butantan, representa economizar recursos federais, não obter lucros!

Entre 1984 e 2009, fornecemos 800 milhões de doses de vacinas, que o ministério pagou do jeito que queria e quanto pode. Produzimos 90% das vacinas (difteria, tétano, coqueluche, hepatite B e raiva) e uma dúzia de soros. Solucionando exigências que crescem continuamente, deixaremos de importar a influenza a granel.

Vamos produzir o surfactante pulmonar, salvando mais de 50 mil bebês por ano. Em 2014, teremos a mais moderna planta de processamento de plasma humano em existência. Nossas inovações estão descritas em uma centena de artigos nas mais importantes revistas internacionais.

"O ministério prioriza institutos que só envasam importados. Autossuficiência não é montar uma indústria" comprando a granel ou importando tecnologia."

O ministério tem priorizado institutos que são envasadores de produtos importados, usando o pretexto que receberão

transferência de tecnologia, algo que não resultará em produção, inovação e empregos na próxima década.

Ao ano, gastam centenas de milhões com produtos a granel que rotulam como fabricado no Brasil, destruindo a política de autossuficiência, desenvolvimento e inovação tecnológica na área de saúde.

A menos que o governo federal reveja a sua política, chegaremos em 2015 sem uma indústria que seja capaz de produzir de verdade – e muito menos desenvolver. Obviamente, somos uma ameaça para os cartéis e continuaremos a ser vistos como inimigos – não só dos cartéis, aliás, mas também dos outros produtores públicos que não inovam.

Isaias Raw (SP), da Folha.



Flares de obsessão

Woody Allen tem 47 filmes no currículo. E quando lhe perguntam se existe um único que ele compare aos melhores de Ingmar Bergman, Woody é modesto: nem um.

A frase sempre me pareceu excessiva. *Crimes e Pecados* (1990) está ao nível de *Morangos Silvestres* (1957). E *Zelig* (1983) não tem paralelo como comédia nos últimos 30 anos. O problema de Woody não é falta de obra-prima. É falta de obra-prima recorrente. Depois de *Crimes e Pecados*, há coisas boas aqui e ali. E algumas joias antigas, como *Manhattan* (1979) ou *Hannah e Suas Irmãs* (1986).

Mas Bergman, admito, era capaz de fazer cinco filmes seguidos que mudavam a cultura de uma época. Quem começa com *Mônica e o Desejo* (1952) e termina o festim com os referidos *Morangos* sabe que não minto.

Por isso assisti a *Para Roma com Amor* sem expectativas homéricas. Os cínicos dirão que Woody Allen deixou de dirigir filmes. É hoje guia turístico que vai para onde lhe pagam: Londres, Barcelona, Paris. Quem sabe o Rio.

O próprio alimenta o mito: tempos atrás, de passagem por Portugal, perguntaram-lhe quando filmaria ele em Lisboa. Woody foi honesto: "E você consegue o dinheiro?".

Certo. Sem dinheiro, não há obra. Mas *Para Roma* não é mera encomenda italiana. É, como sempre acontece, um pretexto para revisitar os temas que são caros ao "autor" (e uso a palavra com o seu significado clássico).

O próprio Woody, aliás, assume essa condição metacrítica no filme. Por exemplo, quando os personagens contemplam as ruínas romanas e confessam sofrer de "Melancolia de Ozymandias".

Trata-se de uma referência erudita ao poema de Percy Shelley (1792-1822) sobre a estátua de Ozymandias, "rei dos reis", e testemunho material da inutilidade da existência quando a morte é certa.

Shelley escreveu *Ozymandias*, em 1818, mas o poema deixou de lhe pertencer em 1980 quando foi apropriado por Woody "himself", em seu incompreendido *Stardust Memories - Memórias* (1980). É a primeira vez que um personagem seu é diagnosticado com a doença.

O cinema de Woody Allen é feito de evocações eruditas que se repetem de filme para filme. A tribo é a mesma: Shelley, Yeats, Rilke, sobretudo as linhas finais de *O Torso Arcaico de Apolo*, presente neste filme pela boca pedante da personagem de Ellen Page (e presente em *A Outra*, com força dramática decisiva).

Mas não são apenas as evocações eruditas que se repetem. Todo o resto retorna, a começar pelo amor romântico, pelos equívocos do amor romântico, pela tensão cons-

WOODY FACTS

Toca clarinete em um clube de Jazz de NY, onde a regra da casa é que ele não pode ser abordado por nenhum cliente. Se alguém quebra a regra, é expulso do clube.



Em Oviedo (Espanha) uma estátua em tamanho real foi esculpida em sua homenagem.

Sua 1ª experiência cinematográfica foi em 1965, quando escreveu e atuou em *O Que é Que Há, Gatinha?*. Durante o filme, Woody passou a se "presentear" com mais e melhores falas, fazendo com que Warren Beatty, a estrela do filme, pedisse para sair do projeto.



"I don't want to achieve immortality through my work. I want to achieve it by not dying."

Em sua carreira como diretor, ator e roteirista, ganhou inúmeros prêmios, incluindo 4 Oscars, 9 Bafta e 2 Globos de Ouro.



"A obra-prima de Woody Allen não se resume a um filme ou dois. Na verdade, ela ainda está a ser retocada, ao ritmo de um filme por ano."

tante entre a razão e a emoção – a perpétua batalha em que a última vence temporariamente o confronto.

São incontáveis os filmes de Woody Allen em que os personagens (masculinos) se jogam pela janela amorosa, mesmo que o salto seja efêmero e suicidário. O ator Jesse Eisenberg representa em *Para Roma* o mártir sentimental da história. Eisenberg nasceu em 1983.

Mas, antes de ele nascer, muitos outros já tinham pulado pela mesma janela. A começar pelo próprio Woody Allen, como Alvy (em *Annie Hall*) ou Isaac (em *Manhattan*).

Não temos cura. E, para um longo cliente da psicanálise, nem o divã nos salva: haverá paciente que tenha dedicado à terapia tantas linhas de irrisão? "Se você encontrar Freud, peça-lhe o meu dinheiro de volta", diz ele à mulher psiquiatra (Judy Davis).

Finalmente, o melhor do filme: a história do cantor de ópera que só funciona no chuveiro. E que é levado para os palcos italianos com o chuveiro atrás.

É preciso ter passado décadas nas páginas da *New Yorker*, a casa de S.J. Perelman ou Robert Benchley, para escrever uma gag dessas. Uma gag comparável ao casal que só conseguia transar em espaços públicos (em *Tudo o que Você queria Saber sobre Sexo*). Ou ao ator que estava fora do foco na vida real (em *Desconstruindo Harry*).

Sim, são 47 filmes. Um ou dois não fazem má figura quando Bergman está por perto. Mas a obra-prima de Woody Allen não se resume a um filme ou dois. Na verdade, ela ainda está a ser retocada, ao ritmo de um filme por ano.

Um dia, quando olharmos para o conjunto, veremos que a repetição também é uma arte. E que os gênios são, como dizia Nelson Rodrigues, flores de obsessão.

João Pereira Coutinho (PT), da Folha.



BANDIDOS *NA VIDA E NO* **CINEMA**

O gangsterismo foi uma época na vida americana e, em certo sentido, uma época na vida de cada um de nós. Acredito que cada geração teve uma fase de crimes e violências. Foi por meio dos filmes, alguns deles considerados antológicos, que tomamos conhecimento do que havia por lá.

E como ficção é sempre mais verdadeira do que a realidade, os melhores filmes não foram aqueles baseados na vida e nos episódios dos homens que se notabilizaram naquela cruzada – radical para ambos os lados – de exterminar o inimigo.

A vida de Al Capone e de Dillinger resultaram em obras medíocres no cinema. Um dos principais momentos desta fase, o massacre da noite de São Valentim, quando uma quadrilha de bandidos eliminou dentro de uma garagem a quadrilha rival, fez parte de diversas histórias onde funcionava como cena incidental, para dar um tom histórico ou temporal quase próximo a um documentário.

Mas houve um filme que penetrou mais fundo naquele morticínio, tornando-o até certo ponto no principal deflagrador da história. Para muitos críticos e admiradores do gênero, *Quanto Mais Quente Melhor*, de Billy Wilder (1959), ganhou contornos de obra-prima, embora tenha resultado numa comédia geralmente citada entre as melhores do gênero.

Os homens de minha geração admiraram os grandes gângsteres da vida real e do cinema. Até hoje considero Dillinger, o chamado inimigo público nº 1 da nação americana, uma espécie de herói incompreendido, um Robin Hood do asfalto, um anjo rebelado que muito sofreu, muito pecou e a quem alguma coisa deveria ser perdoada. Al Capone não possuía o sentido romântico da vida e do crime, mais parecia um péssimo tenor italiano fazendo com realismo de opereta um papel de mafioso. Era mais um mandante, um cartola do crime, do que um criminoso propriamente dito.

Quanto ao cinema, creio que viveu uma de suas melhores fases às custas dessa enxurrada de mortos e tiros. Paul Muni (no clássico *Scarface*), James Cagney e George Raft foram nomes que marcaram uma época e até um estilo de masculinidade. Copiavam-se as broncas históricas de Cagney, a plácida cafajestagem de Raft com seu sapato bicolor e aquela moedinha que ele jogava para cima e que foi copiada por vários atores.



Em Scarface (1932), Paul Muni, James Cagney e George Raft foram nomes que marcaram uma época e até um estilo de masculinidade.

"Transformei-me numa espécie de gângster dos bambuzais e muito me enriqueci à custa da castidade alheia."

Sem falar, é claro, no andar mastigado e na voz rouca de Paul Muni, num papel que continua a ser imitado mas nunca igualado.

Muitos anos depois, quando a *nouvelle vague* tentou fazer filmes em cima da realidade imediata, com uma câmera na mão e o vestígio de uma ideia na cabeça, estava sem saber copiando esta fase do cinema americano, onde filmes eram feitos em cima do lance, com as câmeras montadas em sólidos trilhos, mas com a cabeça menos cheia de ideias.

Bem, do menino carioca que olhava o mundo e se informava dessa violência toda, o episódio mais importante que marcou sua infância foi o rapto do filho de Charles Lindbergh, o herói (apesar de nazista) que inaugurou a rota aérea entre a América e a Europa. Acompanhei pelo jornal e pelo rádio o processo de Bruno Richard Hauptmann, o criminoso, e, já naquele tempo, a pena de morte me parecia estúpida.

No dia de sua execução, na cadeira elétrica, transmitida para todo o mundo pelo rádio, acordei no meio da noite e fiquei pensando nele. Não senti muita piedade pelo menino raptado e morto, mas não suportava aquela agonia dos julgamentos, das petições, dos adiamentos, da última ceia, dos testes da cadeira elétrica, da morte como punição. Achava – e acho até hoje – a morte muito importante, muito humana para ser utilizada como castigo.

Por esse tempo, ensinaram-me no catecismo que eu tinha uma castidade e que devia guardá-la como se guarda um tesouro muitas vezes precioso. Pois tratei de guardar este tesouro com certo exagero, e, em se tratando de tesouro, cheguei a uma perigosa conclusão: quanto mais tesouro tivesse, mais virtuoso seria.

A verdade é que não me explicaram muito bem o mecanismo desta preciosa virtude e eu passei a aumentar a minha castidade roubando-a dos outros. Havia uns bambuzais pela minha infância, uns matinhos – e eu resolvi ser mais casto do que os outros.

Transformei-me numa espécie de gângster dos bambuzais e muito me enriqueci à custa da castidade alheia. Mas isso são detalhes de uma edificante autobiografia que nunca poderá ser escrita.

Carlos Heitor Cony (RJ), da Folha.

OS 10 MAIS DE GÂNGSTERES

A AFI (*American Film Institute*) selecionou os 10 melhores filmes de gângsteres de todos os tempos. Abaixo a relação:

1. O PODEROSO CHEFÃO 1 (1972)



2. OS BONS COMPANHEIROS (1990)

3. O PODEROSO CHEFÃO 2 (1974)

4. FÚRIA SANGUINÁRIA (1949)



5. BONNIE E CLYDE – UMA RAJADA DE BALAS (1969)

6. SCARFACE, A VERGONHA DA NAÇÃO (1932)

7. PULP FICTION (1994)



8. INIMIGO PÚBLICO (1931)



9. O PEQUENO CÉSAR (1931)



10. SCARFACE (1983)

IRINA PALM E O MUNDO SEXUAL



"Uma viúva de 50 anos precisa de dinheiro e encara o emprego de 'receptionista' num bordel". O que poderia ser um filme pornô — se fosse brasileiro, francês ou italiano — é um filme inglês quase casto. O lupanar em questão poderia ser um clube de solteirões, não fossem as gurias seminuas de praxe, ridículas e mal pagas, esfregando-se numa haste metálica em poses antes grotescas do que sensuais. Afora esse detalhe, o local é bem comportado, as pessoas educadas e até o cafetão faz boa figura. Tudo isso no Soho londrino, num estabelecimento denominado "Sexy World".

Como fazer um filme nesse ambiente e com esse tema, com sexo implícito, mas em nenhum momento, explícito; bem classificado como comédia-dramática: há drama e muito bom humor à inglesa, sem escancarar nada da atividade desempenhada pela protagonista, respeitável senhora de classe média e que se vê na situação incômoda de necessitar de grande quantia de dinheiro para atender ao tratamento do neto com doença terminal, caso não vá à

Austrália submeter-se a uma cirurgia que poderá salvá-lo. O tratamento é gratuito, mas despesas de viagem correm por conta da família, algo em torno de seis mil libras. Essa, a única ligação do filme com médicos e medicina. Não se sabe qual seria tal doença tão grave e solucionada só por cirurgião que não existe no Reino Unido. E há urgência porque a situação do garoto piora a cada dia.

Situações extremas exigem soluções idem. A avó amorosa e ingênua abandona o chá das cinco com amigas e passa a procurar um emprego para juntar o dinheiro. Atraída pelo anúncio "admitem-se receptionistas" resolve candidatar-se ao único emprego disponível. A cena da

entrevista é como se duas pessoas, embora utilizando o mesmo inglês, falassem coisas com sentido totalmente diverso.

Outra curiosidade é a maneira como essa senhora desempenha seu trabalho: os marmanjos, em fila de espera, aguardam sua vez de colocar o 'membro da família' através de uma abertura na parede para que possa ser acariciado por mão delicada, devidamente protegida por luva de procedimento, até que a satisfação seja ejaculada no outro lado. A seguir, compõe-se, sai com a mesma cara de paisagem com que esperava na fila e novo cliente assume o posto. Tudo discreto, calmo, muito inglês. Daí o nome Irina Palm, de palma da mão, o nome de guerra da então já famosa funcionária.

"Veja o filme e não haverá arrependimento nem que um neto a surpreenda diante da TV e queira saber do que se trata."

Em nenhum momento o diretor cede à tentação de expor a manipulação e conduz o filme até o final com a mesma 'propriedade', contabilizando pontos.

Quem ficou curioso, veja o filme e não haverá arrependimento nem que um neto a surpreenda diante da TV e queira saber do que se trata.

Difícil aparecer um filme como esse e fez-me recordar da primeira vez em que adentrei esse ambiente não permitido a menores, algum tempo antes de completar a propecta idade de dezoito anos, tardia, portanto, para tal iniciação. O temor é que um policial mais zeloso cumprisse a lei e meu nome sujeito a aparecer num maldito programa chamado "Policia no Ar", iniciado pelo estridor de uma sirene, lá pelas oito da manhã e que minha mãe não perdia. Imaginaram: "preso na zona do baixo

meretrício o menor..." Nem pensar!

Voltando à visita proibida, propelido pela pulsão juvenil, lá estava eu sem ao menos fazer ideia de como iniciar o contato. Talvez, "boa noite, tudo bem com a senhora?" ou algo que demonstrasse nossa boa educação — sim, estava acompanhado por outro garoto na mesma situação. Quem entraria ali sozinho? — Um mais assustado do que o outro.

Já no salão, diversas mesas espalhadas, cheiro estranho, mistura de tabaco com perfume vagabundo, algumas moças sentadas, cabisbaixas, cabelos desgrenhados, sonolentas ou semiembriagadas (porque havia garrafas diante delas). Tudo muito solitário, muito triste, soturno mesmo, não fosse o 'rasqueado paraguaio' saindo de alto-falante exagerado. Onde a alegria tão imaginada e antecipada, a excitação toda que faria com que lindas moças pulassem em nossos pescoços, cobrindo-nos de beijos e carícias mil, tirando-nos daquela situação canhestra, num transporte ao, supostamente, tudo permitido. Algumas olharam sem maior interesse. Assim não dá! Combinamos que seria melhor voltar noutra ocasião, em hora mais adequada talvez. Semi-virgens, deixamos o 'antro de perdição' com a ideia de que, pelo menos, sabíamos onde e como era a zona proibida. Por pouco, ainda não éramos adultos.

Como contestar a Bíblia? "O fim das coisas é melhor do que o começo." Mas não assim...

Dr. Edson F. Sampaio (PR).



iátricas

JORNALISMO

Prezado Hamilton,

Não sou diplomado em jornalismo nem acredito nesse diploma. Aliás, como em muitos outros diplomas. Claro que sou suspeito por ser mero diletante. Mas estou bem acompanhado. Mestre Clóvis Rossi, que tem diploma, também é contra essa exigência. Acha que o jornalismo não pode ser ensinado. Acredita que bom jornalista é o que é perito em quatro verbos-pilares: ver, ouvir, ler e contar. E isso não se ensina em faculdade. Exemplo: como ser bom jornalista econômico? Fazendo economia e tendo algum talento para se comunicar. Muitos dos maiores jornalistas brasileiros não tinham diploma específico. Isso não os impediu de fazer revoluções no jornalismo pátrio. Tinham em comum, além de terem aprendido na prática, o gosto pela leitura. Eram ótimos leitores, algo que vem de dentro, não se ensina. Sei que não é o bastante. Mas como escrever bem sem ser arguto leitor? Neca dulcineca. Morou, meu caro? Se não entendeu, desista, televisão é o seu destino. Não é o caso do colega Hamilton que escreve bem. E entende ainda melhor, tendo em vista suas perplexidades. Afinal, só duvida quem pensa. É meu caro Hamilton, e dizer que 70% da população adulta brasileira não entende um bilhete de poucas linhas. O deserto é imenso... Alfabetização é, sim, na escola. Ajudar a entender um texto pode ser partilhado. Já jornalismo, como diz o caboclo, não carece. Há bons argumentos em contrário, e respeito, mas é minha convicção. Um abraço e obrigado pelas sugestões. 📧

MEXERICO

Ninguém afiancia se verdadeira ou não, mas a história é muito boa e, por isso, vou contá-la.

Ava Gardner e Lana Turner saíam de uma festa no carro de uma delas quando tiveram que abastecer. Depois de serem atendidas pelo frentista uma olhou para outra e falou:

– Vamos levá-lo para casa? A outra: –E o que vão dizer de nós? A primeira: – E alguém vai acreditar? E, assim, a festa continuou.

Memes

A taquicardia ventricular polimórfica é uma arritmia instável e representa isquemia coronariana até prova em contrário.

Nos pacientes com amiloidose cardíaca deve ser evitado o uso de digoxina e de nifedipina. A primeira por resultar em maior toxicidade à digoxina, a segunda por redução hemodinâmica.

Se um paciente com fibrilação atrial crônica, em uso de digoxina, apresentar um ritmo regular, duas possibilidades: ou reverteu para ritmo sinusal ou está com ritmo juncional por toxicidade à digoxina. No ritmo juncional também há regularidade nos intervalos R-R.

A intoxicação pela digoxina pode ser exacerbada por hipopotassemia, hipomagnesemia e hipercalcemia, que devem ser imediatamente corrigidas.

Adenomas sebáceos múltiplos na cabeça, pescoço e tronco, podem estar associados à neoplasia sistêmica, mais comumente adenocarcinoma de cólon. Nome do epônimo: Síndrome de Muir-Torre.

Uma questão que distingue osteoporose da osteomalácia é a dor óssea nesta última. Na ausência de fraturas a osteoporose é indolor. A osteoporose primária também não possui alterações laboratoriais.

As pápulas de Gottron são achatadas e violáceas. Ocorrem tipicamente sobre as metacarpofalangeanas, interfalangeanas proximais e distais de pacientes com dermatomiosite. Invariavelmente estão associadas à telangectasias periungueais. A ausência das últimas tornam pouco provável o diagnóstico de dermatomiosite.

Erupção pápulo-vesiculosa, bilateral e pruriginosa, nas superfícies extensoras de cotovelos e joelhos e nas nádegas, são chave importante para o diagnóstico de dermatite herpetiforme. Esta é associada na maioria dos casos à doença celíaca (enteropatia glúten-induzida).

Em pacientes hipertensos que tenham psoríase nunca use betabloqueadores ou inibidores de ECA. Exacerbam a psoríase.

Exames de função tireoidiana recentemente requisitados em internação hospitalar e anormais, se revelam normais quando o paciente os repete fora do ambiente nosocomial.

Endocrinopatia pós-parto inclui amenorreia, falta de lactação, hipotireoidismo e insuficiência adrenal. Recebe o nome de Síndrome de Sheehan (apoplexia pituitária periparto).

Insuficiência autonômica? Pense imediatamente em Diabetes Mellitus e Amiloidose.

A nefropatia associada ao HIV (glomeruloesclerose segmentar focal), HIVAN na sigla inglesa, se apresenta em sua maioria em negros. É comum o padrão nefrótico na proteinúria. Já hipertensão e edema ocorrem em minoria. Ao contrário da nefropatia por IgA (Berger) que só tem sido reportada em brancos.

Paciente com HIV que apresenta disfagia e candidíase oral tem alta probabilidade de ter candidíase esofageana. Mas 20% dos que têm candidíase esofagiana não têm oral. Falta de resposta ao uso empírico de antifúngico indica endoscopia. Se houver odinofagia localizada torna candidíase menos provável e esofagite ulcerativa mais provável. Causas: herpes simples; citomegalovírus; esofagite aftosa.

A síndrome retroviral aguda (infecção primária pelo HIV) é semelhante à mononucleose. Duas características mais favoráveis a primeira são: úlceras orais e erupção morbiliforme na face e no tronco (na ausência de uso de ampicilina).

Trombolíticos não reduzem a mortalidade em pacientes com infarto agudo do miocárdio complicado com choque cardiogênico.

As principais causas de tireotoxicose com captação de radiodo diminuída são: tireoidite (subaguda ou pós-parto), ingestão factícia, reposição excessiva da levotiroxina e tecido tireoidiano ectópico (*struma ovarii*).

Já as principais causas de tireotoxicose com captação aumentada são: doença de Graves; bócio multinodular tóxico; nódulo solitário hiperfuncionante. Outras causas são menos comuns, como a gravidez molar ou tumor produtor de B-HCG.

A nefropatia do diabético tipo I deve ser questionada com fundoscopia normal. A retinopatia diabética deve preceder à nefropatia. Já no Diabetes tipo II a correlação é mais fraca. A proteinúria também é incomum nos primeiros 5 anos de doença. Quando a proteinúria é diabética o sedimento é limpo.

Diabetes Insipidus em paciente com massa em sela túrcica sugere não haver adenoma pituitário pois só 1% desses pacientes têm D. I.. A causa mais provável inclui

doença hipotalâmica (p.e. sarcoidose, craniofaringeoma ou tumor metastático de mama).

Isquemia mesentérica deveria ser considerada no diagnóstico diferencial de dor abdominal grave fora de proporção com os achados do exame físico. É tipicamente periumbilical.

Hepatite C é uma das dez doenças mais esquecidas pelos médicos. Um dos motivos, em quem tem fatores de risco, é que as transaminases normais não excluem a doença. As aminotransferases tendem a flutuar durante o curso da doença.

Pacientes com Hepatite C se contraem Hepatite A, superinfecção, têm maior tendência a desenvolver hepatite fulminante. Por isso, todos os pacientes com Hepatite C deveriam ser vacinados para a A.

Clinicamente, esplenomegalia maciça é assim definida quando o baço é maior do que 8 cm abaixo do rebordo costal esquerdo ou tem peso superior a 1000g. É um achado importante por que limita o diagnóstico diferencial a doenças mieloproliferativas, policitemia vera, mielofibrose com metaplasia mielóide, linfomas, leucemia de células cabeludas, doença de Gaucher, leucemia linfocítica crônica, sarcoidose, talassemias, esquistossomose ou anemia hemolítica autoimune. E escrevi que o diagnóstico diferencial era limitado. Agora informação importante: hipertensão portal por cirrose não desenvolve esplenomegalia maciça.



Já as duas causas mais comuns de pancreatite são: cálculos e álcool.

A síndrome antifosfolípídica deveria ser diagnosticada em quem se apresenta com trombose venosa e/ ou arterial recorrente, trombocitopenia, perda fetal recorrente (classicamente no segundo trimestre), ou livedo reticular racemoso. Os achados laboratoriais, em duas ocasiões diferentes num trimestre, são IgM ou IgG anticardiolipina; anticoagulante lúpico ou anti-β2-glicoproteína.

A peritonite bacteriana espontânea é uma complicação relativamente comum de ascite supostamente causada pela translocação da flora intestinal para o líquido peritoneal. O diagnóstico é confirmado quando o líquido ascítico possui mais de 250 neutrófilos/ mm³, algumas vezes com cultura positiva.

Por falar em líquido ascítico as causas mais comuns de cirrose são uso abusivo de álcool, hepatite B e C e doenças autoimunes.

Cada unidade de concentrado de hemácias (CH) aumenta 1g/ dl na hemoglobina e 3% no nível do volume globular (hematócrito).

Na transfusão de plaquetas cada unidade aumenta sua quantidade entre 5.000 – 10.000/ mm³.

A febre reumática aguda, uma seqüela não-supurativa da faringite estreptocócica do grupo A, tem virtualmente desaparecido dos países desenvolvidos. Não ocorre depois de infecções estreptocócicas cutâneas (p.e. celulite, impetigo).

É de pouco benefício à cultura de feridas de pacientes diabéticos ou com insuficiência arterial que apresentam úlceras de difícil cicatrização nas extremidades distais. Classicamente a flora é polimicrobiana. O germe responsável só pode ser identificado por hemocultura positiva ou biópsia óssea.

A principal causa de hipercalemia em ambulatório é hiperparatireoidismo. No hospital, neoplasia.

A biópsia da artéria temporal pode ser realizada na vigência de corticoterapia para vasculite de células gigantes nas duas primeiras semanas sem que haja alteração na vasculite ou na granulomatose. Mesmo em dose alta de corticoesteróides não dissuada a realização de biópsia na primeira quinzena de tratamento.

No tratamento da hemocromatose mantenha pelas flebotomias o hematócrito entre 37 e 39%. A ferritina deve estar >1.000 pg/ ml nessa doença.

O objetivo da prevenção secundária depois do infarto agudo do miocárdio é evitar eventos recorrentes ou morte. O que fazer: suspensão do fumo, aspirina e clopidogrel, betabloqueadores e estatinas.

Dor torácica face a alargamento de mediastino na radiografia de tórax deve sugerir dissecação aórtica.

O achado de cilindros hemáticos ou eritrócitos dismórficos na urina diferencia sangramento glomerular (glomerulonefrite) de sangramento não-glomerular (p.e. cálculos renais).

Hematúria franca depois de infecção de vias respiratórias altas sugere nefropatia por IgA (Berger) ou glomerulonefrite pós-estreptocócica.

O tratamento antibiótico para faringite estreptocócica evita febre reumática, mas não glomerulonefrite.

Pacientes com hematúria não-glomerular e sem evidência de infecção devem ser submetidos à investigação com imagem (ultrassonografia ou pielografia) ou à cistoscopia para pesquisa de cálculos ou tumor.

Metemoglobinemia

"IATROS GAR ANĒR POLLŌN ANTAXIOS ALLŌN"
(UM HOMEM QUE É MÉDICO VALE MAIS QUE MUITOS OUTROS – HOMERO)

Uma colega, Eliana Gaio, certa vez foi chamada por outro pediatra para opinar sobre um intrigante caso. Na história clínica constava que a mãe, ao voltar do trabalho, encontrou a filhinha com o rostinho lívido, orelhas e ponta do nariz, assim como mãos e dedinhos completamente azuis; no entanto, a criança estava aparentemente bem, de nada se queixava e se comportava normalmente. A mãe, claro, rumou imediatamente para o pediatra da criança. Embora o exame clínico nada revelasse, especialmente pulmões e coração perfeitamente normais, ela foi internada para observação e maior investigação; afinal, não se manda uma criança com cianose para casa. RX do tórax, ECG e avaliação cardiológica nada revelaram, bem como exames laboratoriais de rotina. O que se notou foi um agravamento da cianose, principalmente perioral. O estranho é que nem o emprego de oxigênio melhorava a coloração da menina.

Foi aí que a Dra. Eliana entrou em cena. Em casos incomuns, o concurso de mais médicos é sempre recomendado, pois em suas vivências clínicas alguém pode ter visto caso semelhante, quando então o mistério é desvendado.

Chegando ao quarto da criança, a Dra. Eliana foi recebida por duas senhoras, que depois soube tratar-se de mãe e avó, sogra e nora.

Enquanto repassava a anamnese e procedia seu exame, a Dra. Eliana foi adquirindo a impressão de já ter visto a senhora idosa em algum lugar... mas onde?

Apurou ter sido na casa da avó que a menina passara a tarde quando principiou a ficar "roxa". Aos poucos Eliana foi lembrando de onde conhecia aquela pessoa: da sala de espera de um ambulatório especializado em tratamento de hanseníase, e isto numa cidade vizinha,

centro da região. Por muitos anos a Dra. Eliana fora responsável pelos programas de tuberculose e hanseníase prestando serviços à Secretaria Estadual de Saúde. Este detalhe foi de suma importância neste caso. Se fosse apenas pediatra, dificilmente saberia que acometidos de hanseníase recebem dapsona em seu esquema terapêutico e que este medicamento em doses elevadas pode causar metemoglobinemia.

A metemoglobinemia é uma situação onde a hemoglobina é bloqueada por algum motivo, alguma substância estranha, impedindo-a de cumprir sua função.

A metemoglobinemia pode ser comparada a um coletivo lotado sem condições de admitir novos passageiros, passa lotada sem dar bola para as moléculas de oxigênio que deveria transportar. Dependendo da gravidade pode ser fatal.

Em conversa particular, "extramuros", com a mãe da menina, a Dra. Eliana, com muito tato,

procurou confirmar a possibilidade de sua sogra, ser portadora de hanseníase. Não, não sabia nada disto, afirmou surpresa. O que era conhecido por toda a família é que ela sofria de *Lupus Eritematoso* e se tratava com conceituado especialista em Curitiba. Quando a médica expôs em detalhes, sempre com o devido cuidado para não ferir melindres, ter a impressão de ter visto a avó no tal ambulatório dedicado ao tratamento de hanseníase e que se fosse este o caso, poderia se estar diante de uma intoxicação acidental etc., etc., a mãe saiu em disparada verificar em casa esta possibilidade e... Bingo! De fato a avó ocultava da família sua condição e fazia uso da dapsona. Na embalagem do remédio encontrada faltavam quatro comprimidos, sendo que um deles foi achado atrás de um sofá.

Em geral o diagnóstico de metemoglobinemia de-

"A Medicina é um misto de ciência e arte e é justamente aí que reside seu encanto."

"A medicina aprendida apenas nos tratados e compêndios, juncados de duras estatísticas, resulta em algo insosso, aborrecido até."

pende de alto grau de suspeição, exatamente como se deu no presente caso.

A metemoglobinemia é tratada com injeção intravenosa de azul de metileno. O problema agora era que este caso ocorreu numa cidade do interior onde não se dispunha desta droga para aplicação venosa, uma necessidade rara. Providencialmente, um tio da criança estava em Curitiba, onde obteve o medicamento no Hospital Nossa Senhora das Graças. Já na manhã seguinte o remédio foi aplicado e a melhora surpreendente; em pouco tempo a menina estava com a cor de sua pele normalizada.

Na faculdade, os acadêmicos de Medicina aprendem sobre a metemoglobinemia ao estudarem na hematologia as doenças relacionadas ao sangue. Assim, não há médico que não tenha ouvido falar nessa patologia; a mais famosa delas é a causada pela intoxicação por monóxido de carbono. No entanto, raramente se depara com um caso destes, o que explica a demora em se pensar nesta possibilidade. Suspeitar de uma doença é meio caminho andado para seu diagnóstico.

A concatenação de raciocínio feita pela colega Eliana, cianose, exames pulmonares e cardiológicos normais, familiar com hanseníase, dapsone, ingestão acidental etc. foi brilhante. Contudo, há um detalhe que lhe facilitou a proeza. Nos tempos internato, no sexto da faculdade, havia colega, Jorge Nebian Haidar, que se impressionara sobremaneira com a mete-

moglobinemia e ansiava por topar com um caso destes onde pudesse empregar o azul de metileno. Não seria de duvidar se ele não andasse com ampolas do medicamento no bolso...

A convivência hospitalar com o Jorge e sua fixação na metemoglobinemia, falando frequente sobre esta curiosa enfermidade, fizeram com que a Dra. Eliana gravasse os detalhes do quadro clínico e, sobretudo, o fato de que as sulfonas podem causar metemoglobinemia.

A Medicina é um misto de ciência e arte e é justamente aí que reside seu encanto. Não é por acaso que o personagem Sherlock Holmes foi delineado a partir de um astuto professor de Medicina, Dr. Joseph Bell, que muito impressionou Sir Arthur Conan Doyle em seus tempos de estudante. A Medicina aprendida apenas nos tratados e compêndios, juncados de duras estatísticas, resulta em algo insosso, aborrecido até. Seria muito proveitoso para o estudante de medicina dispor de uma biblioteca paralela, anedótica, compilando casos reais de proezas clínicas em todo o colorido que só os caprichos da realidade são capazes de reunir, justamente como neste caso. A colega Eliana, ainda na cabeceira do doente, foi brilhante, usou habilmente seus conhecimentos e suas experiência médica, valeu-se além de conhecimentos científicos, de boa dose de perspicácia, qualidades indispensáveis ao bom cientista; e o médico é um cientista. Ela recolheu muito mais que meros dados clínicos ensinados nos livros técnicos; com aguçado senso de observação, ela estudou o conjunto da cena, notou detalhes de seus personagens, soube reconhecer e associar evidências reveladoras.

Ultimamente tem se falado muito em "medicina baseada em evidências"; ora, a Medicina sempre foi baseada em evidências. É tanto mais competente quanto mais evidências um médico for capaz de enxergar reconte-
nar. Um médico ou uma médica, evidentemente.

Dr. Cezar Zillig (SC).

Antonio Bussiolano (1823-1871).



O elefante e o coração

Fazemos da vida como se estivéssemos em um

trem em alta velocidade, moderno, perfeito, envolto em altas tecnologias, a paisagem passando pela janela em estonteante rapidez sem que atentemos para os detalhes, as cores, os contornos e a vida que corre lá fora. Estamos muito mais voltados para nossas próprias coisas, para nossa própria viagem, focados em nós mesmos, em atingirmos objetivos pré-traçados, alguns sem lógica nenhuma, numa correria sem muito sentido. Mas, parece que tudo isto nós já sabemos, porém, negamos. Acreditamos que temos que fazer tudo, sem tréguas e pronto. Num repente, como se parado instantaneamente por uma força descomunal, o trem estanca. O tempo parece parar. Não há barulho algum, nem choro nem desespero, mas sim, uma indescritível sensação de que algo de muito grave está em evolução.

Um leve desconforto gástrico, azia talvez?

Sim, mas nada sério.

Mas, e as gotículas de suor na testa em um dia de frio?

Talvez o esforço de brincar com o neto?

Talvez. As respostas são difíceis.

E o crescente aperto no peito, indescritível, soturno, quieto, opressivo, amedrontador. A imagem que assume a consciência é a de um elefante sentado em meu peito, e penso:

Que merda, estou enfartando!!!!

Eu não sabia que o trem que me levava transportava também um elefante.

Eu nem tinha percebido o circo...

O que fazer? Como agir?

Volta a dúvida que tenta esconder a verdade.

Não deve ser nada. Mas é tudo. A opressão no peito é contínua, o suor aumenta, respirar só superficialmente, o suspiro não alivia, nem tampouco a tosse.

Então a certeza assume o espetáculo. Está deflagrada a guerra entre Tanatos (a morte) e Eros (a vida).

Neste momento impera a absoluta incerteza. Uma esquisita sensação de que você é quem vai determinar as ações seguintes. De maneira fria e calculista vem o apelo: "Filho, leve-me ao hospital que estou enfartando".

Ele não duvida, a fotografia deve estar assustadora. A negação funciona, não para mim, mas para a família.

Ninguém aceita um pedido destes, facilmente. Mas, pelo que viram, o crisar das mãos, a sudorese e a mudança da cor e a súplica, recomeça a correria. Agora

pela vida. Tanatos e Eros estão empatados. No carro a caminho do hospital tenho dúvidas. Um pensamento ridículo: "Pô, não posso morrer, pois nem me despedi da família, meu!"

Como o tempo é relativo. O que pareceu uma eternidade foram, porém, alguns minutos até chegar ao hospital. Uma entrada rápida, precisa, técnica e afetiva, coisa em desuso em muitos hospitais. A primeira avaliação ainda na cadeira de rodas confirmou: é infarto! Nesta hora, o que poderia ser meu erro de avaliação teve sua confirmação oficial. Incontinenti, peço ajuda aos céus. Nossa Senhora da Luz! Fica aqui comigo. Não me abandone AGORA, estende teu manto, abriga-me! E, rezei,

no meio da dor. A chegada da equipe médica mereceu um agradecimento pela rapidez da chegada e uma súplica, “arranca de mim esta dor”. Tal qual uma orquestra afinada, o espetáculo se desenrolando à minha volta, trouxe-me o alívio da dor. Palavras de incentivo de um grande médico, pela sua humanidade e técnica, Franco diz: “Correu tudo bem!” E eu me assusto: Correr, não quero mais! Eros acaba de marcar um gol. Porém, o segundo tempo está para começar.

Assistir a todo o procedimento, vendo nervosos cateteres buscando a lesão, numa contemplação estranha é, no mínimo, surrealista. Meu coração sendo invadido e eu nem aí! Penso: estou negando? Estou dissociando, isto não é comigo. Entendo melhor, na prática, o que são mecanismos de defesa psicológicos. Aquele órgão pulsante no monitor será mesmo o meu? Sim, desaba a realidade sobre mim. É o meu coração. Novas preces. Que aconteça o melhor! Aí as palavras esperadas: OK terminamos. Sucesso! Por alguns segundos fico sozinho na sala. Tempo para minha mente sair em disparada. E agora? Como? Tenho mil coisas a fazer! Segura peão. O elefante acabou de sair de seu peito. Não se esqueça, ele deixou a sua marca. Sua vida agora muda? Seu status muda? Sua rotina muda? Seus medos mudam? Sou resgatado pela realidade novamente. O convite para passar para a maca e irmos à UTI. Palavra assustadora. Lembranças das vezes em que acompanhamos pacientes e familiares neste local de luta pela vida. Eu lá. Nunca tinha imaginado. Ou sabia, talvez, que um dia...

Agora, com uma calma estranha, precisando dar algumas ordens (?) inicia-se a ida ao “centro”. Deitado, atento aos movimentos da maca, as luzes passando sobre mim, tal qual em muitos filmes. Penso, que importante esta dança das luzes sobre mim. Corredores, elevadores...

Lembro de William Hurt no filme *Um golpe do destino*. A mudança de status! Sim, de médico à condição de paciente. Diferente, para não dizer estranho.

Nada mal! Vamos aprender algumas lições, certamente.

E elas começam imediatamente. Tubos, conexões, fios, monitores, aparelhos, picadas, apertões, tudo acontecendo como se numa nave espacial. Sinto-me um astronauta.

Que viagem! Penso muito. Em tudo que deixei para trás. Minha esposa, meus filhos, meus netos. Já estou com saudades. Não tenho nenhuma possibilidade de ouvi-los. À enfermagem, uma chantagem: “Meu reino por um celular, senão, serve meu notebook”. Nada. Tudo gentilmente negado por um grupo de jovens enfermeiros e auxiliares, incrivelmente afetivos, humanizados, conscientes do local onde trabalham. Meu elo de contato com o exterior. E aí, a rotina diária, repetitiva, enfadonha. Olhar para o teto e pensar. Pensar e pensar. Lembro da música: “Vá pensamento...” é Verdi? Não tenho certeza. Mas o que importa. Pensar é um ato de bravura, mesmo porque tudo que você planeja não vai acontecer. Pelo menos, enquanto durar meu isolamento. O relógio na parede segue seu ritmo. Mas, eu duvido que as pilhas sejam novas. Devem estar fracas. O tempo não passa! Quero que corra! Não, não! Devagar, creio que aprendi a lição. Será que acredito mesmo, ou estou tentando ser bonzinho. Bem, o tempo dirá. Esperemos. Aí, palavras mágicas. Aliás, aonde estou é pleno de palavras mágicas!

Visita! Deus, como esperei este momento. A família entra. Que situação! Que estranho. Há menos de um dia tudo era diferente! Agora, um sensação jamais experimentada. O calor do beijo, das mãos, aquece a alma. Não há lamentos, nem queixumes. Somente a aceitação passiva da realidade dos fatos. O agradecimento conjunto à ajuda dos céus. Novamente a ela, Maria, a Boa

*"E aquele trem? O que foi feito dele?
Dane-se. Não quero nem saber. O que
mentalizo agora é um carro de boi. É este
que me conduzirá daqui para a frente."*

Mãe! Algumas diretrizes são dadas, comandos. Indispensáveis. Avisar pacientes, amigos no local de trabalho. A mesa de trabalho entulhada de documentos para serem processados, lidos, encaminhados. Nada disso! Para tudo. O alvo sou eu, minha recuperação.

Relógio desgraçado, só corre nas horas das visitas. Acabam rápido demais! Quero mais tempo! Sossega leão! Não aprendeu a Lição! E o relógio volta ao seu enervante ritmo lento. As horas agora passam a ser contadas de forma diferente. Quanto tempo falta para novas visitas? E assim passam os dias. Se pensamento tivesse peso, certamente, eu ganharia uma fortuna vendendo-os. Promessas internas, resoluções, intenções, ideias novas, outras requeentadas, partes de um novo começar.

E a massacrante rotina continua. E aquele trem? O que foi feito dele? Dane-se. Não quero nem saber. O que mentalizo agora é um carro de boi. É este que me conduzirá daqui para a frente. Ops. Será mesmo? Mentira, estou fazendo média, comigo e com a família. Terei outro ritmo. Não do veloz trem, mas um que permita que eu permaneça vivo. Que é o que realmente conta!

Com estas reflexões em pleno andamento e já habituado ao espaço onde estou confinado, ouço novas palavras mágicas. “Sai hoje da UTI, vai para o quarto e amanhã... casa!” Poucas pessoas já experimentaram esta sensação. Ir para casa. Voltar ao terreno, aos ruídos, aos cheiros que eu conheço. Penso: “Arre, escapei desta! Obrigado Senhor”.

A saída do hospital é outro grande momento. Um ato tão banal, mas ao mesmo tempo, tão emblemático. Quem está saindo é alguém muito diferente de quem entrou. Levo na bagagem tudo aquilo que vivenciei, que pensei, que orei e que chorei. Esta lição não é para ser esquecida. E não será! O tempo confirmará. E o elefante?

Ah, este jamais poderá ser perdido de vista.

Dependendo de mim, no meu peito ele não sente mais!

Dr. Dagoberto Requião (PR).

DECÁLOGO PROIBIDO

O que não pode ser dito ao paciente

- 1 “ESTIMO AS MELHORAS”. SÓ?
- 2 “SINTO MUITO POR VOCÊ”. SERÁ?
- 3 “PODE DEIXAR QUE VOCÊ SUPERA ISSO”. APOSTA?
- 4 “VOCÊ ESTÁ COM BOM ASPECTO”. E O ESPELHO?
- 5 “QUALQUER COISINHA QUE EU POSSA AJUDAR, ESTAMOS AÍ”. NÃO É POUCO?
- 6 “TENHO CERTEZA QUE VOCÊ ESTÁ SE PREOCUPANDO SEM RAZÃO”. E AS PROVAS?
- 7 “SABE QUE ISSO PODE SER PSICOSSOMÁTICO?” UI!
- 8 “ENTÃO COMO VAI INDO DE QUIMIOTERAPIA”. SUAVE, NÉ?
- 9 “VOCÊ NÃO MERECEIA ISSO”. MESMO?
- 10 “SEU MÉDICO FOI OTIMISTA”. SEI!



PALAVRAS DE ESCRITOR

“Eu manuscrovo meus livros. Gosto de desenhar as letras, de bordar. Ver vidro é como fazer amor com camisinha. Minha profissão é escrever sem camisinha”. Papel A4 e caneta esferográfica são seus instrumentos.

António Lobo Antunes (psiquiatra e escritor português premiado). NE.: Teve tuberculose aos 3 anos, um ano na horizontal os outros na vertical. Muito aprendeu com isso. Continua aprendendo sempre, inclusive com o câncer. Está curado? – Lá nos curamos de qualquer coisa? Palavra de psiquiatra, loucos tristes, segundo ele.

O outro lado da vitrine

Recebendo formação consolidada no conceito de soberania na clínica médica para um bom diagnóstico, ouvi de conceituado professor um conselho simples e prático: “Acadêmico, se tiveres suspeita de TB pulmonar, após boa anamnese e exame físico bem-feito, com senso crítico e observação perspicaz, inicie o tratamento mesmo que os exames de escarro tenham sido negativos em várias amostras e, em exames de imagem, não consiga visualizar cavernas. Os exames positivos serão a confirmação diagnóstica que surgirão na sequência.”

Em encontro ocasional em corredores de enfermarias do Hospital de Caridade, em outra oportunidade, o mesmo professor repetiu para mim o tão conhecido dito: “Quando um paciente procura o médico, espera dele quatro acontecimentos: que realize um milagre, que resolva seu problema, que receba carinho e que receba atenção e seja ouvido. Esta somatória representa 100% da Medicina. Entretanto, realizar milagres somente Deus. Resolver o problema, às vezes é possível e outras não. Assim, se deres carinho, atenção e ouvires o paciente, já estarás cumprindo com 50% de tua missão.

Nunca esqueci estes conselhos. Assim tenho tentado exercer a Medicina em meus quase 40 anos de profissão.

Dezoito de junho de 2012, 22h50: estou dentro de um ônibus; o ar está ligado, mas estou com muito calor e iniciou dor epigástrica. A dor está aumentando. É muito intensa. Mais dor. Náuseas. Fico em pé em frente ao WC. Não tenho mais o que vomitar. A dor não passa. São Paulo ainda está muito longe.

2h17: A dor persiste e está cada vez mais forte.

Não tenho mais medicamentos. Tomei todos analgésicos que tinha na carteira. Não é infarto, senão já teria morrido; úlcera perfurada também não. Não tenho hematêmese. Pancreatite? Que dor. Será que consigo chegar a São Paulo? Estou indo para congresso e visitar parente operado de câncer de esôfago. Visitar? Eu estou doente.

4h01: Não aguento mais ficar em pé. Sinto sono, mas tenho a impressão que em pé sinto menos dor.

7h05: O ônibus está chegando na rodoviária. Graças a Deus cheguei. No Pronto-Socorro consulto um gastro. Minha esposa ao lado. Ela está angustiada por me ver gemendo de dor.

– Você não vai para congresso nenhum, e nem para apartamento. Vai para a UTI. É pancreatite! – foi o veredicto do médico.

18h30: Estou num leito de UTI. Minha privacidade já era. Deram-me “banho” com um pano molhado. Colocaram fraldão em mim. Sinto dor, mesmo com morfina. Tenho sorte. Estou bem em frente ao posto médico. Qualquer problema é só chamar...

22h30: Quanta dor. Duas camas à minha direita tem um paciente que não para de gritar, chamando a polícia. Peço ao médico intensivista para fazer sedativo para o coitado dormir. O médico nem olha para mim. O paciente continua gritando.

No posto médico em frente meu leito, no balcão, tem três computadores. Faz mais de duas horas que o médico de plantão está num dos computadores.

– Doutor, doutor...

Não escuta ou não quer ouvir.

– Doutor, doutor...

"Se deres carinho, atenção e ouvires o paciente, já estarás cumprindo com 50% de tua missão."

O médico plantonista que estava de costas se vira e pergunta.

– Tudo bem?

– Estou com muita dor.

– Já vai passar. E se volta para o computador.

5h30: Chega a fisioterapeuta.

– Está tudo bem com o senhor?

– Como pode estar tudo bem se estou aqui, despido de roupas e vaidade, num leito de UTI? Sinto muita dor.

– Já vai passar. Vamos fazer exercícios. Levante os braços, dobre as pernas e respire fundo. Outra vez...

– Estou com muita dor.

– O senhor está indo muito bem. A dor já vai passar.

O senhor está muito nervoso. Procure relaxar.

– Sou médico. Sei quando é dor ou nervosismo.

– Então o senhor sabe que já vai passar.

Que vontade de chorar de tanta dor. Será que vou resistir? Eis que surge outro profissional.

– Sou da endoscopia. Vamos passar uma sonda nasogástrica no senhor.

– Por quê?

– Porque é necessário. O chefe da gastrocirúrgica mandou.

É ruim esta sonda. Parece que estou asfixiando.

– Sou médico da equipe de gastrocirúrgica. O senhor vai ter que operar da vesícula.

– Operar da vesícula, por quê? Minha vesícula não tem nada.

– Tem cálculos na vesícula.

– Isto não é possível. Vi minha tomografia e a vesícula não tem nada. Quero falar com o chefe da gastrocirúrgica...

Hora de visitas. Falo à minha esposa e filha que querem me operar da vesícula sem necessidade. Barraco

armado. Esposa e filha querem falar com o médico chefe de gastro. E o chefe explica para elas: “Foi apenas um engano. Deve ter sido a tomografia de outro paciente que o médico viu”.

Não tinha nome na tomo? Tinha que ter lido o nome.

Esta sonda me incomoda. A dor não quer ceder. Troca plantonista. Fica no computador. Tudo de novo.

– Doutor, doutor... Sinto muita dor!

Já vai passar, diz, e volta a virar-se para o computador.

Troca de plantão. O recém-chegado vai para o computador. Às vezes passa em frente a cada leito, perguntando: está tudo bem?

– Sinto dor.

– Já vai passar - repete.

Volta e fica mais duas horas no computador. Os doentes são os corpos de delito menos importantes neste enorme salão?

Lembro do professor: “Dê atenção, carinho e ouça o paciente. É 50% da Medicina. Também lembro da redação no vestibular de 1970: “Em tempos de cibernética”. Eu não acreditava. Mas ela chegou pra ficar.

Passa um filme em minha cabeça. Quanta saudade de tudo.

Troca de plantão. Trocam os robôs. Sai um da frente do computador e senta outro. Sinto vontade de falar. Com quem? Falar com Deus. É mesmo. É bom. Alivia um pouco minha dor. Sinto-me uma pessoa boa pensando em Deus. Mas, definitivamente odiei tirar temporada em UTI, principalmente sem calor humano.

23 de junho, 14h. Saio da UTI. Ajude-me Senhor, que não precise mais retornar a este mundo robotizado.

Dr. Luiz Geraldi Sobrinho (PR).

PALAVRAS DE MESTRE

“O mítico crê num Deus desconhecido. O pensador e o cientista creem numa ordem desconhecida. É difícil dizer qual deles sobrepuja o outro em sua devoção não-racional”.

L.L. Whyte.



CADERNO DO NORDESTE

Dra. Vera Lúcia de Oliveira e Silva (PR).



Uma história mal contada

No início da década de 60, Luiz Augusto Fernandes, então prefeito de Petrolina, cidade pernambucana próxima ao Piauí, procurou o setor de Arqueologia do Museu do Ipiranga da Universidade de São Paulo com fotos de antigas pinturas em cavernas situadas no sudeste do Piauí. A jovem arqueóloga que o recebeu, Niède Guidon, examinou as fotos e se dispôs a viajar para São Raimundo Nonato, o município mais próximo

daqueles sítios fotografados, naquele tempo desprovido de água, luz elétrica e serviço bancário. Foi. E está lá até hoje. Ela mal sabia, naquele tempo, que ali teria início a saga de sua vida.

Sua primeira tentativa, no final daquele mesmo ano, foi malsucedida: as chuvas bloqueavam qualquer acesso à região. Voltou no começo dos anos 70, inicialmente em visitas periódicas, examinando e catalogando os



sítios arqueológicos que os próprios moradores tinham boa vontade de lhe mostrar. Inspeccionou sete abrigos, onde reconheceu grafismos rupestres e obteve dados suficientes para propor que se constituísse uma missão franco-brasileira para investigar o achado. Sempre que retornava, a população, estimulada por sua primeira demonstração de interesse, mostrava-lhe novos sítios. A contagem tem se mantido impressionante desde então e chega a mais de mil sítios nos dias de hoje. Num determinado momento ela chegou a “proibir” que se encontrassem novos sítios, tão assoberbada se via com o volume de trabalho, já que, para cada sítio encontrado, desencadeava-se uma sequência de afazeres, tais como registrar precisamente a localização, fotografar os paredões recobertos de pinturas rupestres de vários estilos, registrar o estado das pinturas e as eventuais intervenções necessárias à sua preservação, tomar medidas protetoras e por aí afora...

Em 1980 viria a maior de todas as surpresas. Com a intenção de recriar o contexto

em que aquelas pinturas teriam sido produzidas, assunto da tese de doutoramento de Niède Guidon na *Université de Paris IV – Sorbonne* (onde obtivera o título de Especialista em Pré-História, em 1962), ela deu início a escavações sob o mais impressionante dos paredões decorados: a Toca do Boqueirão da Pedra Furada, na Serra da Capivara.

Trata-se de um “grande penhasco em forma de meia lua, com cerca de 80 metros de extensão e 150 metros de altura, com uma inclinação vertical negativa, que forma o abrigo”, adornado com centenas de figuras de diversas tradições e estilos. Ali, seguramente, o homem pré-histórico passou muito tempo, em diferentes ocasiões, e os artistas de então registraram fartamente tais passagens. Ali Niède foi escavar. Foram cinco anos, até chegar ao leito da rocha, sob mais de

três metros de sedimento. Nos estratos escavados, vestígios de fogueiras e de material lítico (artefatos de pedra lascada) foram sendo encontrados, documentados, catalogados e, obviamente, amostrados.

Amostras foram encaminhadas a um laboratório especializado em Gif-sur-Yvette, na França, para datação (lembremo-nos de que há métodos para estabelecer a idade provável de espécimes arqueológicos) e a reação de Niède, ao receber o resultado obtido pelos analistas, foi muito tranquila: “Vocês trocaram minhas amostras com a de outro pesquisador; dezoito mil anos não pode ser a idade da minha amostra, pois não havia seres humanos na América nesta época”. Entretanto, novas amostras enviadas confirmaram a datação. O Professor Walter Neves, da Universidade de São Paulo, é quem nos conta: “Em 1986, em artigo publicado na

Nature, uma das mais importantes revistas científicas do mundo, Guidon e Delibrias davam conta das evidências, encontradas pela primeira; e datadas, em até 32.000

anos, pela segunda”. Não havia mais dúvida possível: no Piauí acabavam de ser descobertas evidências de que, sim, o homem havia chegado à América antes de 11.200 anos AP (antes do tempo presente).

Este limite – 11.200 anos AP – era considerado uma espécie de barreira, por ser a datação mais antiga obtida nas Américas: em 1930, no Novo México, Estados Unidos, foi medida esta idade para vestígios humanos conhecidos como a “Cultura Clóvis”. Esta datação é coerente com a suposta migração humana pré-histórica da Ásia para as Américas, pela chamada Ponte de Bering, ou Beríngia,

Em tal cenário científico, a presença de homens no continente americano, principalmente tão ao sul, como é o caso do Piauí, em períodos mais antigos (num tempo pré-clovisista), não tinha cabimento. Ou seja: o

"O achado de Niède obrigava a repensar não só a idade do americano pré-histórico, como também a rota pela qual os primeiros homens chegaram à América."

achado de Niède obrigava a repensar não só a idade do americano pré-histórico, como também a rota pela qual os primeiros homens chegaram à América.

Depois de Niède, o arqueólogo italiano Fabio Parenti, após escavações minuciosas conduzidas, em 1987-88, no Boqueirão da Pedra Furada, em tese de doutoramento defendida junto à *Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales*, de Paris, confirmou as datações de sua mestra. Igualmente antigas são as datações obtidas pelo casal Denis e Águeda Vialou, em escavações no sul do Mato Grosso, onde vêm pesquisando desde 1983, tendo encontrado, no sítio Santa Elina, evidências de ocupação humana a partir de 25 mil anos atrás.

A discussão que daí decorre continua tirando o sono dos arqueólogos que se deixaram tocar pela seriedade da questão e o assunto está longe de se esvaziar. Entretanto, qualquer que seja a solução que se venha a encontrar para os problemas que as descobertas de Guidon e Parenti trouxeram à baila, há uma verdade inofismável: nós, brasileiros de todas as latitudes, temos, logo ali, no Piauí, um motivo de real orgulho: o Parque Nacional da Serra da Capivara.

Aliás, devemos também a Niède Guidon a constituição do próprio Parque Nacional, que abriga 1.220 sítios arqueológicos (no momento em que escrevo, pois novas descobertas são periodicamente anunciadas), estando 170 preparados para receber visitantes, dos quais 16 acessíveis àqueles com dificuldades para locomoção.

Em 1991, o Parque Nacional da Serra da Capivara foi declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, em função de conter o maior acervo de grafismos rupestres do mundo. Um motivo de justo orgulho para todos nós, brasileiros.

A Fundação Museu do Homem Americano – Fumdam (www.fumdam.org.br) mantém o admirável Museu do Homem Americano, no mesmo bairro sede do parque, dando todo o suporte à proteção e conservação das pinturas rupestres, recolhendo e cadastrando todos os novos achados, fomentando novas investigações e pesquisas científicas. O próprio museu é uma verdadeira joia de civilização contemporânea, a serviço da preservação das evidências de civilizações primitivas que habitaram aquela região. É algo absolutamente admirável.



O PARQUE

O Parque Nacional abrange quatro serras (Capivara, Talhada, Branca e Vermelha) e sua sede fica no Bairro Campestre, em São Raimundo Nonato. Vários circuitos estão disponíveis para a visita ao parque, com guias credenciados, especialmente treinados para ajudar o visitante a compreender o que visita, mas também a se responsabilizar pela sua preservação. O termo “serra” precisa ser compreendido nos termos da geografia local: são mesetas geológicas cuja altitude não ultrapassa os 600 metros, com um desnível de apenas 200 metros em relação ao fundo do vale. Ou seja: com pouco esforço é possível chegar aos pontos mais altos da formação rochosa, com vistas espetaculares em todas as direções. No Baixão das Andorinhas, a revoada das aves, quando retornam a seus ninhos, ao pôr do sol, constitui-se numa experiência inesquecível.

"Em 91, o Parque Nacional da Serra da Capivara foi declarado Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, por conter o maior acervo de grafismos rupestres do mundo."

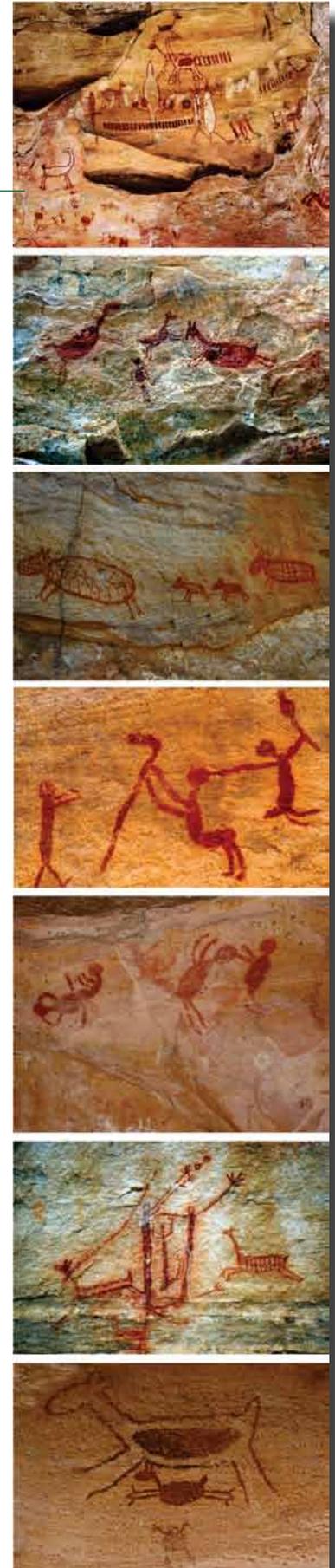
Como se não bastasse, as investigações também revelaram a presença de uma rica paleomegafauna, composta por tatus do tamanho de fuscas, preguiças gigantes, lhamas e mastodontes, cujos restos fossilizados estão expostos no Centro de Visitantes do Parque Nacional.

Para completar, ouçamos novamente o Professor Walter Neves: "A partir da ida de vários especialistas convidados por Niède a participar de seu ousado projeto de pesquisa, várias ações sociais foram sendo desenvolvidas em benefício da carente população local, ações estas que acabaram adquirindo vida própria. Desconheço qualquer outro projeto arqueológico, desenvolvido no mundo, que tenha trazido um impacto tão positivo para aqueles que habitavam e ainda habitam áreas arqueológicas importantes e exploradas". A Cerâmica Serra da Capivara, de produção belíssima; e o Pró-Arte, projeto cultural para jovens e adultos da comunidade – são apenas dois dos exemplos concretos de tais ações de impacto social.

Se você gosta de História e/ou de Arte e/ou de caminhar por trilhas muito bem conservadas, à sombra da caatinga arbórea ou de árvores remanescentes da antiga mata tropical úmida, e em meio a esculturas de arenito modeladas pela Natureza, e/ou se você é um humanista, o Parque Nacional da Serra da Capivara precisa entrar no seu roteiro. Não é muito fácil chegar lá: é preciso ir a Teresina e daí, literalmente, "enfrentar" 502 km até São Raimundo Nonato (no trecho final, a partir de Floriano, o asfalto deu lugar a uma estrada de terra totalmente esburacada); ou chegar até Petrolina (Pernambuco) e daí percorrer longos 470 km até lá (há um percurso cem quilômetros mais curto, cortando caminho pela Bahia, mas encontra-se intransitável pelo estado do trecho baiano).

A viagem é cara e cansativa; as acomodações disponíveis são muito simples; e a alimentação fica a dever à cozinha internacional. Ainda assim, com todas as dificuldades, o custo-benefício é muito bom, porque o valor da visita é incalculável.

Ali está exposto um Brasil que deu certo para nossos ancestrais e que dá certo para nós, ainda hoje, graças à intencionalidade e à perseverança de brasileiros que se inspiram no Passado e endereçam ao Futuro a sua aposta na sobrevivência da Cultura.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Solange. *O Paraíso é no Piauí: a descoberta da arqueóloga Niède Guidon*. Rio de Janeiro: Família Bastos Editora, 2010 (Prefácio de Walter Neves, Professor Titular USP).



Torta Banoffi - fácil e sempre agrada

Um dia fui almoçar na casa de meu amigo Carlos Afonso Maestri e, como fiquei responsável pela sobremesa, comprei uma torta Banoffi na confeitaria do mesmo nome. É claro que a torta estava deliciosa. Eu sempre achei tratar-se de uma sobremesa sofisticada e de difícil execução. Conversando com meu amigo ele me disse que sua sogra tinha uma receita e não era difícil de ser feita. Bingo! Pedi a receita para compartilhar com os colegas.

A origem desta torta é a Inglaterra, onde seu nome original é "Banoffee", derivada da mistura de banana e *toffee*, já que nesta versão é feita com caramelo, posteriormente substituída por doce de leite. O próprio chef inglês Jamie Oliver sugere também uma versão com leite condensado cozido, como a receita que será apresentada pelo Carlos Afonso. Como ele mesmo disse: "fácil e sempre agrada". Eu já fiz e deu certo. Bom proveito.



TORTA BANOFFI

Ingredientes:

- 200g de bolacha maisena moída no liquidificador
- 100g de margarina derretida
- 1 ou 2 latas de leite condensado (depende tamanho da forma), cozidos na panela de pressão por 40 minutos após a fervura.
- 8 a 10 bananas.
- 2 potes de creme de leite de mesa
- 5 colheres de açúcar.

Modo de Preparo:

1. Misture a bolacha moída com a margarina derretida, até ficar uniforme, forre a forma de abrir com esta massa até a metade da altura das laterais. Asse por mais ou menos 15 minutos, não deixando dourar.
2. Depois de assada a massa e morna, espalhe o leite condensado cozido.
3. Corte as bananas ao meio no sentido longitudinal, e as coloque sobre o leite condensado cozido.
4. Bata o creme de mesa com o açúcar em batedeira até ficar um creme. Este creme é colocado sobre as bananas.
5. Leve para geladeira por mais ou menos 1 hora. Depois e só abrir a forma e servir.

*Dica: o leite condensado cozido pode ser substituído por doce de leite.

Pioneiros da Medicina do Paraná

1857

O Primeiro Farmacêutico de Curitiba

Dr. Augusto Stellfeld

Augusto Stellfeld nasceu no Ducado de Braunschweig, na Alemanha, no dia 31 de agosto de 1817. Na terra natal diplomou-se em Farmácia em 1848. Chegou ao Brasil em 1851, passando a residir na Colônia São Francisco, em Santa Catarina. Em 1853 transferiu-se para Paranaguá, no Paraná.

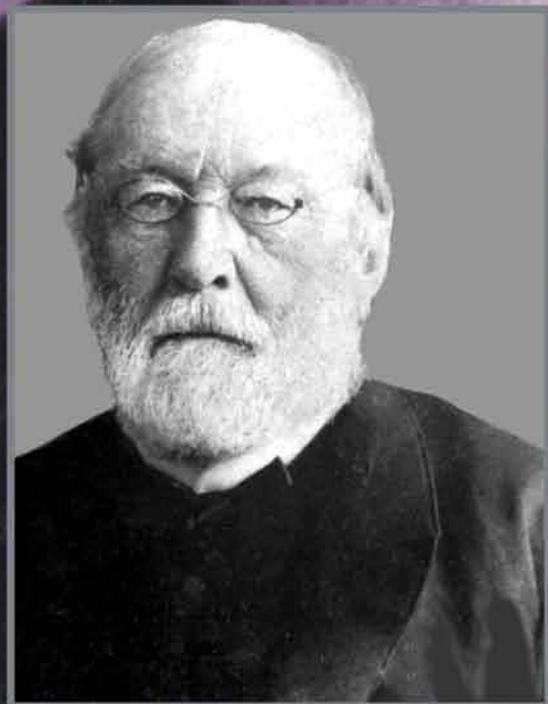
Como não possuísse título legal para exercer a profissão no Brasil, em 1855 Augusto Stellfeld submeteu-se a exame de reavaliação na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sendo aprovado.

Em Curitiba não havia nenhuma botica. Em 8 de abril de 1857 o jornal "Dezenove de Dezembro" publicou o seguinte anúncio: "*Augusto Stellfeld, boticário formado na Alemanha e aprovado pela Academia do Rio de Janeiro, participa ao respeitável público que se acha estabelecido nesta capital com botica completamente sortida, e residindo provisoriamente no hospital da Santa Casa de Misericórdia. O anunciante declara que brevemente passará o seu estabelecimento para a rua Direita, casa do Sr. Miguel Miller.*"

Atuava, com grande dedicação, na comunidade curitibana. Na época os mortos eram enterrados nas igrejas (cidadãos de maior prestígio social) ou no campo. Conseguiu da municipalidade a doação de um terreno para a constituir o Cemitério Protestante. Durante a Guerra do Paraguai, ofereceu ao governo os medicamentos de sua botica gratuitamente, para o tratamento, até o final do conflito, de todas as famílias dos voluntários da pátria. Foi eleito vereador da Câmara Municipal de Curitiba, em 1882, com o maior número de votos.

A Botica Alemã, como então era chamada, iniciou suas atividades no primitivo Hospital da Santa Casa, na rua Direita (rua 13 de maio) e mudou-se logo depois para outro endereço na mesma rua Direita. Em 1866, transferiu-se para prédio próprio no Largo da Matriz (Praça Tiradentes). Permaneceu prestando serviços à Santa Casa, durante muitos anos. Seus descendentes mantiveram a farmácia, já com nome de "Farmácia Stellfeld" até 1970.

Morreu, em Curitiba, no dia 7 de agosto de 1907.





CRM-PR
CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO ESTADO DO PARANÁ

www.crmpr.org.br